

Macau 澳門



EDUCAÇÃO ARTÍSTICA

NOVOS TALENTOS

ECONOMIA

Terceira ronda de subsídios financeiros



ESPAÇO

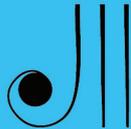
Macau na rota da astrobiologia



BIS DE VERÃO!

VAMOS CURTIR UM VERÃO MUSICAL!

澳門樂團
ORQUESTRA DE MACAU
Macao Orchestra



Mais informações



文化局
INSTITUTO CULTURAL



www.icm.gov.mo/om

05/06/2021 15:30

Concerto do Dia da Criança –
Mapa oculto de DoReMi

Centro Cultural de Macau – Grande Auditório

MOP 250/200/150

15:30



12/06/2021 20:00

Memórias Perenes de Paris

Universidade de Macau –
Aula Magna da Universidade (N2)

19/06/2021 20:00

Indulgência no Piano de Câmara

Teatro Dom Pedro V

MOP 120/100

19/06/2021 17:15

Música na Biblioteca

Biblioteca da Taipa

17:15



26/06/2021 14:30/17:00

Música em Fundação Oriente

Fundação Oriente

10/07/2021 17:15

Música na Biblioteca

Biblioteca da Taipa

17:15



10/07/2021 14:30

Música No Museu De Arte De Macau

Museu De Arte De Macau

17/07/2021 20:00

Expresso Clássico -
Percussão Mágica

Centro de Ciência de Macau -
Centro de Convenções - Salão de Convenções

20:00



24/07/2021 20:00

Charme de Sopros

Teatro Dom Pedro V

MOP 120/100

31/07/2021 20:00

Concerto de Encerramento da
Temporada 2020-21 Haochen Zhang
e a Orquestra de Macau

Centro Cultural de Macau - Grande Auditório

MOP 400/350/250/150

ACTIVIDADES

18/07/2021 11:30

Workshop de Percussão

Auditório do Conservatório de Macau

11:30



31/07/2021 19:00

"Concerto de Encerramento da
Temporada 2020-21"
Conversas Pré-Espectaculo

Centro Cultural de Macau - Sala de Conferências

Sujeita a inscrição, entrada gratuita
Não sujeita a inscrição, entrada gratuita

Macau 澳門

DIRECTORA
Chan Lou

DIRECTORA EXECUTIVA
Amelia Leong

EDITOR EXECUTIVO
Alberto Au

PROPRIEDADE
Gabinete de Comunicação Social
da Região Administrativa Especial de Macau
Avenida da Praia Grande, n.º 762 a 804
Edif. China Plaza, 15.º andar, Macau
Tel: (+853) 2833 2886 Fax: (+853) 2835 5426
e-mail: info@gcs.gov.mo

PRODUÇÃO, GESTÃO E DISTRIBUIÇÃO
Delta Edições, Lda.
Av. Comercial de Macau, 251A-301
AIA Tower, 20.º andar
Tel: (+853) 8294 2274 Fax: (+853) 8294 2399
e-mail: contacto@revistamacau.com
www.revistamacau.com

EDITOR
Luís Ortet

COORDENAÇÃO EDITORIAL
Vanessa Amaro

COORDENAÇÃO DE FOTOGRAFIA
Gonçalo Lobo Pinheiro

LAYOUT
Marta Gregório

DIRECÇÃO GRÁFICA
Ipsis Verbis Communication

COLABORADORES
Andreia Sofia Silva, Catarina Brites Soares, Dalton Siteo (Moçambique),
Marco Carvalho, Marta Curto (Portugal), Paulo Barbosa, Pedro Arede e
Sandra Lobo Pimentel

TRADUÇÃO
Deolinda de Oliveira

FOTOGRAFIA
Gonçalo Lobo Pinheiro, Paulo Cordeiro (Portugal),
Tatiana Lages, Tiago Alcântara e Salvador Sigaupe (Moçambique)

As imagens que estão publicadas nesta edição e não estão creditadas foram adquiridas em diferentes bancos de imagem, devidamente licenciados.

IMPRESSÃO
Tipografia Welfare, Macau

TIRAGEM
1500 exemplares

ISSN: 0871-004X

Escaneie o nosso QR code e siga-nos
nas redes sociais



www.revistamacau.com



www.facebook.com/RevistaMacau

APP DA REVISTA MACAU DISPONÍVEL EM:



Do Editor

Luís Ortet

Faz parte da natureza humana não se contentar com os limites imediatos do espaço em que vive. O instinto da exploração levou a que, em séculos passados, reinos e países se lançassem para além das suas fronteiras em busca do desconhecido.

Mais recentemente, o mesmo impulso levou a que nos lançássemos para além das próprias fronteiras físicas do planeta em que vivemos, em busca de novos mundos, empreendimento em que a República Popular da China tem desempenhado um papel bastante activo. Através da Universidade de Ciência e Tecnologia (MUST, na sigla inglesa), Macau tem dado o seu contributo, como explica, numa entrevista que publicamos nesta edição, um dos investigadores da MUST envolvido no processo.

Voltando às realidades mais próximas do dia-a-dia, nomeadamente a luta contra a pandemia da Covid-19 e os seus efeitos na economia local, o Governo da Região Administrativa Especial de Macau (RAEM) acaba de lançar uma terceira ronda de apoio ao consumo, que visa ajudar os residentes nas suas despesas e, ao mesmo tempo, estimular a economia. Paralelamente continuam a ser levadas a cabo diversas medidas sanitárias de combate à pandemia, nomeadamente o programa de vacinação da população.

Um trabalho desenvolvido sobre o ensino das artes (ou através das artes) aos mais jovens, utilizando métodos inovadores, é destacado na capa desta edição.

Diversos outros temas e secções preenchem as páginas que se seguem. Por exemplo: uma entrevista com o presidente da Confederação de Empresários da Comunidade de Países de Língua Portuguesa (CD-CPLP); o aumento significativo dos aprendentes da língua portuguesa no ensino secundário da RAEM; a gastronomia macaense; as marcas típicas de Macau; os sapateiros da cidade, um ofício que já teve os seus dias, mas agora à beira da extinção; e as estórias e mitos em torno da deusa A-Má, a protectora de Macau.

06

ACONTECEU

As principais notícias que marcam a actualidade de Macau

12

FOTOREPORTAGEM

Museu do Grande Prémio de cara nova



16

PLANO ECONÓMICO

Novos subsídios financeiros para apoiar a população local



22

ENTREVISTA: SALIMO ABDULA

O presidente da Confederação de Empresários da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CE-CPLP) reconhece que os atractivos oferecidos por Macau à lusofonia são muito sedutores

26

RADAR LUSÓFONO

As novidades nas relações comerciais e culturais entre a China e os países de língua portuguesa

30

MARCAS TÍPICAS

O selo “Marca Típica de Macau” tem como grande objectivo divulgar as marcas locais e incentivar os negócios a explorarem novas oportunidades



40

PROFISSÃO: SAPATEIRO

Retrato de uma profissão em vias de extinção

48

PORTUGUÊS NA GRANDE BAÍA

Mais alunos no ensino secundário optam pelas aulas de português





56

APRENDER FORA DA CAIXA

A oferta de espaços que exploram vias alternativas de ensino é cada vez maior. As artes são o ponto de partida de muitos centros dedicados a crianças e jovens que procuram ser uma opção fora da formação convencional.

66

MACAU NA ROTA DA EXPLORAÇÃO ESPACIAL

Entrevista com André Antunes, cientista do Laboratório de Referência Estatal Chinês para as Ciências Lunares e Planetárias e líder da equipa de investigação em Astrobiologia da Universidade de Ciência e Tecnologia de Macau



74

PATRIMÓNIO: CRENÇAS E COSTUMES DE A-MÁ

Têm passado de geração em geração ao longo de séculos e são hoje um testemunho da divulgação e transmissão da cultura popular chinesa em Macau



80

ÁTRIO: JOAQUIM FRANCO

Já teve várias fases nas décadas de dedicação à arte, mas o abstraccionismo é o que domina a obra do artista português radicado na região há mais de 30 anos

86

EVENTOS

Exposições e espectáculos para os próximos meses

88

LIVROS

Novidades e sugestões de leitura

90

MEMÓRIAS: MONUMENTO À VITÓRIA

Um marco na história de Macau

Turismo em franca retoma • Na Semana Dourada de Maio, Macau recebeu um total de 167 mil visitantes, incluindo 156 mil do Interior do País, divulgou a Direcção dos Serviços de Turismo (DST). Os dados mostram que, entre 1 e 5 de Maio, a média de entradas no território atingiu 33.431 turistas por dia, o que significa uma subida de 1,58 vezes face ao volume registado na Semana Dourada do Ano Novo Chinês deste ano. Além disso, este volume reflecte um aumento de 25,4 por cento em comparação com o número diário de visitantes nos dias normais de Abril, embora só represente 20 por cento do contabilizado na Semana Dourada de Maio de 2019. No dia 1 de Maio, foi estabelecido um novo recorde diário desde o início da pandemia, com 45 mil entradas de visitantes.



Não residentes com circulação facilitada entre o Interior do País e Macau • Desde

o início de Maio que os não-residentes estrangeiros que já estejam em Macau podem cruzar a fronteira com o Interior do País e regressar sem ter de cumprir quarentena no outro lado. Entre os abrangidos pela medida contam-se familiares de residentes de Macau que estejam no território ou portadores de título de entrada para finalidade de trabalho. O despacho do Chefe do Executivo com a nova medida foi publicado em Boletim Oficial e substituiu um outro que estava em vigor desde Dezembro do ano passado. Leong Iek Hou, do Núcleo de Prevenção e Doenças Infecciosas e Vigilância da Doença, explicou as diferenças entre as duas políticas. “Os destinatários desta nova política são os que não são residentes de Macau, Hong Kong, Taiwan e o Interior da China, ou seja, estrangeiros. O antigo despacho dizia que para entrarem em Macau as pessoas tinham de ficar 21 dias na China, o novo despacho diz que para além da China nos 21 dias anteriores as pessoas podem também ter estado em Macau. Ou seja, se não tiver saído de Macau ou da China, são destinatários deste despacho.”



Qualidade do ar melhorou em 2020 • A poluição atmosférica em Macau melhorou no ano passado, com o número de dias com qualidade do ar “bom” observado em todas as estações de monitorização a ser superior ao registado em 2019. As estatísticas do ambiente mostram ainda que relativamente ao número de dias com qualidade do ar “insalubre”, em todas as estações se observaram “decréscimos significativos”. De acordo com o documento publicado pelos Serviços de Estatísticas e Censos (DSEC), os números de dias com qualidade do ar “bom” das estações de alta densidade habitacional da Zona Norte e da Taipa cresceram 66 e 58 dias, respectivamente, em termos anuais. Por outro lado, não se registou nenhum dia em 2020 com qualidade do ar “insalubre” na estação de berma da estrada da Rua do Campo, nem nas estações de alta densidade habitacional da Zona Norte e da Taipa. No que se refere às partículas inaláveis em suspensão (PM10) e às partículas finas em suspensão (PM2,5), “nenhuma estação registou valores superiores ao respectivo valor padrão em nenhum dia de 2020”.

Macau assinala Dia Mundial da Língua Portuguesa com entrega de livros

Quando se celebrou, pela segunda vez, o Dia Mundial da Língua Portuguesa, instituído pela UNESCO em Novembro de 2019, o Consulado-Geral de Portugal em Macau e Hong Kong em colaboração com o Instituto Camões e o Instituto Português do Oriente (IPOR), realizaram uma acção de entrega de cerca de 500 livros a um total de 39 escolas. O cônsul-geral de Portugal na RAEM, Paulo Cunha Alves, disse, em declarações à imprensa, que “Macau tem todas as potencialidades para ser, no futuro, uma plataforma para o ensino da língua portuguesa no Oriente – não só na China, mas no Oriente no seu todo”. Paulo Cunha Alves destacou a acção “louvável” do IPOR que chega ao Interior do País, mas também a locais como Vietname ou Austrália – uma acção de “multiplicação dos focos” de ensino do português que é “importante continuar”.



Traçado da Linha Leste do Metro Ligeiro reúne consenso

A Sociedade do Metro Ligeiro divulgou em Maio os resultados da consulta pública sobre o projecto da Linha Leste do Metro Ligeiro. Entre 4 de Setembro e 2 de Novembro do ano passado, o Governo recebeu 91 propostas com 216 opiniões válidas. Em geral, o público não tem opiniões contrárias ao traçado nem às localizações das estações, assegurou a Sociedade, afirmando que estas orientações servirão de base para o trabalho de concepção da próxima fase. O projecto prevê uma ligação subterrânea entre as Portas do Cerco e o Terminal Marítimo da Taipa em 15 minutos. A linha terá 7,65 quilómetros de comprimento e será composta por seis estações, cruzando a Zona A e a Zona E dos Novos Aterros, sem passar pelo centro da Península. Segundo o relatório da consulta, entre as 216 opiniões, 31 por cento incidiram sobre o “design das estações”, 28 por cento colocaram a atenção na “proposta do itinerário da linha”, 20 por cento prendem-se com o “custo e empreitada”, 15% têm a ver com o “sistema do Metro”, enquanto apenas três por cento estão relacionadas com a questão do “ambiente e salvaguarda”.

Governo reforça orçamento para combater pandemia

O Governo de Macau prevê aumentar as despesas do orçamento de 2021 em 8,3 mil milhões de patacas, recorrendo à reserva financeira para fazer face aos gastos no combate à pandemia. A proposta de lei, submetida com carácter de urgência à Assembleia Legislativa, prevê o “reforço da despesa do orçamento ordinário” no montante de 8,3 mil milhões de patacas”, informou o Executivo em comunicado. “Antes da alteração [orçamental], o valor total da despesa do orçamento ordinário integrado era de 95,2 mil milhões de patacas”, subindo agora para “103,5 mil milhões de patacas”, explicou a subdiretora da Direção dos Serviços de Finanças, Ho In Mui. O Governo vai para isso recorrer à reserva extraordinária, reforçando as receitas em 9,1 mil milhões de patacas, e reduzindo em paralelo “outras receitas do mesmo orçamento, no montante de 807 milhões de patacas. O Executivo precisou que a proposta de lei introduz ainda medidas especiais de benefícios fiscais, como a isenção do imposto de turismo nos serviços prestados pelos estabelecimentos hoteleiros e similares, de 11 de Maio até 31 de Dezembro de 2021. As alterações propostas destinam-se ainda a “reforçar as despesas orçamentais dos Serviços de Saúde para efeitos de prevenção e de combate ao surto epidémico”, além de financiar o programa de promoção do consumo local ou as medidas previstas no plano de garantia do emprego e estabilização da economia, bem como “as despesas orçamentais destinadas às obras de construção no Posto Fronteiriço da Parte de Macau do Posto Fronteiriço Hengqin, entre outras”.





Macau e Hangzhou estreitam laços na área da educação • A Secretária para os Assuntos Sociais e Cultura, Ao Ieong U, reuniu-se, em finais de Abril, com uma delegação chefiada por Chen Xinhua, membro do comité permanente e chefe do Departamento da Frente Unida do Partido Comunista da China (PCC) do município de Hangzhou, para discutir o reforço da cooperação na educação entre Macau e a capital da província de Zhejiang, a promoção do intercâmbio entre jovens e a realização de estágios para estudantes do ensino superior, entre outras matérias. Após a reunião, representantes da Direcção dos Serviços de Educação e de Desenvolvimento da Juventude de Macau e da Frente Unida do PCC em Hangzhou assinaram memorandos de cooperação sobre o “Desenvolvimento da Educação e no Intercâmbio de Jovens Estudantes”, bem como nas “Áreas da Educação e da Ciência”. Além disso, a Universidade de Macau e a Universidade Normal de Hangzhou assinaram um memorando nas áreas da Educação e da Ciência, com o objectivo de estabelecer um mecanismo de visitas e cooperação, reforçando a colaboração em projectos de formação educacional, investigação científica e intercâmbio de docentes e estudantes, entre outros pontos.

Taxa de ocupação da Air Macau chega aos 50% • A Air Macau transportou mais de 127 mil passageiros no primeiro trimestre deste ano, com uma taxa de ocupação de 50,44 por centp, e assegurou 62,6 por cento do movimento no aeroporto local. A média mensal entre Janeiro e Março reflecte uma subida de 47 por cento face à segunda metade de 2020. Com a pandemia controlada no Interior do País e a eliminação gradual de restrições às viagens entre o Interior da China e Macau, a transportadora da RAEM tem aumentado os voos e o volume de passageiros. O programa dos voos planeados pela Air Macau para o período entre 1 de Maio e 30 de Junho continua a integrar apenas ligações para cidades do Interior do País e Taipé. De acordo com a última actualização ao mapa publicado no site da transportadora, estão planeados voos diários para Pequim, Xangai, Nanquim, Hangzhou, Ningbo, Xiamen e Chengdu. O calendário integra ainda quatro ligações semanais para Tianjin, Qingdao, Wenzhou, Chongqing e Changzhou (neste caso passam a diárias em Junho) e três para Taiyuan, Zhengzhou, Yiwu e Nanning. Entre 1 e 27 de Junho, a transportadora deverá operar dois voos semanais para Taipé.



Arborização em ritmo acelerado • O Instituto para os Assuntos Municipais (IAM) já plantou quase 4000 das 5000 árvores planeadas para os anos de 2020 e 2021 em faixas verdes e passeios de artérias principais de todas as zonas de Macau. Neste plano, que visa elevar a qualidade da arborização urbana, o organismo deu prioridade a espécies com melhor resistência ao vento e à seca. “Para além da realização da fotossíntese, absorção de dióxido de carbono, emissão de oxigénio, bem como redução do efeito estufa, as árvores dispõem ainda de capacidade de captação de material particulado, purificam o ar e resistem ao vento. Por isso, a plantação de árvores tem um impacto positivo no ambiente ecológico e até na vida humana”, frisou o IAM. A meta para 2021 aponta para um total de 3.200 árvores adicionais, sendo que 2.118 já foram plantadas no primeiro trimestre, em locais como a Rua do Comandante João Belo, Avenida Marginal do Lam Mau e Rua do Almirante Sérgio (Península), Avenidas Cidade Nova, dos Jogos da Ásia Oriental e Marginal Flor de Lótus, e na Estrada da Ponta da Cabrita (Taipa), e nas Estradas do Istmo e de Seac Pai Van (Coloane). O IAM já reservou locais para a plantação das restantes árvores, prevendo terminar esta tarefa no terceiro trimestre. Após este plano, irá ainda procurar espaços apropriados para prosseguir a plantação de árvores, a fim de elevar a arborização urbana.



Educação: menos alunos no infantil, mais na primária • Apesar de a Direcção dos Serviços de Educação e Desenvolvimento da Juventude (DSEDJ) antecipar uma quebra de quase 10 por cento nas inscrições de alunos do ensino infantil no próximo ano lectivo, o número de alunos a frequentarem o ensino básico irá chegar aos 80 mil – mais 2000 do que no actual ano lectivo. O director da DSEDJ, Lou Pak Sang, explicou que entre 2012 e 2014 houve um pico de nascimentos na RAEM e, por isso, as vagas aumentaram no ensino infantil. Agora, com uma ligeira quebra na natalidade, a necessidade de vagas para o ensino infantil diminuiu, enquanto que para o ensino básico há uma maior demanda.



Macau cria Comissão de Trabalho para a Integração no Desenvolvimento Nacional

• O Chefe do Executivo de Macau, Ho Iat Seng, criou em Maio a Comissão de Trabalho para a Integração no Desenvolvimento Nacional, através de um despacho executivo publicado no Boletim Oficial da RAEM. O novo órgão, liderado por Ho Iat Seng, vai coordenar a participação da cidade na iniciativa “Uma Faixa, Uma Rota” e no desenvolvimento da Região da Grande Baía Guangdong-Hong Kong-Macau. As competências da comissão incluem estudar e definir as políticas, estratégias e medidas necessárias para transformar Macau numa Plataforma de Serviços para a Cooperação Comercial entre a China e os Países de Língua Portuguesa. Segundo o despacho, a comissão vai substituir vários órgãos, incluindo a Comissão para o Desenvolvimento da Plataforma de Serviços para a Cooperação Comercial entre a China e os Países de Língua Portuguesa, criada em 2016.

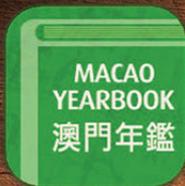


• Os Serviços de Saúde revelaram que o sistema de inteligência artificial de assistência na terapia de fala, que poderá ajudar até 3000 crianças com necessidades especiais, já entrou na fase de investigação, do *design* e preparação do programa. O sistema funcionará através de interacções e treinos de fala por parte dos terapeutas ou professores de educação especial com duas interfaces ligadas online, permitindo que os alunos beneficiem desses serviços em casa com o auxílio dos pais. Os Serviços de Saúde frisam, porém, que este sistema não irá substituir o papel dos terapeutas.



• O Governo de Macau criou uma equipa de saúde para se deslocar a instituições universitárias, empresas e *resorts* para facilitar a inoculação da população local contra a Covid-19. A primeira instituição a receber a vacinação fora dos locais habituais foi a Universidade de Macau, numa campanha aberta a todos os estudantes e trabalhadores. O objetivo deste plano é “aumentar a taxa de vacinação”, indicaram, acrescentando que o Governo está em contactos com mais instituições, incluindo *resorts* e operadoras de jogo, de forma a alargar este plano. Ao todo, vão chegar a Macau cerca de 1,5 milhões de vacinas.





<http://yearbook.gcs.gov.mo>

“Macau 2020 - Livro do Ano” em formato digital já publicado

As versões em chinês, português e inglês em formato digital do “Macau 2020 - Livro do Ano” produzidas pelo Gabinete de Comunicação Social do Governo da Região Administrativa Especial de Macau, foram publicadas.

O anuário “Macau 2020 - Livro do Ano” regista de forma sistemática o desenvolvimento político-económico e sócio-cultural do território, disponibilizando, ao longo das suas páginas, dados e informação variada para todos quantos desejam estudar e compreender melhor Macau.

Desde 2002 que o “Macau - Livro do Ano” é publicado em três línguas, chinês, português e inglês. Com 252 fotografias, 581 páginas (versão chinesa), 722 páginas (versão portuguesa) e 667 páginas (versão inglesa), o “Macau 2020 - Livro do Ano” está dividido em quatro secções: prioridades da acção governativa da RAEM; cronologia dos acontecimentos mais relevantes; apresentação geral da RAEM; e apêndices com informação útil e dados estatísticos.

A apresentação geral da RAEM retrata as prioridades no âmbito

da Administração, Legislação e Justiça realizadas em 2019, das quais fazem parte quinze capítulos que cobrem as seguintes áreas: sistema político e administração; ordenamento jurídico e sistema judicial; relações externas; economia; turismo; ordem pública; educação; cultura e desporto; saúde pública e assistência social; comunicação social, telecomunicações e tecnologia da informação; solos, infra-estruturas, habitação e entidades públicas; transportes; geografia e população; religiões e hábitos; e história.

Tomando em consideração a popularidade da leitura em formato digital e a protecção ambiental, a partir de 2016, o “Macau - Livro do Ano”, tanto na língua chinesa, como na portuguesa e na inglesa, deixou de ser publicado em suporte papel. Entretanto, facultamos mais informações, fotografias bem como vídeos, para responder à procura dos leitores.

Os interessados podem consultar a página electrónica do “Macau 2020 - Livro do Ano” (<https://yearbook.gcs.gov.mo>) ou fazer o download da seguinte aplicação.

Museu do Grande Prémio de cara nova

Fotos | Gonçalo Lobo Pinheiro

O renovado Museu do Grande Prémio de Macau abriu parcialmente ao público em Abril, com venda de bilhetes *online*, através de reserva prévia, e com a Direcção dos Serviços de Turismo (DST) a prever cerca de 23 mil pessoas numa média diária de visitas nos primeiros tempos.

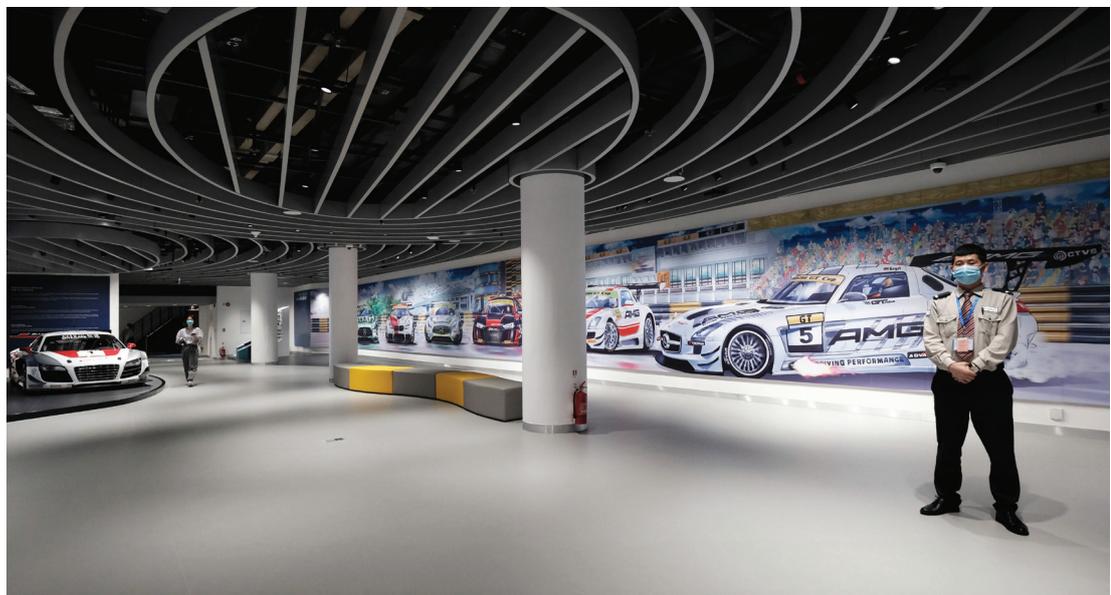
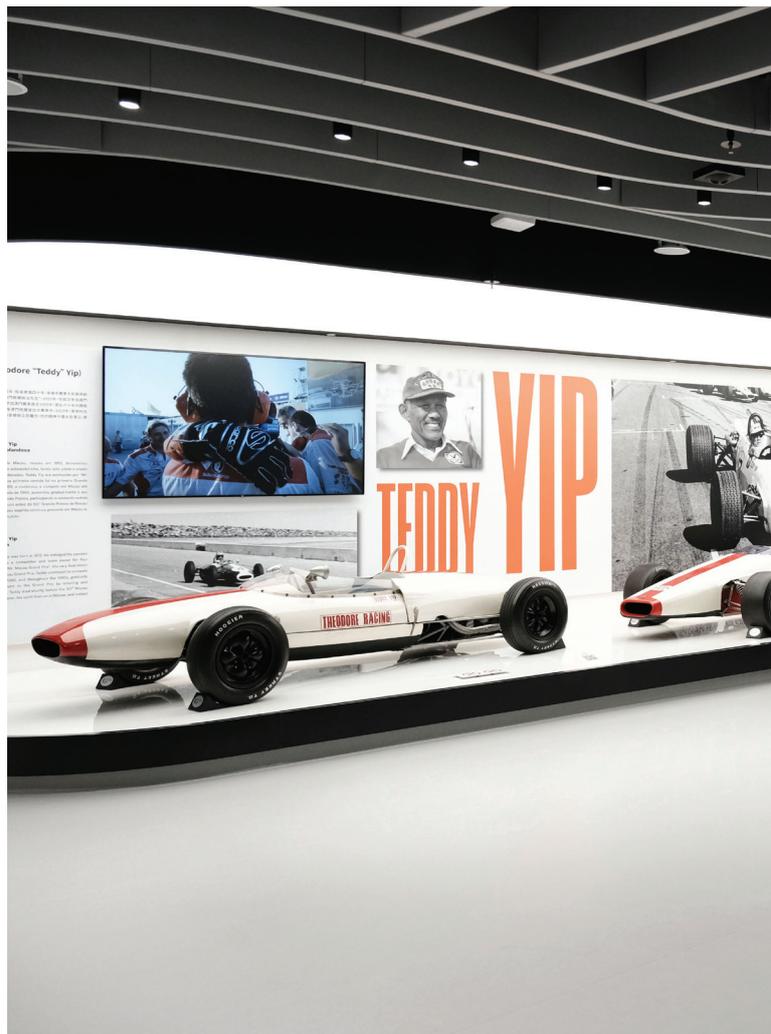
O museu ocupa o mesmo lugar do anterior, na Rua de Luís Gonzaga Gomes. Está aberto ao público todos os dias, inclusive aos sábados, domingos e feriados, com bilhetes a metade do preço inicial de 20 patacas para residentes de Macau, 40 patacas para não residentes e grátis para crianças, idosos com mais de 65 anos, estudantes e residentes com deficiência.

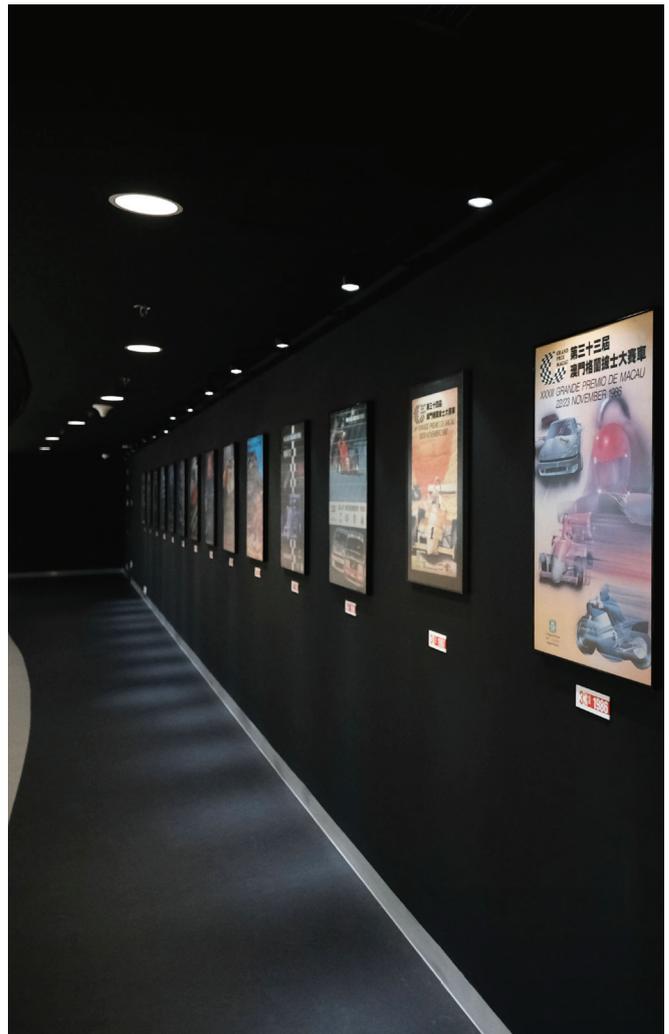
O espaço, conforme pode ver na fotorreportagem, distribui-se por quatro pisos num total de 16 mil metros quadrados, o que significa um aumento de seis vezes mais em relação ao antigo museu. No rés-do-chão está instalada uma zona dedicada ao piloto vencedor da primeira edição do evento, um modelo do Circuito da Guia com tecnologia de projecção vídeo *mapping* a 3D, entre outras instalações. No primeiro piso, estão em destaque os primeiros tempos das corridas de Fórmula 3 do Grande Prémio de Macau. As motas têm destaque no segundo andar, onde se pode ver em exposição um modelo de uma mota desmontada, bem como experienciar

uma corrida em realidade virtual. Na cave o destaque vai na sua totalidade para as corridas locais: Taça GT Macau e a Corrida da Guia Macau.

Um das grandes novidades é o mural do conceituado artista português Alexandre Farto, conhecido por Vhils, um retrato do malgrado piloto brasileiro Ayrton Senna que em 1983 venceu uma das corridas mais importantes da sua carreira na Fórmula 3 no Circuito da Guia ao volante de um bólido da histórica equipa de Teddy Yip, a Theodore Racing.

As obras de remodelação do museu obtiveram a Certificação de Ouro para novas construções (na categoria de *design* e construção) da Leadership in Energy and Environmental Design, uma certificação não-governamental dos Estados Unidos da América, revelou a DST. **M**











A inscrição do Plano de benefícios de consumo por meio electrónico arrancou em Maio

Governo retoma apoios à população

É a terceira ronda de apoios do Executivo desde o início da pandemia. Os objectivos são os mesmos: ajudar a população e dinamizar a economia face aos desafios colocados pela crise mundial gerada pelo novo coronavírus

Texto | Catarina Brites Soares

O Governo lançou um novo plano de apoio ao consumo em Abril, num total que ronda as 5,9 mil milhões de patacas. Entre outras medidas, os residentes de Macau vão receber 8000 patacas de forma faseada: através de um subsídio directo de 5000 patacas e através da atribuição de 3000 patacas em descontos imediatos, tendo como referência o modelo do cartão de consumo adoptado no ano passado (VER INFOGRAFIA).

As políticas visam responder ao impacto da pandemia que obrigou Macau a encerrar fronteiras há mais de um ano. O pacote de medidas de estímulo económico vai prolongar-se até ao fim de 2021. Apesar de ser a terceira vez que o Executivo investe em apoios, há diferenças. “As medidas de 2020 foram de carácter emergencial e agora, já numa fase de recuperação económica, achamos que essa emergência já não existe”, explicou o secretário para a Economia e Finanças.

Lei Wai Nong sublinhou que se pretende “revitalizar a economia e reforçar a confiança em conjunto”. “Este plano começou a ser feito ainda em 2020. Neste momento a circulação económica está noutra fase. Dentro dos limites, queremos criar um plano adequado para enfrentar as coisas como estão a acontecer”, disse o governante, que não afastou a possibilidade de haver mais ajudas no futuro.

“Espero, sinceramente, que este plano possa estimular uma boa recuperação económica”, ressaltou o secretário,

depois de assumir ter esperança que a vacinação, levada a cabo dentro e fora da região, ajude na recuperação económica.

O QUE SE SEGUE

A distribuição antecipada da comparticipação pecuniária foi uma das decisões do Executivo. O cheque – de 10 mil patacas para residentes permanentes e 7000 para os não permanentes – foi enviado a partir de Abril.

À semelhança do que sucedeu antes, o incentivo ao consumo de forma mais directa também volta a ser a prioridade nas benesses concedidas aos locais. O pacote, que inclui diferentes modalidades, custará aos cofres públicos perto de 5,9 mil milhões de patacas.

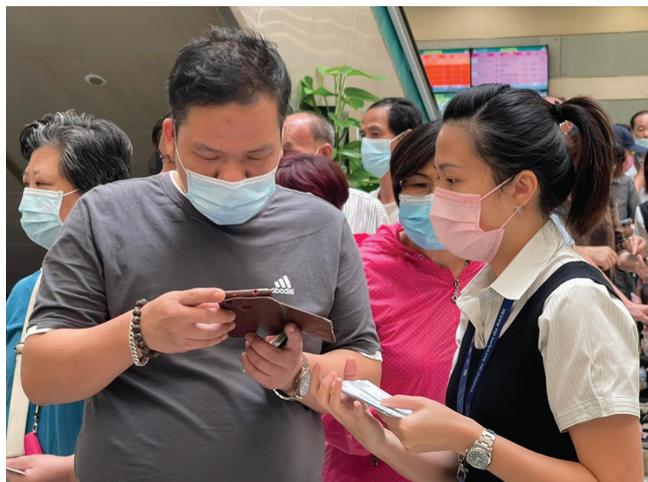
Cada residente, permanente ou não permanente e de todas as idades, vai ter acesso a 8000 patacas para usar entre Junho e Dezembro. Lei Vai Nong frisou que o plano visa “promover o consumo” e “aliviar as dificuldades da população”, depois de ouvidas “diversas opiniões da sociedade”.

Tal como aconteceu antes, os habitantes podem gastar num máximo de 300 patacas por dia em consumo até perfaizerem o total das 5000 patacas atribuídas a cada um. Relativamente às 3000 patacas, cada consumidor obtém um desconto imediato de 25 por cento cada vez que fizer uma compra em estabelecimentos e áreas subsidiados pelo Governo.

O director dos Serviços de Economia e Desenvolvimento Tecnológico explicou que os apoios podem ser acumulados. Tai Kin Ip exemplificou



Formação de pessoal da linha da frente promovida pela AMCM



Os funcionários dos postos de serviços prestam apoio aos residentes na inscrição





Reunião de coordenação entre a DSEDT, a AMCM e os serviços e entidades públicas

que um produto que custe 400 patacas pode ser adquirido de forma gratuita se forem usadas 100 patacas do desconto imediato (25 por cento do preço total neste caso), mais o limite máximo diário de 300 patacas.

Quando as 5000 patacas do subsídio acabarem, mas os residentes ainda tiverem saldo do valor para descontos, podem fazer carregamentos no cartão para continuarem a beneficiar desses descontos até que as 3000 patacas se esgotem.

Os apoios não podem ser usados para pagamentos ligados ao sector do jogo, para tarifas de água e energia eléctrica,

serviços de turismo no exterior, serviços médicos, bancos, instituições financeiras e casas de penhores.

A inscrição online, entre Maio e Dezembro, deve ser feita através da Autoridade Monetária de Macau. Os residentes podem optar pelo meio de pagamento móvel ou o cartão de consumo electrónico, lançado no ano passado durante as primeiras duas rondas de subsídios à população.

Se for escolhido o meio de pagamento móvel, as verbas são injectadas automaticamente na conta no início do período de utilização. Caso seja escolhido o cartão, é ne-

cessário fazer o carregamento durante o prazo fixado. Em relação aos residentes menores, os benefícios serão levantados pelos pais.

“O projecto de melhoramento visa promover o consumo e, em simultâneo, aliviar as dificuldades da população de modo a estabelecer um maior equilíbrio entre estas duas vertentes, simplificando e melhorando também os processos em termos de utilização, proporcionando maiores conveniências aos residentes e ampliando o âmbito dos beneficiados”, refere a nota publicada pelo Gabinete de Comunicação Social (GCS).

**OS RESIDENTES PODEM
OPTAR, ATÉ DEZEMBRO, PELO
MEIO DE PAGAMENTO MÓVEL
OU O CARTÃO DE CONSUMO
ELECTRÓNICO**



Os representantes da DSED e da AMCM visitaram vários bairros comunitários esclarecer dúvidas

OUTROS ESTÍMULOS

Para estimular o Turismo, o Governo reservou mais de 120 milhões de patacas que incluirá a distribuição de dinheiro pela população para gastar em refeições, alojamento e excursões na cidade.

Similar ao programa “Vamos Macau!”, criado no ano passado, haverá uma nova versão com a mesma filosofia: cada residente terá direito a um subsídio de viagem de 280 patacas para gastar num roteiro turístico e 200 patacas para alojamento em hotéis na cidade – uma novidade face aos apoios de 2020.

Repetindo outra prática de

2020, o Governo voltou a aplicar um plano de redução e isenção fiscais. Os 70 por cento colectados de imposto profissional referente a 2019 deverá ser devolvido até ao limite máximo de 20 mil patacas. Já o imposto complementar sobre o rendimento será também ajustado com a dedução da colecta de impostos até 300 mil patacas, “beneficiando as empresas comerciais que incluem as pequenas e médias empresas”. Também será isentado o imposto de turismo de cinco por cento sobre o consumo em estabelecimentos hoteleiros, bares, ginásios e karaokes.

O incentivo à formação é ou-

PLANO DE BENEFÍCIOS DE CONSUMO



SUBSÍDIO MOP 5000 + MOP 3000 em descontos imediatos

OBJECTIVOS



Estabilizar a economia; Garantir emprego; Promover o consumo; Alargar a procura interna;

PERÍODO

Junho a dezembro de 2021

MÉTODO

Pagamento com telemóvel, através de uma carteira digital; Cartão de Consumo - carregamento do valor em cartão

INSCRIÇÃO

Sistema online da Autoridade Monetária - entre Maio a Dezembro de 2021

EXEMPLOS

BEBIDA

Preço → MOP 4 | Desconto imediato → MOP 1
Valor a pagar → MOP 3

PÃO

Preço original → MOP 9,60
Desconto imediato → MOP 2,40
Valor a pagar → MOP 7,20

PRODUTOS PARA BEBÉS

Preço original → MOP 400
Desconto imediato → MOP 100
Valor a pagar → MOP 300

ÁREAS INTERDITAS

Jogo; Pagamentos de água, energia, combustíveis, telecomunicações e radiotelevisão; Medicinas convencional e chinesa; Bancos, seguradoras e outras instituições financeiras; Casa de Penhores.

Apresentação dos procedimentos de inscrição pelos representantes da AMCM

A inscrição no novo plano pode ser feita de forma totalmente online e simplificada



tra das apostas, tal como tinha acontecido nas rondas anteriores. Desta feita, o Governo gastará 334 milhões de patacas para apoiar trabalhadores que, apesar de empregados, estão em regime de licença sem vencimento. O intuito é que recorram a formação por meio de um incentivo de 5000 patacas, que receberão após a conclusão do curso.

**OS RESIDENTES TAMBÉM
PODEM APROVEITAR OS
SUBSÍDIOS NO SECTOR DO
TURISMO PARA REALIZAREM
EXCURSÕES OU PERNOITAREM
EM HOTÉIS LOCAIS**



Os funcionários dos serviços públicos, das instituições financeiras e das instituições de solidariedade social prestaram apoio aos residentes com necessidades para inscrição

PASSEIOS GASTRONOMIA E ESTADIA PARA RESIDENTES DE MACAU

É este o título do novo programa dos Serviços de Turismo que pretende apoiar a indústria, criando postos de trabalho. Até 31 de Dezembro deste ano, os residentes podem gastar subsídios em excursões na cidade que incluem passeios, gastronomia e estadia em hotéis.

“Para além de se continuar com a experiência de viagem de helicóptero, que no ano passado foi muito bem acolhida pelos residentes de Macau, os actuais roteiros foram especialmente desenhados com novos destaques de ‘turismo + cultura’, ‘turismo + desporto’, ‘turismo + ecologia’”, explica a Direcção dos Serviços de Turismo (DST).

Os roteiros temáticos incluem, por exemplo, a exploração aos edifícios antigos da Vila de Nossa Senhora de Ká-

-Hó; visita para aprendizagem das ciências ambientais nas Zonas Ecológicas do Cotai; visitas de experiência à Realidade Virtual, aos museus de Cera de Celebidades, do Grande Prémio de Macau e das Ofertas sobre a Transferência de Soberania; experiência de apreciação da cultura musical dos jovens; passeio de helicóptero e sessão fotográfica num iate.

Cada residente tem direito a um subsídio para uma excursão local no valor máximo de 280 patacas e um cartão de refeição no valor de 100 patacas. Se já tiver sido usado o subsídio, o preço das excursões varia entre 28 e 518 patacas, e inclui o passeio, o guia turístico e o seguro. As excursões estão disponíveis em chinês, português e inglês, “a fim de satisfazer as necessidades dos diferentes residentes de Macau”, sublinha o organismo.

Entre Abril e Junho e entre



Conferência de imprensa sobre o projecto de melhoramento do Plano de benefícios do consumo por meios electrónicos, realizada pelo Governo

Setembro e Dezembro, as excursões por Macau vão decorrer apenas durante os fins-de-semana e feriados, enquanto que nos meses de Julho e Agosto terão lugar diariamente.

Sobre as estadias – conhecidas como staycation –, os serviços anunciam uma novidade. Desta vez, as autoridades acrescentaram ao plano subsídios noites em hotéis locais. “Para que os residentes de Macau, na impossibilidade de sair de férias, possam gozar a alegria de uma viagem de curta duração na cidade, os ‘Passeios, gastronomia e estadia para residentes de Macau’ desta vez contam ainda com a estadia em hotéis locais.”

Cada residente poderá receber um subsídio de 200 patacas para uma estadia num hotel, e cada quarto de hotel poderá receber um subsídio de 400 patacas, no máximo, para dois residentes.



Prosseguem as excursões dos Passeios, gastronomia e estadia para residentes de Macau

A DST salienta que o programa conta com a participação de um grande número de espaços e proporciona diferentes tipos de experiências. “Alguns hotéis fizeram inclusive pacotes adicionando programas turísticos e alojamento, enquanto outros integraram pacotes de alojamento em hotéis com produtos de estabelecimentos comerciais dos bairros comunitários”, detalha a DST.

Actualmente, segundo os dados dos serviços, 161 agências de viagens, mais de 800 profissionais de turismo, cerca de 70 hotéis e pensões, e quase 500 guias turísticos locais estão inscritos para participar nos “Passeios, gastronomia e estadia para residentes de Macau”. Os serviços realçam que há um número “mais elevado de profissionais, em comparação com os que participaram na iniciativa ‘Vamos! Macau! Excursões Locais’ do ano passado”. M

SALIMO ABDULA, PRESIDENTE DA CE-CPLP

“Queremos transferência de tecnologia para criar mais oportunidades de emprego”

O presidente da Confederação de Empresários da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CE-CPLP), Salimo Abdula, reconheceu que os atractivos económicos oferecidos por Macau à lusofonia são sedutores. Em entrevista à MACAU, Abdula também falou dos interesses do empresariado dos países de língua portuguesa em relação ao mercado asiático no geral, e chinês, em particular. Acompanhe as partes relevantes deste diálogo nas próximas linhas

O presidente da Confederação de Empresários da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CE-CPLP), Salimo Abdula, reconheceu que os atractivos económicos oferecidos por Macau à lusofonia são sedutores. Em entrevista à MACAU, Abdula também falou dos interesses do empresariado dos países de língua portuguesa em relação ao mercado asiático no geral, e chinês, em particular. Acompanhe as partes relevantes deste diálogo nas próximas linhas.

Que leitura faz do nível de inserção do empresariado dos países de língua portuguesa na China e no continente asiático?

Ainda não estamos no nível desejável. A China atingiu um grau económico, de conhecimento e capacidade que a elevou ao patamar de grande potência. Isto obriga a todos que pretendem trabalhar com a China a estarem devidamente organizados. Como Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP), defendemos que só será possível atingirmos o nível desejado de inserção do nosso empresariado na China se unirmos as nossas valências e nos organizarmos em bloco. E já estamos a caminhar nesse sentido. Contudo, desde a criação do Fórum de Macau, em 2003, a esta parte,

as trocas comerciais entre a China e os países de língua portuguesa aumentaram 11 vezes. Também as áreas de cooperação sino-lusófonas subiram de sete para duas dezenas. Só para termos uma ideia, em 2018, as trocas comerciais entre a China e os países lusófonos atingiram a fasquia dos 130 mil milhões de euros, um aumento de 25,3 por cento em relação a 2017.

Em que passo está a formação do bloco?

É um processo que é construído respeitando diversas etapas. Um bloco económico é uma visão futurista. E o primeiro passo para lá chegar é a livre circulação de pessoas nos países que integram a CPLP. Já há um consenso dos Estados-membros nesse sentido. Depois, como empresários, vamos defender e envidar esforços no sentido de a CPLP criar condições e advogar junto dos governos a necessidade da livre circulação de bens e capitais, criação de ponte aérea entre os Estados-membros, abolição dos vistos de entrada, e estabelecimento do tribunal de arbitragem da CPLP. Com estas condições criadas, mais facilmente os empresários farão a sua parte de modo a atingir a dimensão económica suficiente para uma maior inserção na Ásia.



Como interpreta o facto de Macau ter sido considerado pelo Governo Central uma plataforma comercial e de investimentos para os países de língua portuguesa?

Esse facto demonstra o interesse da China na CPLP. O exemplo de que Macau nos liga à China está na existência do Fórum de Macau. E esta plataforma se traduz em enormes oportunidades para os países de língua portuguesa, uma vez que os projectos que a China tem para Macau demandam muita mão-de-obra, matéria-prima e serviços, que em conjunto os nossos países poderão providenciar.

Que tipo de interesses o empresariado da

CPLP tem em relação ao mercado chinês e asiático?

Temos sido mais consumidores do mercado asiático. Na prática, o que temos vendido é matéria-prima para a China. Precisamos equilibrar a nossa balança. É necessário fazermos parcerias para que haja transferência de tecnologia. Pretendemos que o processamento da matéria-prima possa acontecer dentro dos nossos países. A CPLP tem matéria-prima e uma população muito jovem, que precisa de trabalhar. Exportando apenas a matéria-prima em bruto para China não estamos a criar postos de trabalho. As parcerias entre o empresariado lusófono e chinês irão conduzir à abertura de mais fábricas nos nossos países, oferta de emprego à



PERFIL

Nascido numa família humilde em Moçambique há 55 anos, Salimo Abdula conseguiu chegar à universidade e tornar-se um dos empresários mais bem-sucedidos do país. Em 2018, foi reeleito presidente da Confederação Empresarial da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CE-CPLP), para um mandato até 2022. Salimo Abdula tem uma vasta experiência no associativismo empresarial, tendo dirigido a Confederação das Associações Económicas de Moçambique (CTA) por dois mandatos, coroados de êxito na atracção do investimento estrangeiro para Moçambique e na construção de parcerias entre empresários moçambicanos e estrangeiros.

juventude, e transferência de tecnologia para a lusofonia. Essa é a nossa esperança. Na transformação conjunta da matéria-prima ganhamos todos.

Iisenção de tarifas aduaneiras, impostos simples e baixos, diversidade cultural, oportunidades para empresas de vários sectores de actividade e a oportunidade de entrar em vários mercados por via de Macau são alguns dos pontos usados como chamariz. Olhando para a realidade do empresariado da CPLP, estas coisas seduzem-vos?

Sim, sem dúvida. É uma oportunidade para os nossos países poderem ter este intercâmbio comercial com a China e outros mercados asiáticos através de Macau. Estes mercados detêm conhecimento e capacidade em sectores produtivos, como na agricultura, assim como possuem capacidade de investimento tão necessário nos países africanos da CPLP. Não podemos nos esquecer, também, que dentro da nossa Comunidade temos um país asiático, Timor-Leste, que desempenha uma função preponderante nesta ligação com a Ásia.

Macau lançou em 2019 a “Exposição de Produtos e Serviços Dos Países de Língua Portuguesa” (PLPEX), que decorre em paralelo com a Feira Internacional de Macau (MIF). Como a CE-CPLP tem usado esta plataforma para alavancar as relações entre os empresários da CPLP e a China?

Utilizamos este evento para estabelecer e reforçar os laços de cooperação, bem como trocar experiências e partilhar ideias e oportunidades de negócios. Pensamos, também, em organizarmo-nos em delegações representativas para fazer contactos proveitosos, apresentar as nossas intenções e, através dos nossos associados que já operam nestes mercados, estender a possibilidade para mais empresários da CPLP poderem operar na Ásia e, em particular, nos projectos chineses. Por exemplo, no ano passado, a Associação de Jovens Empresários Portugal-China, que é nosso associado, fez-se representar, nesta feira, organizando o V Fórum de Jovens Empresários da China e dos Países de Língua Portuguesa. Na ocasião, a Federação das Mulheres Empresárias e Empreendedoras da CE-CPLP, representada pela sua presidente e pela vice-presidente por Portugal, Maria da Assunção Abdula, e Nelma Pontes, respectivamente, participaram do Fórum organizado pelo nosso associado. 

收藏

澳門郵票

Coleccione Selos de Macau

Collect Macao's Stamps



快分享到朋友圈
一起關注澳門郵票！

澳門議事亭前地 LARGO DO SENADO, MACAU

電話 Tel.: (853) 8396 8513, 2857 4491

傳真 Fax.: (853) 8396 8603, 2833 6603

電郵 E-mail: philately@ctt.gov.mo

網址 Website: <http://philately.ctt.gov.mo>



澳門郵電 CTT
Correios e Telecomunicações de Macau



Macau, Cantão e Portugal unem esforços para traduzir primeira crónica de um chinês sobre Portugal

• O Observatório da China em Portugal, a Universidade de Macau e a Academia de Ciências Sociais de Cantão estão a traduzir a primeira crónica de um chinês sobre Portugal e a Europa, escrita no final do século XVIII. O projecto pretende publicar a crónica em chinês moderno, português e inglês, em papel e em formato digital. A iniciativa é apoiada pela Fundação Macau. A crónica foi escrita por um náufrago chinês que foi salvo por uma embarcação portuguesa e acabou por passar 15 anos na Europa antes de regressar a Macau, segundo explicou o presidente do Observatório, Rui Lourido. O Observatório está ainda a desenvolver uma biblioteca digital de acesso gratuito, que já conta com mais de 200 mil páginas de obras publicadas entre os séculos XVI e XIX sobre Macau e a China, num projecto também apoiado pela Fundação Macau.



IPIM lança promoção de produtos alimentares lusófonos • O Instituto de Promoção do Comércio e do Investimento de Macau (IPIM) iniciou em Maio uma série de actividades promocionais de produtos característicos locais e dos países de língua portuguesa. O Centro de Exposição dos Produtos Alimentares dos Países de Língua Portuguesa, situado em Macau, vai receber até 25 de Julho seis sessões promocionais com a presença de mais de 20 agentes de produtos alimentares lusófonos em Macau. Cada sessão contará com oito a 13 empresas expositoras provenientes do Centro de Exposição dos Produtos Alimentares dos Países de Língua Portuguesa, acrescentou o IPIM. Segundo um comunicado, entre os produtos que serão promovidos estão café, bebidas alcoólicas e não-alcoólicas, alimentos enlatados, temperos e molhos, e produtos alimentares saudáveis.

Macau e Interior do País alvos de novo plano de promoção da língua portuguesa

• O novo plano da Comissão Temática para a Promoção e Difusão da Língua Portuguesa da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP) prevê iniciativas em Macau e tem o Interior do País como um dos seus alvos principais. A China é, dos países que não têm o português como língua oficial, o que mais tem feito “pela promoção de professores e de técnicos tradutores da língua portuguesa no mundo”, disse Rui Lourido, o novo coordenador da Comissão. O plano inclui o lançamento do livro “Literatura e cultura em tempos de pandemia”, que junta textos sobre a Covid-19 de 75 escritores lusófonos e é editado pela União das Cidades Capitais de Língua Portuguesa. O plano abrange ainda a reabertura, prevista para Julho, do Museu da Língua Portuguesa, na cidade brasileira de São Paulo, que em Dezembro de 2015 foi atingido por um incêndio.

China Three Gorges emite dívida para investir em barragens no Brasil

• Uma subsidiária brasileira da China Three Gorges Corp. (CTG) vai emitir dívida no valor de 845 milhões de reais (US\$155,2 milhões) para investir em dois projectos hidroeléctricos no país sul-americano. Segundo um comunicado emitido em Maio, o Conselho de Administração da Rio Paraná Energia S.A. aprovou a emissão de dívida até 10 anos para modernizar as barragens de Jupuí e Ilha Solteira, no Rio Paraná. A eléctrica estatal chinesa anunciou no ano passado que iria antecipar a compra, avaliada em 704 milhões de reais, de 21 transformadores de potência à brasileira WEG S.A., para aumentar a geração de electricidade nas duas barragens. O grupo chinês tinha anunciado planos para investir 3000 milhões de reais nos dois projectos até 2027, incluindo na substituição de 34 transformadores de potência. O CTG ganhou, em 2015, a concessão de 30 anos das duas barragens, com um investimento de 13,8 mil milhões de reais.



Fotojornalista português alia-se a marca chinesa de pranchas de skate

• Gonçalo Lobo Pinheiro, fotojornalista português radicado em Macau, desenvolveu uma linha de produtos com a marca chinesa Maven Skateboards e a loja local de pranchas de skate EXIT. A coleção “My City”, composta por pranchas e *t-shirts*, inclui três fotografias tiradas por Gonçalo Lobo Pinheiro. As fotografias a preto e branco mostram alguns dos locais mais icónicos de Macau, incluindo as Ruínas de São Paulo e a calçada de estilo português no Largo do Senado. A coleção integra também uma fotografia do Grand Lisboa que foi escolhida entre os finalistas da edição de 2019 do “National Geographic Travel Photo Contest”. A coleção pretende apostar na união de elementos das culturas chinesa e portuguesa que tornam Macau um lugar único, explica a EXIT na sua página da Internet.



GONÇALO LOBO PINHEIRO #MYCITY



Projecto chinês aumenta produção de arroz em Moçambique

• O China Railway 20 Bureau Group (CR20) colheu já 10 mil toneladas de arroz durante a quarta colheita da temporada no projecto chinês de cooperação agrícola situado no Xai-Xai, na província de Gaza, no sul de Moçambique. A subsidiária moçambicana do grupo estatal chinês prevê colher 16 mil toneladas de arroz de uma área de 2400 hectares, apesar do impacto da pandemia da Covid-19. A colheita ajudou a responder à procura por alimentos básicos em Moçambique, reduzindo o problema de segurança alimentar no país, numa altura em que a pandemia coloca desafios ao transporte internacional de alimentos, refere a notícia. O CR20 construiu uma linha de processamento para aumentar a produção de arroz e aumentar a eficiência do processo agrícola.



Xangai recebe II Mostra de Cinema em Língua Portuguesa

Decorreu em Maio, na Fundação Fosun, a II Mostra de Cinema em Língua Portuguesa em Xangai, no leste da China, com uma sessão do filme brasileiro “Central do Brasil”. O festival apresentou ainda os filmes portugueses “A Mãe é que Sabe”, “Os Gatos Não Têm Vertigens” e o filme brasileiro “Narradores de Javé”. O evento, com entrada gratuita, é organizado pelo Consulado-Geral de Portugal em Xangai, o Consulado-Geral do Brasil em Xangai e o Camões – Instituto da Cooperação e da Língua. Após um interregno de um ano devido à Covid-19, a mostra está de regresso, sublinhou o cônsul-geral do Brasil em Xangai, Gilberto Fonseca, para dar a conhecer ao público local “a alma” dos brasileiros. O cônsul-geral de Portugal em Xangai, Israel Saraiva, lembrou na inauguração do festival que o número de estudantes e profissionais que falam português na China “é já muito significativo”.



Angola vai ter nova ligação aérea directa ao sul da China

• Está a ser preparado o lançamento ainda para este ano de voos de passageiros entre Changsha, capital da província de Hunan, no sul da China, e a capital angolana, Luanda. A nova ligação regular e directa vai tornar mais fácil às empresas chinesas abrir negócios e investir em Angola, estimulando a cooperação económica e comercial bilateral, avançou o jornal *Hunan Daily*. O Conselho de Estado tinha aprovado esta nova rota em 2020, mas o lançamento foi adiado devido à pandemia da Covid-19. Segundo a Embaixada de Angola na China, a rota entre Luanda e Changsha vai ser operada pela companhia aérea de bandeira angolana TAAG.



Exportações de Macau para países lusófonos duplicam no primeiro trimestre de 2021

• Macau exportou mercadorias no valor de 291,4 mil patacas para os países de língua portuguesa no primeiro trimestre de 2021, mais do dobro do que em igual período do ano passado. Segundo dados oficiais divulgados em Maio pela Direcção dos Serviços de Estatística e Censos, toda a mercadoria exportada correspondia a produtos 'Made in Macau'. A esmagadora maioria (227 mil patacas) das exportações corresponderam a uma remessa de 1,1 toneladas de vestuário e acessórios enviada para o Brasil. Por outro lado, o Brasil foi o principal fornecedor lusófono de Macau, enviando para o território mercadorias no valor total de 104,3 milhões de patacas no período entre Janeiro e Março. Nos três primeiros meses de 2021, Macau importou mercadorias no valor de 162,9 milhões de patacas dos países de língua portuguesa.



Hainão quer reforçar cooperação lusófona através de Macau

• A ilha de Hainão espera reforçar a cooperação com os países de língua portuguesa através de Macau, disse o Secretário do Comité Provincial de Hainão do Partido Comunista Chinês, Shen Xiaoming. Segundo um comunicado do Gabinete de Comunicação Social de Macau, o dirigente falava, em Abril, durante um encontro com uma delegação do Governo de Macau liderada pelo Chefe do Executivo Ho Iat Seng. Durante a reunião em Boao, Ho Iat Seng defendeu haver espaço para maior cooperação entre as duas regiões, nomeadamente nas áreas do turismo, educação, ciência e tecnologia. Os dois lados trocaram opiniões sobre os sectores do comércio, economia, serviços financeiros e medicina tradicional chinesa. O Chefe do Executivo de Macau esteve em Hainão para participar na cerimónia oficial de inauguração da Conferência Anual do Fórum Boao para a Ásia 2021, evento que arrancou a 18 de Abril.



China segundo principal destino para remessas de imigrantes em Portugal

• A China foi em 2020 o segundo principal destino para as remessas dos imigrantes que vivem em Portugal, segundo revelam dados do Banco de Portugal. Os imigrantes chineses em Portugal enviaram no ano passado 42,81 milhões de euros em remessas para a China, mais 7,2 por cento do que em 2019. A China ficou muito atrás do Brasil, que recebeu 241,47 milhões de euros em remessas de imigrantes em Portugal em 2020, mais 0,7 por cento do que no ano anterior. Por outro lado, Portugal recebeu no ano passado 260 mil euros em remessas de emigrantes portugueses na China, assim como 20 mil euros em remessas de emigrantes em Macau, mostram os dados do Banco de Portugal.

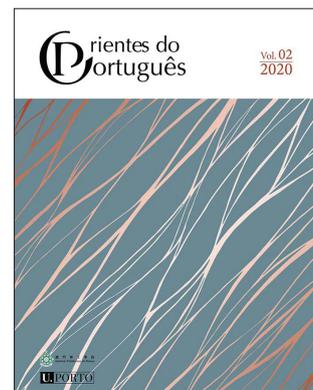


Linha ferroviária reabilitada pela China estimula exportações de minério em Angola

• O Caminho de Ferro de Moçâmedes (CFM), operador ferroviário do sudoeste de Angola, organizou em Abril o seu primeiro carregamento de minério de ferro, avançou a Angop. Segundo a agência noticiosa estatal angolana, uma composição com 1575 toneladas de minério partiu da província de Huíla, no sudoeste de Angola, rumo ao Porto Mineiro do Sacomar, na província do Namibe, tendo a carga como destino final o Reino Unido. A viagem serviu de teste, no âmbito de um acordo entre o CFM e a Companhia Siderúrgica do Cuchi. O director-geral da Companhia Siderúrgica do Cuchi, Wilton Ferreira, disse à Angop que a empresa de exploração mineira já extraiu 24 mil toneladas de minério entre Fevereiro e Abril. O CFM irá fazer uma viagem por dia com 900 toneladas de minério. O objectivo a longo prazo é o de atingir as 400 mil toneladas transportadas por ano. A linha ferroviária operada pelo CFM foi reabilitada pelo grupo chinês China Hyawy Group Ltd.

Politécnico de Macau e Universidade do Porto lançam 2.º volume de revista académica

• O Instituto Politécnico de Macau (IPM) anunciou em Maio a publicação, em conjunto com a Universidade do Porto, do segundo volume da *Orientes do Português*, a primeira revista académica em português editada na Ásia. O volume mais recente apresenta uma homenagem ao linguista português João Malaca Casteleiro, antigo conselheiro académico do IPM, que faleceu em 2020. A revista conta com artigos de investigadores da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, no Brasil, da Universidade de Estudos Estrangeiros de Pequim, da Universidade Sun Yat-Sen, na China, e da Universidade de Oxford, no Reino Unido. A versão digital do segundo volume está disponível de forma gratuita na página do IPM na Internet, para especialistas, académicos, docentes, alunos da China e dos países de língua portuguesa. O Centro Pedagógico e Científico da Língua Portuguesa do IPM e a Faculdade de Letras da Universidade do Porto estão a aceitar artigos para o terceiro volume da revista até 31 de Agosto.



China doa equipamento médico a São Tomé e Príncipe • A China doou equipamento médico, consumíveis hospitalares e medicamentos no valor total de 86,3 mil dólares norte-americanos ao principal centro hospitalar de São Tomé e Príncipe. A China tem apoiado de forma contínua o sistema nacional de saúde do país africano, graças à amizade e cooperação bilaterais, disse a Embaixadora chinesa em São Tomé, Xu Yingzhen, durante a entrega dos materiais. A doação visa aliviar a escassez de equipamentos e artigos médicos no Hospital Ayres de Menezes e permitir à instituição prestar melhores serviços e a mais pacientes, avançou a Embaixada da China. A cerimónia de doação aconteceu em meados de Abril, no âmbito do envio de uma equipa médica chinesa para São Tomé e Príncipe. A equipa médica, com especialistas em cirurgia geral, cardiologia, acupunctura e ginecologia, irá trabalhar no Hospital Ayres de Menezes e no Centro Policlínico de Água Grande durante três anos.



Concluído novo campus da Universidade de Cabo Verde financiado pela China

• A Universidade de Cabo Verde (Uni-CV) anunciou em Abril a conclusão de um novo campus na capital cabo-verdiana, Praia, uma obra financiada pela China e construída por uma empreiteira chinesa. A Uni-CV informou que a mudança para as novas instalações, cuja construção arrancou em Julho de 2017, será anunciada “brevemente”. O novo campus inclui 61 salas de aulas, 34 laboratórios, cinco auditórios (cada um com capacidade para 150 lugares), oito salas de informática e oito salas de leitura, tendo capacidade para acolher 4.890 estudantes e 476 docentes. A obra, no valor de 53,6 milhões de dólares norte-americanos, esteve a cargo da construtora estatal chinesa Longxin Group, avançou a Lusa em 2017.



Câmara Portugal-China PME assina acordo com associação do norte da China

• A Câmara de Comércio de Pequenas e Médias Empresas Portugal-China (CCPC-PME) assinou, em finais de Abril, um acordo de cooperação estratégica com a Hebei Provincial Capital Research Association. Os dois lados concordaram em promover negócios nas áreas do comércio, energia e infra-estruturas e em facilitar a comunicação entre empresários em Portugal e na província de Hebei, no norte da China. O embaixador da China em Portugal, Zhao Bentang, disse durante a cerimónia de assinatura do acordo, realizada por videoconferência, desejar que a parceria reforce os laços entre Portugal e a China, sobretudo com Hebei.





Marcas Típicas de Macau

Lançado em 2019, o selo “Marca Típica de Macau” tem como grande objectivo divulgar as marcas locais e incentivar os negócios a explorarem novas oportunidades. Na lista estão 12 negócios que passaram por um criterioso processo de selecção. A MACAU dará a conhecer, ao longo de três edições, as Marcas Típicas de Macau

Texto | Catarina Brites Soares

Fotos | Gonçalo Lobo Pinheiro

Marcar pela diferença

A culinária indonésia, a fidelidade à gastronomia e tradições do país, e os mais de 40 anos de história fizeram do Medan uma das 12 Marcas Típicas de Macau. A longevidade do restaurante, quase a atingir o meio século, é o resultado da persistência de Lei Choi Chi, a fundadora a quem “a família deve muito”.

O negócio começou com a tia-avó. Lei Choi Chi nasceu e viveu na Indonésia até aos anos 1960, quando abandonou o país. Voltou à China, de onde a família era originária, e mais tarde mudou-se para Macau. Professora de Contabilidade enquanto viveu na Indonésia, viu-se obrigada a seguir outro caminho em Macau, já que essa possibilidade lhe foi vedada uma vez que não dominava a língua. Pensou ser alfaiate, mas desistiu da ideia por achar que não conseguiria sozinha.

Foi assim que meteu mãos-à-obra e aproveitou o que fazia há anos e bem: cozinhar. “A minha tia-avó era a mais velha de oito irmãos e era quem cozinhava para eles. O restaurante foi apenas a continuação do que já fazia em casa desde sempre”, refere Sugiarto Sou, sobrinho-neto e actual gerente do Medan, nome da cidade indonésia onde nasceu e viveu até aos dois anos.

É ele que conta a história do negócio de família. Em 1972, a tia Lei Choi Chi, abriu o primeiro restaurante na Rua de Silva Mendes, onde começou por servir comida para fora.

O RESTAURANTE DEDICADO AOS SABORES DA INDONÉSIA ESTÁ QUASE A COMPLETAR MEIO SÉCULO DE EXISTÊNCIA

Fazia tudo sozinha e a procura era tanta que muitas vezes deixava que pagassem depois para não parar. “Os clientes eram maioritariamente chineses, também eles retornados da Indonésia, e indonésios”, afirma o sobrinho-neto.

Três anos depois, em 1975, mudou-se para a Horta e Costa, mas o lucro modesto para pagar a renda e assegurar o sustento fez a dona alargar a oferta. Além das refeições, passou a vender pastéis e bolinhos típicos da Indonésia. “Começou a ter muito mais clientes com os pastéis, eram mais procurados do que as refeições”, realça.

O negócio correu de feição até 2007, quando o restaurante voltou a mudar de morada para a Coelho Amaral por impossibilidade de continuar a arrendar a loja da Horta e Costa. É também nesta fase que a fundadora dá lugar à geração seguinte. “Como nunca teve filhos, foram dois dos sobrinhos que assumiram o restaurante”, explica Sugiarto Sou, que haveria de substituí-los sete anos depois.

Lei Chi Kan e Lei Chi Him geriram o negócio até 2014, quando decidiram reformar-se e se colocou a hipótese de encerrar. A senhora Lei, inconformada, voltou a perguntar à família se havia interessados. “Nenhum dos sobrinhos mais velhos quis e eu disse que gostava de experimentar”, recorda Sou, filho de uma das sobrinhas directas.

Sugiarto Sou agarrou o legado familiar com 33 anos. Deixou o trabalho que tinha na indústria hoteleira e decidiu dedicar-se à ges-



tão com o apoio da mãe, que se ocupou da cozinha. “Nunca gostei de cozinhar e a minha mãe ajudou-me”, justifica.

Licenciado em Gestão, em Taiwan, e com experiência na área, decide dar uma reviravolta ao negócio. Depois do balanço, deu-se conta que era o restaurante que estava a dar prejuízo pela escassa procura de refeições, e propôs à família fechar o espaço e manter apenas a zona para a venda dos pastéis, pelos quais a marca era mais conhecida. “Mas a minha tia discordou. Sempre quis manter o restaurante porque queria que houvesse uma opção para as famílias com ligação à Indonésia, que tivessem um local em Macau onde pudessem provar a comida típica de lá. Por isso, decidi-se que era tudo ou nada, e que o restaurante ficaria aberto até ser possível aguentar.”

Manteve o restaurante, mas não desistiu da ideia de alastrar os pontos de venda de pastéis. Com o aval da família, com quem diz discutir tudo, avançou. Até hoje, abriu sete. Também abriu uma pequena fábrica no Centro Industrial Keck Seng, que passou a fazer a vez do restaurante que até então era onde se fabricavam os pastéis para as restantes lojas. “Recentemente, também comecei a apostar mais na venda online.”

A vontade de melhorar o negócio persistiu e Sugiarto Sou viu no concurso Marca Típica de Macau mais uma oportunidade de o fazer, já que poderia vir a beneficiar de serviços de consultadoria e apoios monetários, se

vencesse. “Foi uma sorte porque coincidiu com uma altura em que estava a pensar fazer remodelações. O lucro estava a cair e reparei que as pessoas não vinham ao restaurante por causa da aparência. Achavam que era um cha chan teng (café típico e mais humilde onde se tomam refeições a um preço económico, equivalente a tasco em português) e, por isso, achavam os preços caros. Ou seja, tinham uma ideia errada”, explica.

Assim renovou o restaurante, mudou a imagem e incluiu novas formas de negócio, como cupões de oferta. Mudanças que não beliscaram a essência, garante. Admite ter feito adaptações aos gostos locais – como reduzir o picante e ter opções com porco, carne excluída da dieta indonésia pela predominância da religião muçulmana –, mas assegura que o Medan continua a respeitar o processo original de produção e a usar as matérias-primas do país. “Cozinhamos exactamente como na Indonésia.”

Satisfeito com o passo dado, agora alimenta outro sonho: que a tia, com 95 anos, possa assistir à celebração de meio século de negócio. “Mais do que orgulhoso por ter chegado até aqui, sinto-me aliviado por não ter terminado nas minhas mãos quando assumi a responsabilidade”, comenta, com humor. “Em 2022, cumprimos 50 anos e espero que a minha tia cá esteja para assistir. Quis continuar o negócio como forma de lhe agradecer e reconhecer o esforço que fez pela família, e por nos ter proporcionado uma vida melhor.” M

A DIRECÇÃO DOS SERVIÇOS DE ECONOMIA E DESENVOLVIMENTO TECNOLÓGICO

(DSED) e a Macau Chain Stores and Franchise Association assinaram um acordo de cooperação em 2017, para atribuir o selo de Marca Típica de Macau aos negócios que satisfaçam uma lista de oito critérios. É à associação que compete a coordenar, procurar e classificar as marcas com características típicas de Macau, para que depois lhes possa prestar o apoio adequado, como ao nível da remodelação, introdução de novos elementos de desenvolvimento e competitividade. O trabalho de levantamento das marcas decorreu entre Julho de 2018 e Março de 2019. Foram tidos em conta oito requisitos: a marca estar registada em Macau; ter direito ao uso exclusivo ou direito de utilização de marca registada em Macau; ter pelo menos 40 anos; o período acumulado de desenvolvimento das operações comerciais através do respectivo estabelecimento comercial ou da respectiva marca exceder os 30 anos; ter um espaço e estar ainda no

activo; ter produtos, técnicas ou serviços singulares, herdados e que têm sido transmitidos; ter uma identidade própria com características identitárias de Macau; não ser devedor dos cofres da RAEM, e gozar de boa reputação, prestígio e ser reconhecida pela sociedade. Durante o período de avaliação, o Centro de Serviços das Marcas Típicas de Macau recebeu um total de 29 requerimentos. Destes foram aprovados, 12. Dez estão ligados à área de restauração – sendo que metade vende sobremesas. A Ourivesaria Che Lee Yuen, Pastelaria Ng Teng Kei, Restaurante Solmar, Luk Kei Noodle, Pastelaria Fong Kei, Fábrica de Conservação de Frutos e Produtos Hortícolas (Acharres) Tong Iec Pak Fa Fui, Pastelaria Chui Heong, Mercearia Mok Yi Kei, Restaurante Indonésio Medan, Seng Kei Congee, Companhia de Produtos da China e Sorvetes e Doces Lai Kei foram as marcas seleccionadas.



Marca de ouro

Fundada em 1867, durante a Dinastia Qing, foi pioneira na indústria do ouro no século XX. A Ourivesaria Joalheria Chee Lee Yuen, também conhecida como O'Che 1867, destacou-se e hoje é uma das 12 lojas com o selo marca típica de Macau. A marca foi fundada pelo bisavô do actual gerente, Stephen Tse. O mentor do negócio de família, nascido em Macau em 1850, começou com a prata e só mais tarde se dedicou ao ouro. “Na altura, a economia de Macau não estava tão desenvolvida e por isso só fazia jóias simples”, contextualiza o neto, Stephen Tse, nos escritórios da loja na Horta e Costa, uma das oito que o grupo detém.

O bisavô Che Yue Tong abriu o primeiro espaço em 1867, quando tinha 17 anos. Entre 1910 e 1920, dois dos filhos – Choi Sang (o quarto) e Wing Sang (o sexto) – juntam-se ao negócio. Apesar dos 10 anos de diferença, a dupla funciona e o negócio prospera. Instalaram-se então na Rua dos Mercadores, zona nobre do comércio da cidade. No mesmo período, a família decide alargar o negócio a outros ramos e aposta em produtos como a seda, os têxteis e o arroz.

Com a morte do irmão Choi Sang, Wing Sang assume sozinho a liderança. Antes da Segunda Guerra Mundial, a O'Che já era uma marca co-

nhecida nos vários campos a que se dedicava. “Uma história de visão e progresso foi construída através da tenacidade de gerações”, escreveu Stephen Tse, aquando dos 140 anos da marca.

A era dourada haveria de ser interrompida na sequência da Segunda Grande Guerra. A 7 de Dezembro de 1941, Macau fica isolada face à invasão de Hong Kong pelos japoneses, que acabaria por se estender à região pouco tempo depois.

Com a ordem de recolher obrigatório em vigor, o comércio é reduzido a poucas horas diurnas. “Felizmente, a ocupação japonesa em Macau era menos presente. As tropas raramente apareciam, apesar de um arsenal ter sido construído na cidade, que mais tarde foi bombardeado pelos Aliados”, relata o livro com base num levantamento da história da família e da marca.

O protocolo militar proibia que se acumulassem grandes quantidades de recursos como arroz, mas os membros da família O'Che arranjaram forma de contornar a limitação, escondendo-o nas caixas de têxteis.

Com o intuito de estimular o consumo, a O'Che lança um sistema de vales de 5, 10, 20 e 50 patacas que podiam ser usados em qualquer das lojas do grupo que se distribuíam pela Rua dos Mercadores. “Fomos os primeiros a implementar este tipo de táticas de marketing”, afirma Stephen Tse, orgulhoso.

Entre 1944 e 1946, poucos anos após a tercei-

**A O'CHE 1867 É UM DOS
NEGÓCIOS MAIS ANTIGOS
DE MACAU: JÁ PASSOU POR
VÁRIAS GERAÇÕES E SE TEM
AJUSTADO AOS NOVOS TEMPOS**

ra geração ter sido incluída nos negócios de família com Chi San, a empresa evidencia-se por ser a primeira na China a usar a eletrólise – decomposição de um composto químico por acção da corrente eléctrica – para refinar o ouro e usar o carbono para derreter platina, material que também é usado em joalharia.

Em 1949, e sob as directrizes do Fundo Monetário Internacional (FMI), o Governo de Hong Kong restringe o comércio do ouro e prata em barra. Como Portugal não fazia parte do fundo, Macau torna-se um pólo de importação das matérias-primas em estado bruto vindas da Europa e África. Aqui era refinada para depois ser exportada.

A O'Che aproveita a oportunidade e, em conjunto com a Fok Heng Goldsmith & Jewellery, abre uma refinaria. “No pico, chegámos a produzir mais de dois mil taéis (unidade de peso chinesa correspondente a 37,8 gramas e que tem valor monetário) de ouro puro por dia”, sublinha o livro sobre a família.

Sob a liderança de Chi San, da terceira geração e filho de Choi Sang, a O'Che 1867 e a Fok Heng Jewellery & Goldsmith abasteciam o mercado mundial no pós-guerra.

“Só mais tarde, com a transferência de poderes, o negócio voltaria a sentir um novo desenvolvimento”, refere Stephen Tse.

O negócio foi passando de mãos em mãos até chegar às de Stephen Tse, actual director-executivo e na direcção do Grémio de Ourives de Macau. Antes de tomar as rédeas do negócio, estudou em Inglaterra. Licenciou-se em Matemática, na Imperial College of London, e fez o mestrado em Ciência, na Universidade de Oxford.

Em meados da década de 1990 volta e abraça o legado que o pai lhe deixaria depois de se tornar dono maioritário da marca, em 1984. Wing Sang reformou-se e Chi San, pai de Stephen, decide comprar as acções na altura dispersas pelos muitos herdeiros. Só na segunda geração, eram mais de 20 filhos.

Com o foco no nicho de mercado mais jovem, Stephen Tse aproveita também a porta que se abre no seu tempo com a Internet e reforça a presença no negócio online para potenciar as vendas. Paralelamente, lança-se no mercado da Grande Baía. Abriu a primeira loja em Zhuhai há dois anos, mas a ambição é estender-se a outras cidades. “Ao longo do caminho, tem havido

diversos desafios, mas acho que o maior foi a entrada no Interior do País, um mercado completamente novo para nós”, refere.

O percurso foi reconhecido pelo Governo que lhes atribuiu o selo Marca Típica de Macau em 2019, apanágio de apenas 12 lojas. Stephen Tse sublinha que o título foi importante por ser uma recompensa pelo percurso, mas também por significar o acesso a apoios que fazem diferença. “O Governo ajuda as marcas de acordo com



as suas necessidades. No nosso caso, houve uma grande ajuda ao nível da promoção e divulgação. Por exemplo, agora há anúncios da marca nos transportes públicos”, exemplifica.

A O'Che trabalha com ouro, pérolas, diamantes e pedras preciosas como o rubi, a safira e esmeraldas, entre outros materiais. A filigrana chinesa, conhecida por ser uma das técnicas mais usadas nos artigos de luxo da família imperial e que integra a lista de Património Intangível da China, é uma das linhas da marca.

As jóias são o resultado de um trabalho conjunto que inclui designers, ourives e outros funcionários. A marca emprega perto de 30 trabalhadores. A O'Che 1867 é reconhecida por ser uma escola, responsável pela formação de gerações na indústria da joalharia e ourivesaria. M

Bolos de amêndoa com cheiro a carvão

Dos pais, passou para um dos cinco filhos, que há um ano reparte a gestão do negócio com o sobrinho. A Pastelaria Chui Heong vai na terceira geração e é outro dos 12 negócios com o selo marca típica de Macau depois de mais de meio século dedicado a uma das iguarias mais emblemáticas da região. Aqui, os biscoitos de amêndoa e os rolos de ovo são feitos no carvão.

Fazem parte da lista obrigatória de sabores a provar em Macau. Não é por acaso que pululam as lojas que os vendem, e se vêem locais e turistas carregados de sacos com caixas e caixas de biscoitos de amêndoa. São vários os sabores, as texturas e os formatos, mas os da Pastelaria Chui Heong celebrizaram-se por serem feitos em carvão. Apesar de a loja estar escondida numa zona interior e menos turística, são muitos os turistas e residentes que ali param pela popularidade que conquistou.

A história teve início com Lei Kai Ioc, quando ainda estava longe de imaginar que o que o começou por fazer em Macau para se desvencilhar, acabaria por se tornar um negócio de família que vai na terceira geração.

O fundador veio para Macau nos anos de 1950. Deixou Zhongshan à procura de uma vida melhor, numa altura em que Hong Kong e Macau eram destinos promissores. “Quando chegou era difícil arranjar trabalho e como fazia bolos, decidi enveredar por esse ramo. Na China, antes de vir, era aprendiz e, portanto, tinha noções”, conta o neto, que gere a casa com o tio.

Na família desconhece-se ao certo o motivo pelo qual o patriarca escolheu Macau em detrimento de Hong Kong, mas o neto recorda que os familiares mais velhos contavam que a opção tinha sido ditada pelo custo de vida mais barato e por ser mais perto da cidade-natal. Lei Kai Ioc já não pode confirmar. Faleceu e a mulher, com 83 anos, também não se recorda bem. Já lá vão mais de 50 anos e não o acompanhou o início da aventura.

Lei partiu já casado, com 18 anos, mas veio sozinho. No território, começou como pasteleiro e padeiro por conta de outrem. “Até a minha mãe vir, o meu pai trabalhava noutras padarias e pas-

telarias”, conta Lei Chi Iong, filho que herdou o negócio. Viu que levava jeito e arriscou. Já com a mulher em Macau, que chegou quatro anos depois, decidiu começar a confeccionar os biscoitos de amêndoa. Ele fazia e a mulher carregava os bolos numa vara ao ombro pela cidade.

Deu resultado e abriram uma loja. O negócio cresceu e foi passando de mãos em mãos até chegar às de Lei Chon Meng. Antes do mais novo, foi o tio que deu continuidade ao legado dos pais.

Durante a década de 1970, permaneceram na Rua do Barão de onde se mudaram em 1987. Na altura, loja e zona de fabrico estavam no mesmo espaço, agora são paredes meias, na Rua do Gamboa, onde se fixaram na década de 1980.

Em 2008, há outra viragem. Os pais, que tinham tomado conta do recado até então, decidem que está na altura de delegar. “Aos 80 anos, o meu pai quis reformar-se e foi quando me pediu para assumir o negócio. Deixei o trabalho num resort e comecei”, recorda Lei Chi Iong, que trabalhou no sector do jogo por 18 anos. “Tenho mais irmãos, mas tinham os seus empregos e fui o único que não se importou de mudar. No início foi difícil. Não tanto a parte de fazer os bolos, que eu sabia, mas gerir.”

A destreza na cozinha deve-se à experiência já que todos, sem excepção, aprenderam logo em pequenos. “Por volta dos 7 anos, já ajudava”, reforça Lei, agora com 57. Pior foi gerir, mas também se habituou. Hoje emprega sete funcio-

OS TÍPICOS BISCOITOS DE AMÊNDOA E ROLOS DE OVO DE MACAU SÃO FEITOS NUM FORNO A CARVÃO NA CHUI HEONG



nários, além dos membros da família que vão dando uma mão, como dois dos quatro irmãos. Do agregado familiar, destacou-se, no entanto, um que mostrou mais interesse e prazer em participar nas lides do negócio da família.

Lei Chon Meng cresceu, estudou fora, voltou passados quatro anos, trabalhou noutros sítios e, em 2014, decidiu que queria integrar a empresa. “Desde 2008 até há cerca de um ano, era eu que geria. Mas agora quero que o meu sobrinho vá fazendo mais coisas para se ir habituando. Continuo à frente do negócio, mas quero que vá aprendendo para depois me substituir”, explica o tio.

“Não tenciono passar já o negócio, mas quero que vá tendo consciência das responsabilidades. Aconteceu ser ele porque sempre mostrou mais interesse e manifestou que queria assumir o negócio”, sublinha.

Lei Chon Meng, de 33 anos, lembra-se de ser miúdo e de aproveitar o tempo livre da escola para ajudar os avós. O carinho pelo que construíram aliado ao ímpeto de investir, tornaram óbvio o passo a seguir: “Tomei a iniciativa. Disse ao meu tio e à minha avó que gostava de tomar conta da empresa. Quero ser empresário, ter o meu negócio”, vinca.

Ao contrário do tio, dá-se melhor com a gestão. Os estudos na área de Economia, em Taiwan, e os empregos no sector da banca e finanças ajudaram, mas garante que também percebe do resto: “Não sei fazer todos os bolos, mas sei alguns.”

As metas agora são sobretudo chegar mais ao mercado de Hong Kong, uma vez que são conhecidos entre os clientes locais, e expandir-se através do mercado online. A ideia é manter-se fiel ao que tem sido a prata da casa: a produção de biscoitos de amêndoa. Os mais famosos são os pequenos biscoitos de amêndoa, de noz com leite, e de amêndoa com gema e carne de porco. Além dos que confeccionam, também vendem bolos variados de outras marcas.

O título marca típica de Macau tem ajudado sobretudo à promoção do negócio.

Lei Chi Iong não se mostra preocupado com a concorrência, desvaloriza o aumento da oferta de lojas com produtos similares aos seus e afirma: “Fazemos tudo de forma artesanal. Além disso, os biscoitos são feitos em carvão, portanto temos algumas coisas que nos distinguem”. M



Canja como antigamente

A Seng Kei Pak Chok passou de geração em geração até chegar a Leong Heng U. O avô começou o negócio. O neto fez dele uma rede de restaurantes espalhados pela cidade. Turistas e locais procuram a tradição da canja e outras iguarias da marca que está entre as 12 consideradas típicas de Macau.

É difícil passar despercebido a quem passa na Rua dos Cules, nas traseiras da Avenida de Almeida Ribeiro. A vitrina que permite ver os tabuleiros de massa frita, *dim-sum* e sobremesas, além do cheiro e do fumegar que sai dos fogões logo à porta, são um convite a entrar no Estabelecimento de Comidas de Canja (Loja de Sopa de Fitas) Seng Kei Pak Chok. Local habitual para residentes e uma curiosidade para turistas, a afluência contínua confirma que Leong Heng U conseguiu o que temia não ser capaz: manter e fazer crescer o nome que o avô criou.

Leong Seng foi o pioneiro do negócio de família, que iniciou em 1922, depois de trocar a actividade de carpinteiro pela gastronomia. A “culpa” foi de um amigo da indústria da restauração, com quem aprendeu a cozinhar. Iniciou-se como vendedor ambulante na década de 1920, na zona do Patane, onde circulava de vara ao ombro com vários petiscos.

Depois de mais de uma década, com 45 anos, reúne condições e decide abrir o primeiro restaurante. Em 1937, instalou-se na zona do San Kio, e é quando o filho – pai do actual dono – começou a ajudar com 15 anos. “Ainda me lembro deste restaurante. Tenho muitas memórias”, re-

fere Leong Heng U, com 58 anos, a apontar para a ilustração a preto e branco alusiva à primeira casa da marca pintada numa das paredes.

Leong não conheceu o avô, nem assistiu ao período de desenvolvimento do negócio ainda com ele na liderança, mas sabe que a oferta foi crescendo com o facto de passar a ter um espaço físico. Os cozinhados e sobremesas típicas do Ano Novo Chinês, por exemplo, passaram a fazer parte do menu mais vasto.

Pai e filho trabalharam sempre juntos, à sementeira do que viria a acontecer também com a terceira geração. Após a Segunda Guerra Mundial, o filho Leong Iong Kan, herdou o estabelecimento e, em 1980, foi a vez do neto. Passaram-se cerca de 30 anos. De um restaurante passou a ter seis, além da pequena fábrica no Fai Chi Kei que alimenta o grupo.

No restaurante da Rua dos Cules, onde dá a entrevista à MACAU, refere que 60 por cento da clientela é turista, principalmente de Taiwan, do Interior do País e de Hong Kong. Na loja da Taipa também se notam os visitantes, mas nos restantes espaços os clientes são principalmente locais. “É verdade que muita gente conhece a marca, mas não consigo dizer que é famosa. Conhecem-nos, pronto”, desvaloriza.

Em lugar dos adjectivos, opta por explicar que a Seng Kei Pak Chok se tornou o típico restaurante onde os clientes vão repetidamente porque se sentem em casa. “É daqueles sítios onde se vai sempre e se torna rotina. Os clientes vêm cá, gostam da comida, conversam com os empregados. É como um hábito enraizado que depois passa de pais para filhos, e assim se vai perpetuando a tradição de vir aqui comer”, sublinha.

A antiguidade e o respeito pelas origens foram factores decisivos para que lhe fosse atribuído o selo Marca Típica de Macau. O reconhecimento ajudou em várias frentes, afirma Leong, que constatou o aumento do número de clientes.

Além dos produtos tradicionais – como a sopa de fitas, a canja, o bolo de nabo, os pastéis com recheio de carne picada de peixe, o rolo de arroz, o bolinho de massa com carne de porco salgada e a massa frita –, o estabelecimento desenvolveu e lançou uma variedade de novos produtos. A sobremesa de coalho de soja e de manga, a sopa de sagu e a gelatina de grama compõem a ementa que também inclui bebidas tradicionais como o chá verde. **M**

O NEGÓCIO CRIADO PELO AVÔ DE LEONG HENG U ALCANÇOU SUCESSO TAL QUE HOJE JÁ CONTA COM SEIS ESPAÇOS



ESTAMOS MAIS PERTO DE SI!

Macau 澳門

A PARTIR DE AGORA A REVISTA **MACAU** PODE SER LIDA ATRAVÉS DE UM SIMPLES CLIQUE

Disponível na Apple Store e no Google Play, a nova aplicação da **MACAU** em língua portuguesa para telefones inteligentes, tabletes e computadores disponibiliza, em formato PDF, todas as revistas da série IV. Pode mesmo descarregar a edição pretendida e lê-la, mais tarde, em modo offline.



Ofício: SAPATEIRO

São a última geração de sapateiros em Macau e dos poucos que sobrevivem na cidade. Ng Iok Sao, Wong Kun Long, Lei Su Meng, Wong e Lei aprenderam com a geração anterior, mas reconhecem que será difícil que a seguinte lhes siga os passos. A profissão dura e mal remunerada afasta os mais novos com outras perspectivas numa cidade que cresceu. As 30 patacas que levam por arranjo dá para os gastos de uma vida modesta, mas afasta os jovens com mais ambição

Texto | Catarina Brites Soares
Fotos | Gonçalo Lobo Pinheiro

NG IOK SAO: A MULHER

É num canto da Travessa dos Alfaiates, perpendicular à Rua dos Mercadores que Ng Iok Sao trabalha. Todos os dias, arruma e desarruma o material que precisa e que protege com uma lona e um cadeado sempre que se ausenta.

Sentada num banco e com a máquina Singer das antigas à sua frente, todos os dias está ali para consertar sapatos, malas, cintos e outros acessórios. De óculos na cabeça – que vai metendo quando é preciso afinar a vista – conta à MACAU como acabou a ser sapateira. A única mulher neste ofício no território.

A morte do marido ditou o destino. O desgosto que o investimento de vida do companheiro morresse com ele fez com que decidisse dedicar-se ao ofício. Já lá vão 12 anos e não concebe reformar-se. A par da importância do que faz, diz que é também uma forma

de estar ocupada em vez de passar os dias sozinha em casa. “Tenciono continuar a trabalhar. Quando nos reformamos não há nada para fazer”, afirma, com um sorriso.

Pelo beco passam vários clientes e vizinhos, que se vão sentando nos bancos e cadeiras em volta do espaço curto. É assim que passa os dias, dividida entre o trabalho e o con-

vívio durante o período que está por ali, normalmente das 11h30 às 17h00.

Sobre o início, sabe o que o marido lhe contou porque não acompanhou a história do princípio. O sogro já era sapateiro em Macau e quando morreu, o filho decidiu continuar e dar uso ao que tinha aprendido com o pai. Na altura, trabalhava numa fábrica em Hong Kong e decidiu voltar para Macau, onde nasceu. Foi nos inícios dos anos de 1970 que o marido abre a sapataria onde antes era uma loja de bebidas. “Sempre disse que, em fechando aquela loja, a queria comprar para ser sapateiro”, detalha. O pai morreu, o negócio de refrigerantes fechou e assim fez.

Uma década depois, em 1982, casa com Ng Iok Sao em Zhuhai. O casal estabeleceu-se em Macau e Ng começa a ajudar sempre que era preci-

“É UM TRABALHO
MUITO DIFÍCIL, SUJO
E NINGUÉM
QUER APRENDER”



so. A casa onde viviam era perto e vinha a correr quando o marido a chamava através do walkie-talkie que usavam para comunicar. Na altura, conta, era pouco o tempo que despendia na lide dos sapatos já que o marido trabalhava, e ela tomava conta da casa e dos filhos.

O parco orçamento familiar fez com que tivesse de trabalhar mais tarde. Já com os filhos criados, inicia-se como cozinheira, depois operária numa fábrica e mais tarde passa a empregada doméstica,



ocupação que teve durante 10 anos até 2010, quando substitui o marido depois de morrer.

“Ninguém me ensinou. Via o meu marido e fui aprendendo. No início, não tinha muito trabalho. As pessoas apareciam, mas viam que o meu marido não estava e iam-se embora. Com o tempo, começaram a confiar e passei a ter mais clientela”, recorda.

“Cada caso é um caso e essa é a parte mais difícil de ser sapateira. O pior é quando tenho de arranjar as solas. Às vezes, magoava-me com a



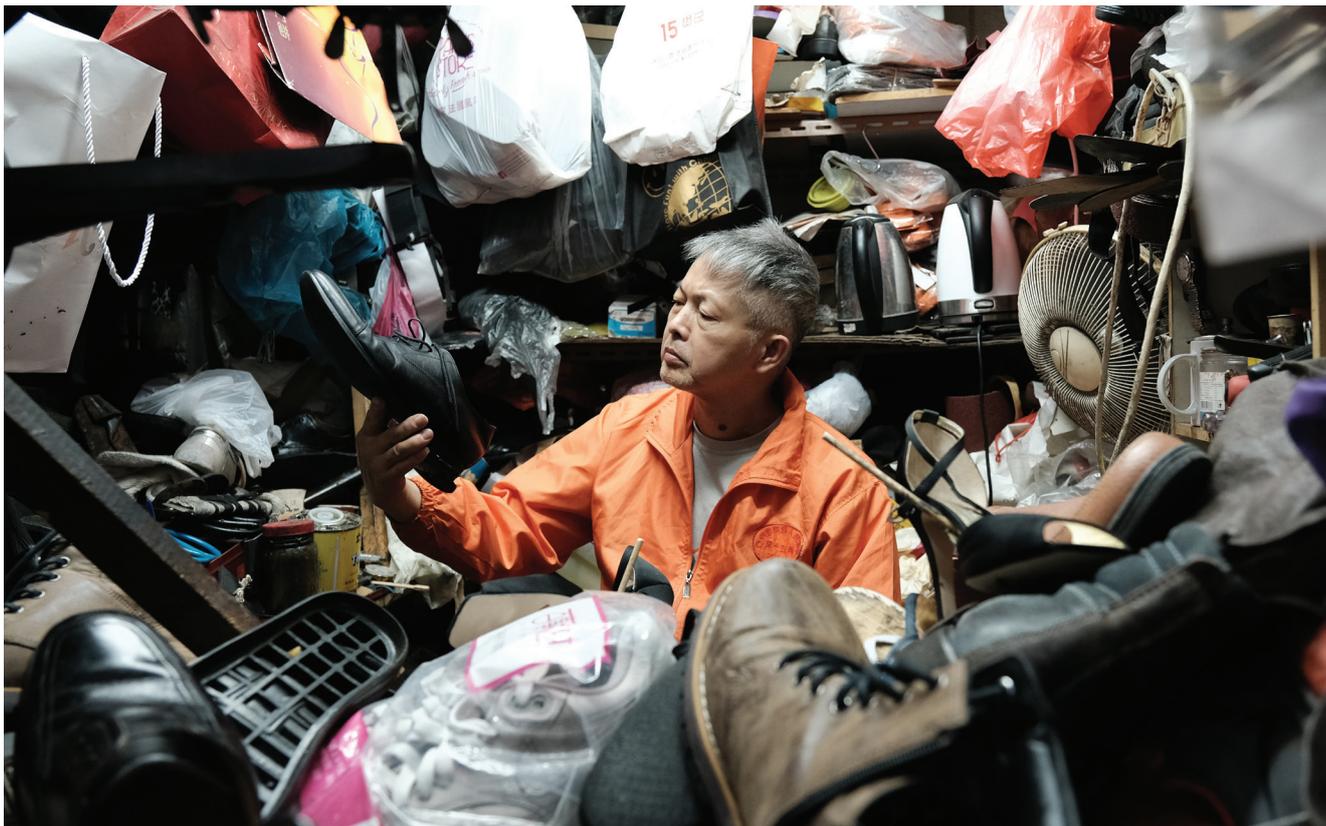
agulha na mão para conseguir chegar às partes mais estreitas do sapato.”

Nos tempos do marido também vendiam calçado, afirma ao mesmo tempo que mostra fotos do antigo espaço. A pequena loja com uma vitrina onde os sapatos estavam expostos foi demolida em 1996 e Ng Iok Sao decidiu que não fazia sentido continuar a vender.

A loja encolheu e o ofício foi caindo com a diminuição do número de sapateiros na cidade, mas Ng não se queixa. “Na altura do meu marido havia muitos sapateiros. Só nesta zona estavam três. Como agora há poucos, há muita procura. Os do tempo do meu marido já têm todos perto de 80 anos e já se reformaram, e não há novos aprendizes”, explica, justificando o aumento da procura.

“É um trabalho muito difícil, sujo e ninguém quer aprender”, acrescenta. Consta que é uma profissão em morte lenta e lamenta. “Vai deixar de haver quem saiba arranjar sapatos. Hoje, compra-se e deita-se fora. É um desperdício. Embora o desenvolvimento da cidade tenha feito com que mais gente tenha poder de compra, continua a haver quem viva mal e não possa andar sempre a comprar novo. Além disso, há sempre aquelas coisas especiais que queremos guardar porque têm um significado.”

É também por isso que Ng gosta do que faz. “De certa maneira, estou a ajudar as pessoas. Também já tenho alguma idade e é uma forma de passar o tempo. Vou falando com quem passa e gosto disso”, afirma a sapateira, com 69 anos. M



WONG KUN LONG: O ARREPENDIDO

Wong Kun Long é vizinho de Ng Tok Sao. É nas traseiras do Mercado de São Domingos que todos os dias, das 11h00 às 19h00, o sapateiro trabalha entre estantes e sacos cheias de sapatos. Quase que não se vê dentro da banca que abriu em 2004.

À MACAU conta que aprendeu com o pai e é sapateiro desde jovem. Tinha 16 anos quando começou. “Fazia sapatos, mas a idade já não permite e, por isso, agora só os arranja”, diz, encarando a mudança com humor. “Quando tinha de os fazer era mais difícil. Agora, não preciso de pensar tanto.”

Antes de se transferir para o centro da cidade, Wong Kun

Long trabalhava na oficina que tinha em casa. Assim foi durante décadas até que os filhos cresceram e foi preciso mais espaço. Mudou-se então para a zona do Largo do Senado porque ficava perto de casa.

Calmo, intercala as poucas palavras com sorrisos quando a pergunta lhe parece estranha. Foi o caso quando contou como acabou a ser sapateiro. “Não escolhi. Era uma das poucas coisas que podia fazer e assim foi. A alternativa era ser alfaiate.”

Enquanto liga a máquina de aquecer água, que tem nas costas empoleirada numa das estantes e no meio da pilha de sacos, volta a martelar o salto que

está a arranjar e diz que os cinco a seis pares de sapatos que arranja diariamente – a um custo mínimo de 30 patacas – vão dando para viver. “Não se ganha muito, mas sobrevive-se.” À semelhança de Ng Tok Sao, também nota mais clientela. “Há cada vez menos sapateiros. Já somos muito poucos.”

Aos 67 anos, aceita a realidade

de como um processo normal do desenvolvimento. “As circunstâncias mudaram, a vida mudou. Não penso se é triste ou não. O ofício vai morrendo aos poucos. Cada vez que um sapateiro morre, é mais um bocadinho que se apaga da profissão”, acrescenta. “É um trabalho sujo, sem férias e as pessoas hoje são preguiçosas. Ninguém quer aprender este tipo de ofícios”, refere. “Os meus filhos? Nem que lhes pagassem”, ri.

Não os condena. Admite que se tivesse tido escolha, o rumo teria sido outro. “Tinha estudado mais, escolhido outra profissão, menos dura e exigente.” ^M

“NINGUÉM QUER APRENDER ESTE TIPO DE OFÍCIOS. OS MEUS FILHOS? NEM QUE LHES PAGASSEM”

LEI SU MENG: O ORGULHOSO

A poucos passos de Wong Kun Long está Lei Su Meng, também num mercado tradicional da cidade: o da Horta da Mitra. É numa das bancas em redor que o sapateiro repara malas, cintos e calçado. Há uns que destaca: os que faz para pessoas com deficiências. Diz que é o único na cidade que ainda faz calçado adaptado. Este é um dos motivos que o orgulha da profissão que acabou por escolher.

Também aprendeu com o pai, que veio do Interior do País para Macau ainda novo. Foi o primeiro sapateiro da família e quem ensinou o filho, quando também era pequeno. Lei agarrou o negócio de família aos 26 anos, depois de deixar o sector da construção naval que começava a declinar. “Não tive de aprender de propósito porque desde pequeno que ajudava o meu pai”, explica.

Começou a dedicar-se por inteiro ao ofício em 1985, na loja que o pai tinha no Mercado Vermelho. “Sempre fui ajudando quando tinha tempo. Quando deixei de ter trabalho como construtor naval, decidi ser sapateiro. O meu pai também já estava mais velho e fazia sentido.”

Ficou com a loja até 2005/2006, ano em que o pai se reformou e fechou. “Ele reformou-se e eu também me reformei, de certa forma”, afirma com humor.

Os 10 anos que se seguiram foram de trabalho intermitente, sobretudo a fazer biscates, por exemplo, como electricis-

ta, com amigos que o iam chamando. Isto até 2018, quando consegue o espaço onde está. “Decidi retomar porque queria ter um espaço onde o meu filho pudesse aprender e continuar o negócio de família. Nunca abri um espaço antes porque arrendar uma loja é muito caro. Aqui não tenho de estar preocupado”, explica, referindo-se à isenção de renda. Desde 2004 que os arrendatários de espaços nos mercados municipais e vendedores de rua com lugar fixo estão isentos do pagamento de rendas e das tarifas de licenciamento.

O filho está na Universidade de Macau a estudar Finanças. Apesar do investimento na formação académica, Lei Su Meng faz questão que a próxima geração aprenda. “Quero que passe de geração em geração, e que o meu filho aprenda comigo”, vinca.

Desconsidera a questão da paixão pelo ofício, até porque nunca se colocou com ele. O mais importante, sublinha, era continuar o negócio que o pai lhe tinha deixado. “Não é uma questão de se gostar ou não. Tem de aprender. Acho que o meu filho acabará por seguir o que está a estudar, mas pelo menos sabe. Depois já não quero saber. O importante é aprender. Ser sapateiro é um ofício tradicional, é património de Macau e neste caso um legado de família”, reitera. “Sinto a responsabilidade de lhe transmitir este saber. Depois já não é comigo, ele que faça o que entender.”



A loja está em nome do filho já a pensar no futuro, ainda que este não lhe pareça rissonho. A clientela cada vez menor e a dificuldade em ter o material – mais caro e difícil – reduzem-lhe as expectativas. “É cada vez mais difícil que certos produtos passem

na Alfândega. É difícil encontrar cola, por exemplo, porque é considerado um material altamente inflamável”, exemplifica.

A alternativa é comprar pessoalmente, como fazia em idas regulares a Hong Kong até à pandemia começar. Na região vizinha diz que ainda se encontram lojas antigas que vendem os artigos, mas que também já vai sendo complicado encontrar pele, couro, cola e outros artigos necessários à actividade.

O impedimento de ir a Hong Kong devido à pandemia, obrigou-o a revezar-se com o que lhe resta. “Tenho que chegar para mais seis, sete meses. Se até lá as fronteiras se mantiverem fechadas, vou ter de encerrar por uns tempos”, antecipa. Recorrer ao mercado

“SER SAPATEIRO É UM OFÍCIO TRADICIONAL, É PATRIMÓNIO DE MACAU E NESTE CASO UM LEGADO DE FAMÍLIA. SINTO A RESPONSABILIDADE DE TRANSMITIR AO MEU FILHO ESTE SABER. DEPOIS JÁ NÃO É COMIGO, ELE QUE FAÇA O QUE ENTENDER”

do Interior da China, ressalva, não é uma hipótese porque há materiais que só encontra em Hong Kong e porque a qualidade na região vizinha é superior.

Recorda os tempos do pai, que agora tem 90 anos, quando estes problemas não se colocavam. “Cheguei a fazer sapatos tradicionais para a dança folclórica portuguesa. E lembro-me de uma senhora portuguesa que se chamava Anabela, que veio aqui e arranhou dezenas de sapatos antes de ir de vez embora para Portugal em 1999”, lembra.

“Agora há cada vez menos sapateiros. Sou dos poucos



que ainda resta”, refere. “Mas é importante. Além de ser muito mais ecológico porque não se está sempre a comprar novo, também é uma forma de

ajudar as pessoas, como é o caso dos sapatos adaptados.”

Enquanto a saúde de deixar, garante que ali continuará, atrás do pequeno balcão onde

de pé vai dando conta dos sacos que se acumulam. “Dá para viver. Não faço muito dinheiro, mas também não morro à fome”, brinca. Em média arranja cinco a seis pares de sapatos, mas há dias que chega aos 20, apesar de só trabalhar de tarde, das 15h00 às 19h00.

O relógio parado numa das paredes confirma a despreocupação. O horário a meio-tempo foi uma escolha já que gosta de reservar as manhãs para o desporto, tomar chá e conviver com amigos. “Se estivesse aberto todo o dia, ganhava mais dinheiro”, admite Lei Su Meng, de 60 anos. 

BNU Medidas Anti-Epidémicas

Para proteger os residentes locais e reativar a economia, o governo da RAE introduziu gradualmente um conjunto de medidas. O BNU também está a desempenhar o seu papel nesse esforço conjunto positivo. Como banco emissor de papel-moeda da Região Administrativa Especial de Macau, o BNU tem uma posição de liderança no sistema financeiro local e é responsável por ajudar a estabilizar o sistema financeiro e apoiar a recuperação económica. A propagação do vírus foi rapidamente controlada pelo governo da RAE de Macau e o BNU também está a cooperar, desenvolvendo um conjunto de iniciativas anti-epidémicas para ajudar economicamente e de outras formas, tanto clientes particulares quanto empresas, especialmente as PME.

Leia o código QR para obter mais informações sobre as medidas desenvolvidas pelo BNU relativamente ao COVID19:



WONG: O TARDIO

É uma história rara. Wong aprendeu cedo, mas começou tarde. Foi apenas aos 62 anos que agarrou o ofício que herdou do pai. Desde novo que ajudava, nas férias e tempos livres, mas só há cinco anos fez do hobbie profissão. O pai reformou-se e Wong ficou com a licença. “Se pudesse, tinha escolhido outra vida. Mas foi assim”, afirma o sapateiro, agora com 67 anos. “Aqui continuarei enquanto a saúde me deixar. É uma forma de passar o tempo. Já tenho alguma idade e é assim que me vou ocupando.”

A oficina é a rua. Limita-se a umas cadeiras onde os clientes se sentam enquanto esperam pelas reparações quando são rápidas e fáceis, um banco rasteiro onde se senta ele, e um pequeno móvel onde guarda sacos e ferramentas que vai usando. Quando fecha, organiza tudo e tapa o material com uma lona e um cadeado. O local na Rua da Madre Terezinha, perpendicular à Avenida de Horta e Costa, foi também o posto de trabalho do pai, que veio do Interior do País para Macau em 1972.

Enquanto o pai trabalhou, Wong era pedreiro e só “dava uma mão” quando podia. “Duas pessoas aqui era de mais. Não se justificava. Por isso, só vinha ajudar. Agora que já tenho uma certa idade e fiquei com a licença do meu pai, prefiro ser sapateiro. É uma profissão menos dura que ser pedreiro. Menos esforço físico”, afirma, ao mesmo tempo que arranja os sal-

tos a uma cliente.

Apesar do interregno de décadas, garante que não esqueceu a técnica. É também por isso que não encontra grandes dificuldades agora que trocou o cimento pela cola e os tijolos pelos sapatos. O maior obstáculo é a instabilidade. Se há dias que não pára, há outros que ninguém para. “Depende das alturas. No período do Ano Novo chinês o negócio melhora sempre. Quanto ao dinheiro também depende. Há dias que dá para os gastos, outros que não”, desabafa.

Em média, arranja seis a sete pares por dia. Começa por volta das 9h30, interrompe ao meio-dia e meia para

almoçar e retoma das 13h30 até às 18h30. Todos os dias. “A zona é boa”, diz. “Passam muitas pessoas e é sempre mais fácil conseguir clientes.”

Antes tinha explicado que abrir uma loja nunca foi uma hipótese tendo em conta as rendas altas. “Não conseguiria

“AQUI CONTINUAREI ENQUANTO A SAÚDE ME DEIXAR. É UMA FORMA DE PASSAR O TEMPO. JÁ TENHO ALGUMA IDADE E É ASSIM QUE ME VOU OCUPANDO”

pagar. Assim não podia viver”, salienta.

Wong confessa ter dificuldade em verbalizar o que lhe vai na alma sobre temas mais existenciais como o futuro da profissão. Lacónico, afirma apenas que nunca ninguém procurou aprender consigo. “Os meus filhos também nunca tiveram interesse. Não tenho pena. Eles é que sabem do que gostam e devem seguir isso.”

“Não sei dizer se lamento ou não que os sapateiros deixem de existir em Macau. Mas é verdade que a cada um que morre, é mais um bocadinho que se vai da profissão. Já somos muito poucos.” M



LEI: SAPATEIRO À FORÇA

Quase ao lado de Wong está Lei, de 60 anos. À semelhança da maioria dos companheiros de profissão que falaram com a MACAU, também ele aprendeu com o pai. Começou tarde, como o vizinho da Horta e Costa. Apesar de ajudar o pai desde os 20 e poucos anos, só no ano passado passou a fazer dos sapatos profissão, quando perdeu o emprego como cozinheiro em Agosto por causa da pandemia.

O desemprego não lhe deixou alternativa senão aproveitar o que tinha aprendido em criança. Agora divide o horário das 10h00 às 19h00: o pai trabalha de manhã, ele durante a tarde. “No início, foi complicado. Tinha alguma vergonha na interacção com as pessoas e não sabia quanto lhes cobrar. Também havia coisas que não sabia fazer. Mas, com o tempo, e observando o meu pai, fui melhorando”, afirma.

“Não vale a pena estarmos aqui os dois. Não há negócio para isso”, justifica. O espaço repete a fisionomia do sapateiro Wong, na mesma zona. Uma cadeira rasteira onde se senta, com outras mais altas distribuídas em redor, cruzetas com os sacos pendurados pelos canos agarrados à parede e ferramentas espalhadas pelo chão, além do pé de sapateiro e outra máquina que tem na frente: é assim a oficina no Pátio da Horta e Costa.

O local não foi escolhido a dedo. Calhou. Tal como os restantes, nunca foi uma possibilidade abrir uma loja por

causa dos elevados preços das rendas. Ali bastava a licença de sapateiro. “Acabou por nos sair bem. É uma zona onde passa muita gente. Na altura em que o meu pai abriu, nunca se pensou que fosse ter tanto movimento”, realça.

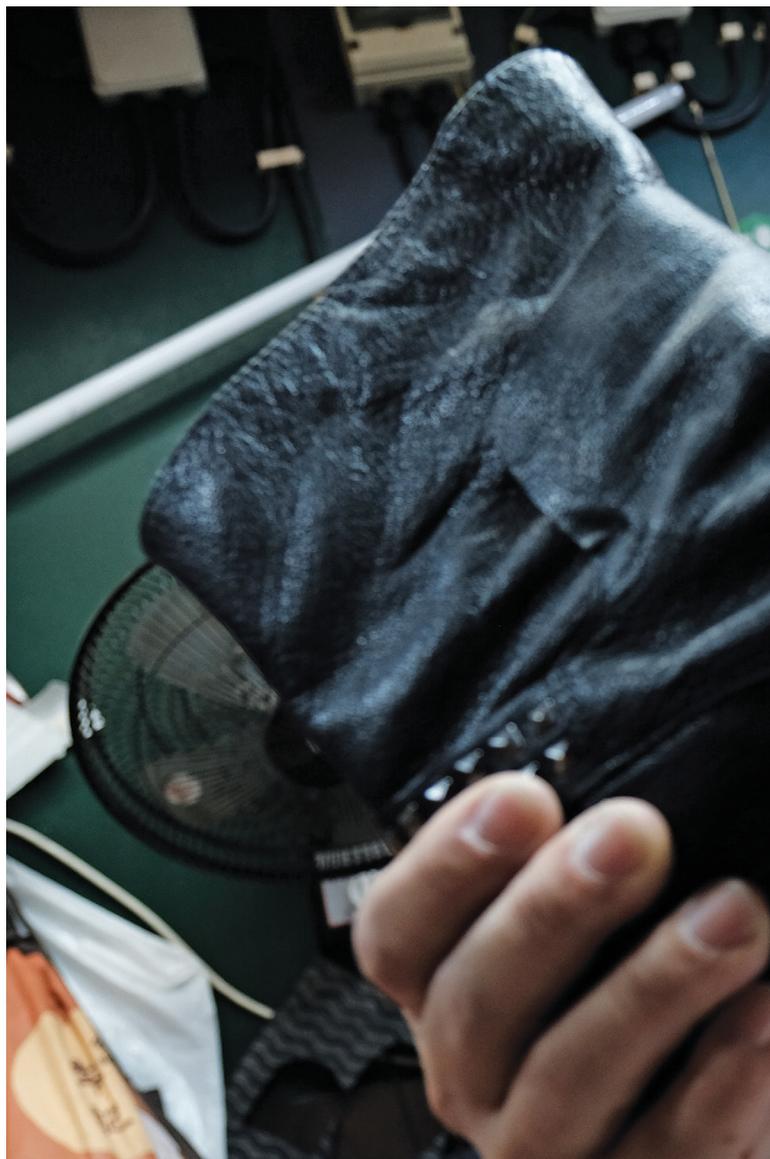
O pai começou a ser sapateiro em 1979, quando chegou a Macau vindo de Taishan, em Guangdong, com a família à procura de uma vida melhor. “A economia não estava muito boa em Guangdong e Macau começava a desenvolver-se”, recorda.

Faltaram oportunidades de emprego como electricista, profissão que tinha até então, e foi assim que decidiu aprender o ofício. “No tempo dele, há mais de 30 anos, havia mais clientes. Agora há cada vez menos, também é mais caro.”

Além do preço, Lei invoca a mudança dos tempos para justificar desaparecimento da profissão. “Os jovens já não se preocupam em arranjar o que se estraga ou está velho. Vai para o lixo e compra-se novo. Depois também está muito na moda comprar na Internet”, aponta.

“Na altura do meu pai havia muito mais procura. A economia não estava tão boa e as pessoas tinham mais o hábito de arranjar.” Hoje diz que dá para viver, mas ressalva: “Só se se levar uma vida simples”.

Na família dificilmente haverá quem dê continuidade. Lei diz que os filhos nunca mostraram interesse. “Estudam e vão seguir outros caminhos. Não me dá pena. Hoje em dia qualquer profissão é



“OS JOVENS JÁ NÃO SE PREOCUPAM EM ARRANJAR O QUE SE ESTRAGA OU ESTÁ VELHO. VAI PARA O LIXO E COMPRA-SE NOVO. DEPOIS TAMBÉM ESTÁ MUITO NA MODA COMPRAR NA INTERNET. HOJE EM DIA QUALQUER PROFISSÃO É MELHOR DO QUE SER SAPATEIRO”

melhor do que ser sapateiro”, constata, resignado.

É também resignação que mostra quando fala do percurso que escolheu. Não responde se teria escolhido outro, mas frisa que quando decidiu ser cozinheiro era um caminho promissor. “Em 1979, havia poucas áreas para escolher. Também havias poucos hotéis e ser cozinheiro era muito bom.”

Agora, com a idade que tem



e nos tempos que correm, afirma que ninguém o contrata, mas reformar-se está fora de questão. “Só me reformo quando a saúde já não me permitir trabalhar. O que é que eu vou fazer? Ficar em casa ainda é mais monótono.”

O pai pensa da mesma forma. Enquanto puder, vai continuar a ocupar as manhãs a arranjar os sapatos de quem por ali pára, apesar de ter mais de 80 anos. M





Aprender português de olhos postos na Grande Baía

Desde o ano lectivo de 2012/2013 que o número de alunos a aprender português no ensino secundário regular e particular de Macau tem vindo a aumentar, em grande medida, graças ao apoio do Governo, havendo actualmente cerca de 3900 estudantes. Na Escola Pui Ching, responsáveis e alunos, veem na língua portuguesa uma valiosa porta de entrada para tirar partido do mercado da Grande Baía, tendo sido inclusivamente criado um canal de partilha de vídeos em português, protagonizado pelos próprios estudantes

Texto | Pedro Arede

Foto | Gonçalo Lobo Pinheiro



”Para mim isso é chinês”, exemplifica Connie, mostrando-se divertida com o facto de, sendo natural de Macau e falante de língua chinesa, ter proferido uma expressão portuguesa que, literalmente, significa não haver compreensão possível. “Acho muita piada que uma expressão destas seja dita por um chinês”, acrescenta a estudante de 17 anos da Escola Pui Ching, que começou a aprender português há cerca de três anos.

Para Connie, que está ainda hesitante sobre qual o nome português que irá escolher no futuro, aprender a língua por-

COM O OBJECTIVO DE MOTIVAR OS ALUNOS DA ESCOLA PUI CHING A OPTAR PELO PORTUGUÊS, FOI CRIADO EM 2016 O PROJECTO “CANAL LUSO DA PUI CHING”

tuguesa irá permitir-lhe “alcançar melhores oportunidades no futuro e ter mais opções de escolha em termos de carreira”. No próximo ano lectivo, a estudante irá ingressar na licenciatura de Estudos Portugueses da Universidade de Macau (UM) e espera, um dia, “ter a oportunidade de estudar em Portugal”. Além disso, não coloca de parte a ideia de, lá mais à frente, vir a trabalhar numa das cidades da Grande Baía Guangdong-Hong Kong-Macau, tirando partido das vantagens da língua portuguesa.

“Tive a oportunidade de investigar um pouco e existem já muitas pessoas do Interior do

País que estudaram português e estão a trabalhar em países de língua portuguesa, como Angola. Acho que é uma grande oportunidade, porque a Grande Baía começa actualmente a ter algumas ligações com esses países de língua portuguesa em África, por exemplo. Por isso, vejo-me a trabalhar na Grande Baía no futuro”, partilhou a estudante do ensino secundário com a MACAU.

No presente ano lectivo 2020/2021 existem cerca de 200 alunos do ensino secundário da Escola Pui Ching a frequentar cursos de português duas vezes por semana, no total de 80 minutos. Em termos

evolutivos, explica a directora de estudos da Escola Secundária Pui Ching, Ieong Pui Lan, desde que os cursos de português voltaram a ser ministrados há 10 anos, a adesão tem sido muito significativa, tendo alcançado, desde então, um universo total de 2558 alunos.

“Em 2011 só havia cursos de português para os alunos do ensino secundário e apenas três turmas com 37 alunos no total. Passados 10 anos, o número aumentou bastante. Ao todo são 2558 os alunos que já frequentaram estes cursos de português desde 2011. Ou seja, em termos anuais, passamos de três turmas e 37 alunos do ensino secundário [em 2011], para 15 turmas e 301 alunos [em 2021], distribuídos, desde

a creche até ao ensino secundário”, explicou.

Sobre a importância da aprendizagem do português no actual contexto de Macau, para além de frisar a possibilidade de explorar áreas profissionais como o direito, a directora lembra a importância que os falantes do idioma podem ter no seio da Grande Baía, para atrair investidores e empresas da área tecnológica, provenientes de países de língua portuguesa.

“Queremos que os nossos alunos possam explorar várias oportunidades, em primeiro lugar, ao nível do comércio e, em segundo, em áreas profissionais como a advocacia ou o direito. Falando do papel de Macau enquanto plataforma

“ACHO QUE É UMA GRANDE OPORTUNIDADE PORQUE A GRANDE BAÍA COMEÇA ACTUALMENTE A TER ALGUMAS LIGAÇÕES COM ESSES PAÍSES DE LÍNGUA PORTUGUESA EM ÁFRICA, POR EXEMPLO. POR ISSO, VEJO-ME A TRABALHAR NA GRANDE BAÍA, NO FUTURO”

CONNIE, ESTUDANTE

de ligação entre a China e os países de língua portuguesa e da posição de Macau enquanto parte integrante da Grande Baía, obviamente que é muito importante que os alunos da Pui Ching continuem a aprender português. Além disso, como Shenzhen é um hub de desenvolvimento tecnológico muito importante e Macau faz parte da Grande Baía, Macau pode ter aqui um grande papel de ligação, no sentido de atrair para a Grande Baía investidores ou empresas portuguesas ou de países de língua portuguesa com grande potencial na área da tecnologia”, apontou Ieong Pui Lan.

A directora de estudos da Escola Secundária Pui Ching referiu ainda que a aposta na língua portuguesa é para continuar e que, por serem maioritariamente empresários, muitos dos pais dos alunos sabem da “importância do português” e incentivam a escola a criar mais cursos.

“Queremos criar mais cursos. Os pais, enquanto empresários, veem grande potencial do português, no seio da Grande Baía e, portanto, querem que os seus filhos aprendam português na escola. É uma *win-win situation*, porque se dominarem bem a língua portuguesa, no futuro, terão várias hipóteses na Grande Baía através das quais poderão chegar a outros países de língua portuguesa”, sublinhou Ieong Pui Lan.

“O plano maior deste projecto é promover o ensino do português na Grande Baía. Macau é um sítio pequeno e, por isso, temos de puxar pela Grande Baía para ver se como é que nós, também aqui na Es-

Connie, de 17 anos, é aluna finalista da Pui Ching e graças ao seu domínio da língua portuguesa garantiu uma bolsa de estudos na Universidade de Macau



cola Pui Ching, podemos aproveitar o que temos para desenvolver o português, não só em Macau, mas na Grande Baía”, acrescentou.

LUZES, CÂMARA, ACÇÃO

Com o objectivo de motivar os alunos da Escola Pui Ching a optar pelo português, mas também como forma de ir além dos 80 minutos semanais previstos para os cursos de língua portuguesa, foi criado no ano lectivo de 2016/2017 o projecto “Canal Luso da Pui Ching” (澳門培正中學葡語頻道). A iniciativa, que partiu da própria escola, materializa-se na produção de conteúdos vídeo em português, protagonizados e criados pelos próprios alunos dos cursos.

Através da abordagem de temáticas como a cultura, festividades, poesia e gastronomia, tanto chinesa como portuguesa, o “Canal Luso da Pui Ching” nasceu com o propósito de “ir além do ensino da gramática” e levar os alunos a falar e a interagir com o quotidiano, recorrendo sempre ao português.

“O ‘Canal Luso da Pui Ching’ surgiu porque achámos que os alunos não tinham muito interesse em aprender a língua portuguesa. Aliado a isso, sabemos que estão muito atentos às redes sociais e aos média digitais e foi assim que nasceu a ideia de ter um canal para que possam mostrar as suas capacidades. Aprender gramática é difícil e muito aborrecido e, por isso, achámos que era bom criar um canal para promover um ambiente mais divertido, motivar o interesse dos alunos (...) e ligar o português à vida



A direcção da Pui Ching frisa que, desde que os cursos de português voltaram a ser ministrados há 10 anos, a adesão tem sido muito significativa

“A DSEDJ PERMANECE ATENTA À FORMAÇÃO DAS CAPACIDADES DE LÍNGUA PORTUGUESA E CONSIDERA A PROMOÇÃO DESTA LÍNGUA E A FORMAÇÃO DE UM DETERMINADO NÚMERO DE QUADROS QUALIFICADOS BILÍNGUES CHINÊS-PORTUGUÊS, COMO OBJECTIVOS POLÍTICOS IMPORTANTES”

normal do quotidiano. Queremos compreender quais são os hábitos dos alunos e integrá-los no ensino do português”, explicou Ieong Pui Lan.

Além disso, a directora considera que o projecto é “muito importante”, sobretudo porque os alunos têm apenas duas aulas de 80 minutos de português por semana, ao contrário, por exemplo, do inglês onde têm sete aulas semanais. A partir daí, explica, os alunos que tiverem realmente interesse em aprender português são aconselhados a complementar os seus estudos fora da Escola Pui Ching, em estabelecimentos como o Instituto Português do Oriente (IPOR).

“A forma como se ensina inglês e português tem de ser diferente, porque 80 minutos é muito pouco e é impossível ensinar tudo. É precisamente através do canal que conseguimos puxar os alunos para falar

e depois disso, se tiverem realmente interesse, sugerimos que estudem mais fora.”

Um dos vídeos que obteve mais visualizações do “Canal Luso da Pui Ching” foi protagonizado por Connie em 2020, no início da pandemia de Covid-19, e passava por explicar, em português, como colocar correctamente uma máscara cirúrgica.

“Acho que os vídeos que fazemos no canal são importantes para chegar ao público português e a outras audiências. Por exemplo, penso que o vídeo sobre a Covid-19 atingiu uma quantidade alargada de pessoas. Alguns dos meus amigos acabaram por partilhar o vídeo e penso que aprenderam a colocar correctamente a máscara. Além disso, ao ver o vídeo, enquanto aprendiam a colocar a máscara, estavam, ao mesmo tempo, a aprender português”, conta a estudante.



Os alunos que aprendem português no secundário têm participado em várias actividades culturais para praticar o domínio da língua

Afirmando “gostar muito” de fazer parte deste projecto, Connie aponta ainda o facto de o “Canal Luso da Pui Ching” permitir “desenvolver valências que vão além do português”, como por exemplo a captação e edição de vídeo.

“A nossa escola tem vindo a diversificar o ambiente de aprendizagem dos alunos, por isso, muitos alunos têm de aprender, por exemplo, a captar e editar vídeo. Estou muito satisfeita por poder desenvolver estes conhecimentos técnicos. Além disso, posso promover o ambiente de aprendizagem do português na nossa escola. É um ambiente muito divertido, pois a maior parte dos alunos que fazem parte do ‘Canal Luso da Pui Ching’ também estão a

aprender português no IPOR e acabamos por desenvolver relações de amizade e discutimos várias vezes sobre a aprendizagem do português”, considera Connie.

Outro aluno da Pui Ching, que escolheu “Dragão” como nome, considera que a aprendizagem do português lhe irá trazer “valências únicas” e que estratégias como o “Canal Luso da Pui Ching”, são importantes para motivar mais pessoas a falar o idioma e fazer com que “as pessoas de Macau aprendam algumas coisas práticas sobre Portugal e vice-versa”. O aluno foi o responsável pela criação de um vídeo em português acerca da edição do ano passado do Festival da Lusofonia.

Por seu turno, António Tam,

professor de português na Escola Pui Ching, aponta que a importância de um projecto desta natureza passa por “ser diferente” de outros locais onde se continua a aprender português de uma forma muito tradicional. “Hoje em dia fala-se muito das redes sociais e é bom aprender português através deste canal, pois é mais próximo da vida quotidiana. Vídeos que ensinam como usar as máscaras ou sobre o que aconteceu no Festival da Lusofonia são exemplos disso mesmo. Há também vídeos onde podemos ver os alunos a ler a poesia de Camões, por exemplo. Claro que, apesar disso, continuamos a seguir os métodos tradicionais”, partilhou com a MACAU.

No futuro, o professor gosta-

“SE MACAU É DEMASIADO PEQUENO PARA SER UMA PONTE [COM OS PAÍSES DE LÍNGUA PORTUGUESA] ENTÃO A GRANDE BAÍA PODE SER UM PONTO DE PARTIDA MELHOR E COM OUTRA DIMENSÃO”

ANTÓNIO TAM, DOCENTE

ria de ver um “Canal Luso da Pui Ching” mais informativo e “menos virado para a exibição de resultados”. “Considero que o canal podia ser mais informativo (...) e ter uma parte dirigida ao público de Macau, para dar a conhecer o que estamos a fazer e ensinar português e, por outro, ter uma parte dirigida à audiência portuguesa que quer conhecer a nossa cultura. Podemos começar com um vídeo que fala de expressões interessantes como: ‘isso para mim é chinês’ e o que é que isso significa. De seguida, alguém podia explicar em chinês ou português a expressão e avançar com um exemplo: ‘ciência para mim é chinês’. As pessoas hoje em dia já não querem saber da gramática clássica, dos gerúndios, dos conjuntivos e do ‘bom dia, como está?’”, partilhou António Tam.

CRESCIMENTO SUSTENTADO

Para a Direção dos Serviços de Educação e de Desenvolvimento da Juventude (DSEDJ), o ensino do português e a formação de quadros qualificados bilingues são encarados como “objectivos políticos importantes”, tendo em vista a articulação do posicionamento de Macau enquanto “Plataforma de Serviços para a Cooperação Comercial entre a China e os Países de Língua Portuguesa”, “Centro Mundial de Turismo e Lazer” e “Base de Formação de Quadros Bilingues de Chinês e Português”.

“A DSEDJ permanece atenta à formação das capacidades de língua portuguesa e considera a promoção desta língua e

a formação de um determinado número de quadros qualificados bilingues chinês-português, como objectivos políticos importantes e, através de várias medidas, designadamente, a criação de currículos e materiais didácticos, melhoramento de recursos educativos e formação de docentes de português”, pode ler-se numa resposta enviada à MACAU.

De acordo com o organismo, no corrente ano lectivo de 2020/2021 existem em Macau 53 escolas a ministrar cursos de português, sendo que destas, 39 dizem respeito ao ensino secundário. Contas feitas, são 8400 os alunos de todos os níveis escolares que se encontram presentemente a aprender português no território. Deste total, 3900 são alunos do ensino secundário.

Através da análise dos dados facultados pela DSEDJ é também possível concluir que a maior fatia dos alunos que se encontra a aprender português está inscrita em escolas particulares, havendo apenas nove unidades escolares oficiais a leccionar o idioma.

Desta feita, as nove escolas públicas que ministram cursos de português, enquadram actualmente, e no total, 2600 alunos, dos quais 900 são do ensino secundário. As restantes 44 escolas particulares são assim responsáveis por ensinar português a 5800 alunos, dos quais 3000 são do ensino secundário.

Nesse sentido, sobre o crescimento do ensino do português em Macau, a DSEDJ destaca o apoio que tem vindo a ser dado às escolas particulares desde o ano lectivo de

2012/2013 para a criação de cursos de língua portuguesa, através dos subsídios atribuídos pelo Fundo de Desenvolvimento Educativo. Subsídio esse que, a partir do ano lectivo 2016/2017, passou a ser encarado como “projecto prioritário no âmbito do Plano de Desenvolvimento das Escolas”.

“Entre os anos lectivos de 2016/2017 e 2020/2021, verificou-se um aumento contínuo do número de unidades escolares e de alunos participantes, tendo o número de unidades escolares aumentado de 29 para 44 e o número de alunos aumentado de cerca de 3800 (cerca de 2800 do ensino secundário) no ano lectivo de 2016/2017, para cerca de 5800 (cerca de 3000 do ensino secundário) no ano lectivo de 2020/2021”, revelou a DSEDJ.

Já quanto ao pessoal docente responsável por leccio-

nar cursos de português, o organismo revela que o número cresceu de 40 no ano lectivo de 2016/2017, para cerca de 50 no presente ano lectivo.

Enquadrados no Plano de Financiamento para a Frequência de Cursos de Docência de Português e de Línguas e no Programa de Formação de Quadros Qualificados Bilingues de Português-Chinês em Diversas Áreas, o número de alunos que frequentou cursos do ensino superior em Portugal até ao presente ano lectivo foi de 110 em 13 áreas profissionais distintas, como educação, administração de empresas, bioengenharia, tradução e relações empresariais.

Questionada sobre a política de desenvolvimento do ensino do português em Macau, a directora de estudos da Escola Secundária Pui Ching, Jeong Pui Lan, aponta que a evolu-

“Dragão”, nome que escolheu para ser chamado em português, diz que a aprendizagem do português traz-lhe “valências únicas”



ção é notável e que o Governo tem dado todo o apoio necessário a nível financeiro, mas que os subsídios podiam ser “mais bem aproveitados” se o Executivo apresentasse, por exemplo, perspectivas de futuro acerca das necessidades do mercado de trabalho, de forma a ajudar os alunos a decidir que carreira seguir.

“Os subsídios estão lá todos. A força do Governo é grande no sentido de apoiar o ensino do português. No entanto, o Governo não preparou ainda um panorama geral para que os alunos possam ter uma ideia mais precisa sobre qual o melhor caminho pelo qual enveredar no seguimento da aprendizagem do português, ou seja, se devem, por exemplo, seguir a carreira de intérprete-tradutor ou se continua a ser uma boa aposta seguir direito. Isto, porque os alunos não sabem se os bilingues existentes no mercado de trabalho já são suficientes ou não. O Governo ainda não tem este panorama

preparado para mostrar aos alunos, quer sejam estatísticas ou um panorama mais geral”, partilhou Ieong Pui Lan com a MACAU.

Para a directora, falta ainda desenvolver trabalho para “encurtar a distância entre as escolas de Macau e de Portugal”, de forma a promover intercâmbios mais profundos e “ligar efectivamente a comunidade jovem” dos dois lados. Além disso, a responsável sugere que, no futuro, sejam promovidos acordos de equivalência de habilitações e médias entre os sistemas educativos de Macau e Portugal, para que “os alunos que frequentem cursos em Portugal tenham equivalência em Macau”.

APRENDER A DIREITO

A leccionar português na Escola Pui Ching desde o ano lectivo 2016/2017, sendo também ex-aluno daquela instituição de ensino, António Tam considera que o português enquanto língua oficial continua a ser

importante para Macau e que, de uma “perspectiva realista”, aprender a falar português permite que seja “muito mais fácil” arranjar emprego.

“Transmito sempre aos meus alunos a ideia de que, perante dois candidatos a uma posição no Governo com a mesma licenciatura, o empregador vai certamente dar mais valor ao que sabe ou domina mais uma língua. Até hoje é fá-

cil ver nos concursos públicos que, se o candidato dominar a língua portuguesa, isso ainda é uma preferência.”

Sobre a Grande Baía, o professor aponta ser “um ponto de partida interessante”, mas não como um dos principais motivos para continuar a apostar no português. “Se Macau é demasiado pequeno para ser uma ponte [com os países de língua portuguesa] então a Grande Baía pode ser um ponto de partida melhor e com outra dimensão.”

Para o docente, que é também consultor jurídico na Autoridade Monetária de Macau (AMCM), a diferença entre o número de estudantes de português na Escola Pui Ching quando era aluno e actualmente, é flagrante. “No meu tempo de estudante do 10.º ano, na minha turma havia apenas dois ou três alunos que tinham efectivamente interesse em aprender português. Agora, no 12.º ano só na minha turma foram admitidas, como bolsi-

“AO TODO SÃO 2558 OS ALUNOS QUE JÁ FREQUENTARAM ESTES CURSOS DE PORTUGUÊS DESDE 2011”

IEONG PUI LAN, DIRECTORA DE ESTUDOS DA ESCOLA SECUNDÁRIA PUI CHING

Nos vídeos que criam para o seu canal, os alunos falam sobretudo de atividades do quotidiano e tradições chinesas



ros, sete pessoas para estudar em Portugal. Isto, tendo em conta que, no total, em todas as escolas de Macau, foram admitidas 15 pessoas para estudar em Portugal. É quase metade”, sublinhou.

António Tam considera ainda muito importante “contrariar o facto de os alunos acharem que disciplinas como matemática, chinês e inglês são disciplinas muito mais importantes do que o português”. “Para mim, o ponto mais fraco dos alunos de hoje em dia é não saberem o que é que a comunidade está a passar. Os alunos em geral, querem ciências, biologia.”

Por isso mesmo, António Tam faz questão de reservar em todas as aulas, um espaço para falar sobre casos concretos relacionados com direito. Segundo o docente, para além de permitir cativar a atenção dos alunos, é também uma forma de falar dos problemas do dia-a-dia e sobre temas úteis para o futuro. “As minhas aulas são diferentes porque reservo sempre meia hora para falar sobre casos concretos relacionados com direito e, desta forma, os alunos acabam por ficar mais interessados. Falamos, por exemplo, sobre quais os valores mais relevantes perante casos concretos, como por exemplo o direito à imagem ou outro. Fazemos pequenos debates e quando discutimos casos concretos eu mostro a lei, quer na versão portuguesa, quer na versão chinesa, e aponto para as palavras-chave que eles devem aprender. Muitas vezes, vamos também ao website do tribunal para ver os resumos dos casos. É bom por-



António Tam foi aluno da Pui Ching, viveu oito anos em Portugal e gosta de partilhar as suas experiências pessoais com os alunos durante as suas aulas de português

que é a vida quotidiana, está em português”, conta.

António Tam revela ainda que aproveita as aulas de português para partilhar a sua própria experiência, durante os oito anos que viveu em Portugal, ajudando os alunos a preparar-se para o que podem encontrar quando forem estudar para o país. “Dentro da sala de aula é difícil que percebam inteiramente o que estou a dizer porque passa muito por transmitir a minha própria experiência. Os tempos são diferentes, mas gosto muito de partilhar com os alunos as minhas experiências reais em Portugal e os hábitos dos portugueses. Quando partilho estas coisas, eles gostam de ouvir. Vou transmitindo estes aspectos para que tenham uma preparação mais profunda, não só a nível gramatical, mas ao nível da mentalidade.” M



leong Pui Lan, directora de Estudos da Escola Secundária Pui Ching

Aprender fora da caixa

A oferta de espaços que exploram vias alternativas de ensino é cada vez maior. As artes são o ponto de partida de muitos centros dedicados a crianças e jovens que procuram ser uma opção fora da formação convencional. De acordo com os dados da Direcção dos Serviços de Educação e de Desenvolvimento da Juventude (DSEDJ) cerca de 300 instituições particulares dão cursos no âmbito artístico. No ano lectivo de 2019/2020, 184 alunos finalistas escolheram as áreas de Artes e Design para prosseguirem os estudos. A MACAU foi conhecer alguns dos espaços que apostam na educação dos mais novos, privilegiando as artes e a criatividade

Texto | Catarina Brites Soares
Fotos | Gonçalo Lobo Pinheiro

CENTRO DE EDUCAÇÃO DE MÚSICA E ARTE MENG MENG

Foi há 34 anos que Vong Oi Meng criou a Associação de Intercâmbio da Cultura e Arte Meng Meng e a Academia de Artes de Música Meng Meng, da qual o Centro de Educação de Música e Arte faz parte, com o intuito de colmatar uma lacuna. “Na altura, Macau era como um deserto no que respeita à oferta de actividades artísticas. Havia muito poucos lugares onde se aprendesse e foi por isso que abri a Academia. Queria cultivar nas crianças o talento e o gosto pelas artes, e promover as artes em Macau”, explica a fundadora.

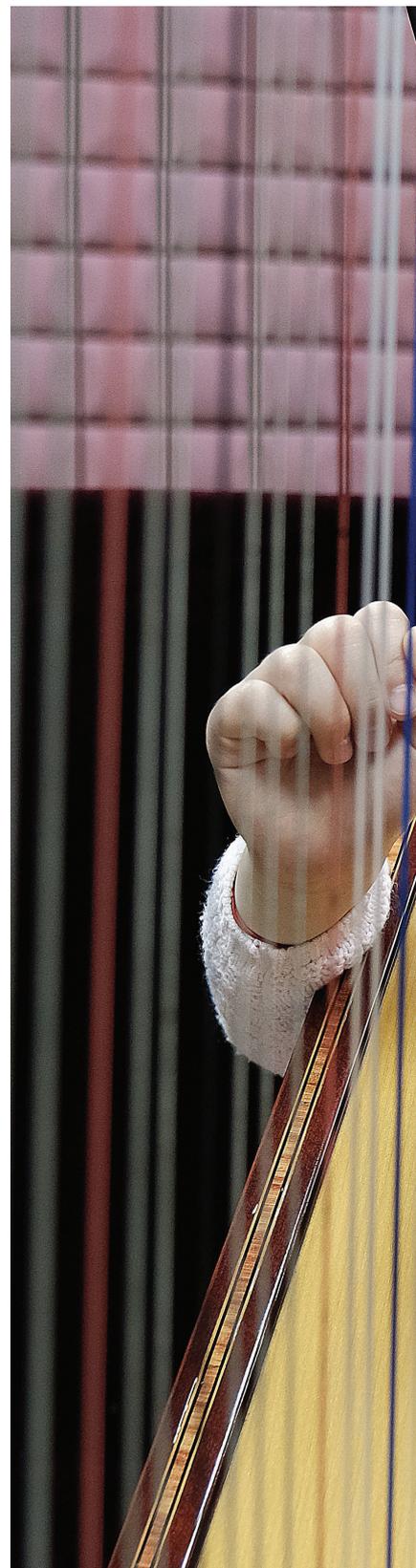
Só no recém-aberto centro, inaugurado há um ano na

Avenida de Coronel Mesquita, o número de alunos cresce a uma média de 10 a 20 por cento ao mês. Mas há outras provas que mostram que a aposta teve retorno.

Vong recorda um aluno que teve há 20 anos, na altura com 12 anos, e que gostava muito de música. Chegou até à professora de piano através de um amigo. “Comecei a dar-lhe aulas e como não tinha piano, vinha para a Academia praticar. Saía da escola e vinha todos os dias. Achava que os pais lhe iam dar dinheiro para continuar a ter aulas, mas depois percebi que a família não queria que aprendesse piano, por-

que achava que não servia para nada. Como ninguém lhe dava dinheiro para as aulas, começou a pagar com a mesada. Soube disso e como era muito dedicado, deixei de cobrar. Progredia muito rapidamente. Só num ano, consegui chegar ao quinto grau de piano. Continuou a aprender e fez o oitavo. Depois foi para Hong Kong, onde abriu um centro de ensino de piano, e mais tarde para o Canadá, onde abriu uma escola de piano. Teve sucesso. A família agradeceu-me muito. Sinto-me grata quando algum aluno tem êxito”, diz, com orgulho.

Foi a admiração pelo traba-





lho e dedicação de Vong que levou as professoras, e irmãs, Waice e Tina Che, a juntarem-se à Academia e a leccionarem no Centro de Educação de Música e Arte Meng Meng. “A educação das crianças é a área que mais influencia a sociedade. É esse contributo positivo que queremos dar”, realça Waice Che, professora de harpa e flauta no espaço, e que também deu aulas em escolas como o Colégio Diocesano de São José, a Escola de Aplicação anexa à Universidade de Macau e o Colégio do Sagrado Coração de Jesus.

Formada em Comércio Exterior e Negócios Internacionais, acumula a docência com a gestão e *marketing* do espaço. A relação com a música vem da infância. Foi aluna do Conservatório de Macau e é membro da Orquestra de Instrumentos de Sopro de Macau, depois de também ter feito parte da Orquestra Sinfónica Jovem de Macau e da Banda de Juventude de Macau.

A irmã mais nova seguiu-lhe os passos. Depois de ter estudado música em Hong Kong e de ter tirado um mestrado na Alemanha, também enveredou pelo ensino, neste caso de oboé. A par do centro, também dá aulas no Colégio Baptista de Macau e em várias outras escolas. “Temos de ter em conta o nível de cada aluno e ensiná-

-lo de acordo com a evolução que vai tendo. O importante é ter paciência e tornar as aulas alegres. Hoje em dia, as crianças estão muito ocupadas, têm muito que estudar e várias actividades nos tempos livres. É importante que aprendam contentes”, alerta Tina Che.

A irmã Waice Che nota que, nos últimos anos, as crianças mudaram muito e que a comunicação é primordial. “Pedimos aos professores que conversem mais com os alu-

ALÉM DA MÚSICA, TAMBÉM HÁ AULAS DE CANTO EM INGLÊS E DE OUTRAS VERTENTES COMO A PINTURA



nos e pais, que querem que os filhos aprendam muitas coisas. Como professores temos a responsabilidade de comunicar com eles para que possam ajustar o volume de actividades e estar mais relaxados”, realça. Vong vinca: “Preocupamo-nos com o que sentem”.

A atenção aos alunos, acrescenta Waice Che, é a base do ensino no centro. “É muito importante. Aprender música e outras artes deve ser alegre. Não podemos tornar as aulas demasiado exigentes e pedir que façam exames sucessivamente só para passar para o grau seguinte. Procuramos que desfrutem no processo de aprendizagem. O contacto com as artes acaba por influenciar diferentes áreas. Ajuda e contribui para que tenham mais confiança e consigam melhores resultados noutras partes da vida. “A exigência não é descurada”, alerta Vong Oi Meng.”Dou muito importância à base, que se aprende nos dois primeiros anos. Têm de ter uma base sólida, mais formal e rigorosa”, vinca a professora de piano.

A arte parece ser livre, reforça Waice Che, mas também implica autodisciplina. A exigência e o acompanhamento tendo em conta as capacidades e situação de cada aluno são as linhas mestras do centro, que pretende alargar o corpo docente.

Actualmente, conta com 22 professores, muitos com mais de 10 anos de experiência, todos com formação em artes e alguns a leccionar em escolas. As aulas, na maioria em cantonês, têm o máximo de 10 alunos. A turma dos mais novos

vai dos dois anos e meio até aos quatro/cinco anos, quando começam a aprender instrumentos de forma mais séria até à idade adulta.

A partir de certo nível, alunos de piano e de instrumentos de sopro passam a aprender juntos. “A interacção entre instrumentos estimula o interesse das crianças pela música, pela aprendizagem mútua, o que é muito importante”, explica Waice Che.

Além da música, também há aulas de canto em inglês – dadas por um professor formado nos Estados Unidos – e de outras vertentes como a pintura. “Temos turmas novas de pintura ecológica. A pintura a lápis de cor e aguarela já se aprende na escola. Queremos estimular a criatividade nos tempos que as crianças têm livres. A protecção ambiental é prioritária. Esperamos que os alunos possam criar essa consciência a partir de meios diversos porque a cidade precisa disso”, salienta a professora, explicando que nestas aulas se recorre a diversos materiais reciclados e recicláveis.

Vong Oi Meng volta à música para fundamentar os benefícios do contacto com o mundo artístico: “É uma actividade exigente, tem de se ler a pauta, tocar ao mesmo tempo. Exige rigor, que depois se manifesta noutras áreas da vida”, realça a fundadora.

“Esperamos educar as crianças não só sobre música, mas como seres humano e desenvolver-lhe valências como a moralidade, inteligência, desenvolvimento físico, sociabilidade e sensibilidade para as artes”, acrescenta Vong. **M**



MY100ZONE

“Where little people can do big things”. A frase apresenta o My100Zone no vídeo de abertura do site. O centro explora o desenvolvimento e a aprendizagem das crianças com base na filosofia italiana Reggio Emilia – abordagem desenvolvida no pós-Segunda Guerra Mundial, na cidade com o mesmo nome, por Loris Malaguzzi e que, entre outras características, privilegia a curiosidade da criança como motor de ensino.

Nair Cardoso foi a mentora do projecto. O contacto próximo com a educação e as artes desde a infância – os pais eram professores e sempre teve aulas de diversas áreas, incluindo de pintura com o mestre Mío Pang Fei – fez com que o percurso profissional acabasse por juntar os dois ramos. “Trabalhei numa escola durante uns tempos e nunca apreciei a forte componente académica

ainda numa fase muito inicial, quando são tão pequenos”, afirma para explicar como surgiu o interesse em explorar alternativas.

A curiosidade, reforçada quando foi mãe, levou-a até à abordagem Reggio Emilia, que começou a seguir. Primeiro em casa, na educação dos filhos e nas explicações e aulas de línguas que dava a outras crianças. Depois no centro que abriu quando uma das mães a ter desafiado para tornar o projecto pessoal em algo profissional e criar um espaço de actividades para crianças com base nos princípios da filosofia italiana.

Em 2018, nasceu o My100Zone, um centro de tempos livres para miúdos até aos 12 anos onde, através da criatividade, se procura desenvolver o pensamento crítico, a autonomia, a confiança e a auto-estima, as relações in-

terpessoais, entre outras aptidões.

O centro, no Tap Seac num espaço envidraçado com vista para o Jardim da Vitória, procura que a criança sinta que está numa zona de conforto, mas explorando as capacidades ao máximo. “Seja ao nível académico, seja ao nível pessoal”, refere a directora.

Os cursos *Portuguese Club*, *English Club* e *Baby Club* foram o ponto de partida. “As pessoas procuram o centro por causa das línguas, mas depois estamos 90 minutos a explorar várias áreas além dessa. O objectivo é aprender a experimentar, a fazer.”

A relação com as artes é, por isso, um requisito transversal ao currículo dos quatro professores que ali trabalham. Nair Cardoso, por exemplo, é formada em *Design Gráfico*, com mestrado concluído e doutoramento a caminho em Educação, com especialidade na área da pedagogia sensorial. “A parte emocional é das mais importantes nestas idades e a arte tem um potencial enorme no desenvolvimento dessa componente. Há muitos miúdos que têm dificuldade em expressar-se verbalmente e encontram na arte uma via”, realça a professora, enumerando uma das

O CENTRO EXPLORA O DESENVOLVIMENTO E A APRENDIZAGEM DAS CRIANÇAS COM BASE NA FILOSOFIA ITALIANA REGGIO EMILIA

mais-valias da abordagem.

“Também traz outros benefícios como o desenvolvimento de capacidades sociais: a partilha, o negociar, lidar com a frustração, a angústia inerente à interacção e actividades que aqui fazemos. Claro que são valências que também se aprendem na escola, mas é uma aprendizagem institucional, há um professor que diz o que é para fazer. Aqui a criança tem muito mais autonomia e liberdade, não tem de haver tantas directrizes e regras estritas.”

À aprendizagem recorrendo a jogos, trabalhos manuais, música e dança, Nair Cardoso acrescenta ao rol de vantagens o facto de obrigar as crianças a desligarem-se dos ecrãs e aparelhos electrónicos, como os telemóveis, *tablets* e computadores. “É importante que as crianças se sintam aborrecidas, que não tenham nada para fazer. É assim que descobrem e inventam.”

Nos três anos desde que abriu, o centro tem sedimentado os cursos iniciais e abriu mais um, o “Arts Club”. “A ideia não é ser um curso convencional. Primeiro, porque a arte está presente em tudo o que se ensina no centro e depois porque não queremos que aprendam a desenhar obedecendo a regras rigorosas. O importante é que explorem e que consigam chegar a um resultado fazendo o seu percurso e respeitando a sua percepção.”

Os cerca de 60 alunos estão distribuídos por várias turmas, que nunca excedem os 15. O “Baby Club” vai dos 10 meses aos dois anos e meio, e neste caso os alunos são acompanhados pelos pais; depois há os grupos dos dois anos aos seis, e finalmente dos sete aos 12 anos. “Também trabalhamos com miúdos em processo inclusivo, ou seja, com patologias como autismo, hiperactivismo, depressões, problemas

emocionais. São incluídos no grupo geral, mas não os forçamos a fazer nada. No mínimo temos sempre dois professores por turma. Se tivermos 15 alunos, temos quatro professores; se tivermos 10 temos três; abaixo disso, estão sempre dois. Isso é importante porque há sempre um que pode dar atenção individualizada a estes casos quando não querem fazer o mesmo que o resto”, refere Nair Cardoso.

Noventa por cento dos alunos é de etnia chinesa, factor que a professora associa à maior receptividade a novas vias de ensino em Macau. “Há muito mais procura por estas alternativas, sobretudo por parte de pais chineses. Os miúdos têm de aprender chinês, e compreendo que numa creche em que os espaços são pequenos e as turmas têm cerca de 40 crianças, seja difícil fazer o que fazemos aqui. Os pais procuram estes espaços onde os

filhos podem ser crianças.”

Não é um processo fácil, confessa, e exige um trabalho paralelo de reeducação junto dos encarregados de educação, para quem o pressuposto faz confusão a alguns. “Muitos comentam que os filhos não estão a aprender nada, que só estão a brincar.”

Ilustra o sucesso da abordagem com os casos em que os pais pensam que os filhos têm algum problema, como de fala, mas que após uns meses constataam que não. “Muitas vezes, apenas se deve ao ambiente em que estão inseridos nas escolas. Sentem vergonha, estão mais retraídos, são gozados pelo sotaque e acabam por criar complexos, e isso inibe-os. Por isso, é que insisto: não trabalhamos só o português, inglês ou as artes. O nosso trabalho é com as crianças e o seu desenvolvimento. O que importa é o processo, não o resultado.” M



GLEE MACAU

O nome recorda a série norte-americana que esteve no ar de 2009 a 2015 e foi líder de audiências em vários países, e tinha como cenário uma escola de artes performativas. Foi com o mesmo objectivo – o de criar oferta de actividades no mundo das artes para jovens e crianças – que nasceu a Glee Macau.

Tomos Griffiths e Emma Seward foram os mentores e, de certa forma, pioneiros na cidade. Os artistas tomaram a iniciativa de abrir um clube quando chegaram há 14 anos, depois de procurarem alternativas para os três filhos e se darem conta da escassez.

Ambos com carreira na área do entretenimento, não se conformaram e assim nasceu o Glee Macau, em 2010. Na página do clube, os directores asseguram a máxima qualidade na oferta de *workshops*, cursos e espectáculos orientados por profissionais de nível internacional de diferentes partes do mundo e o compromisso em desenvolver talentos locais.

“A relação com as artes performativas é incrivelmente importante. Contribuiu de forma evidente para a confiança, imaginação e criatividade das crianças. É uma maneira fantástica de desenvolver essas capacidades”, assegura à MACAU Tomos Griffiths, com trabalho reconhecido nas áreas da produção, promoção, *performance* e direcção criativa. No currículo conta com actuações com a famosa Orquestra Count Basie, a Orquestra Nacional Sinfónica da China e a

Orquestra de Sydney. Antes de vir para Macau, actuava na peça Fantasma da Ópera, em Londres.

O também director criativo, que acumula a função com as aulas de canto e representação, não tem dúvidas no que respeita aos benefícios. “Há vários pais que vêm ter connosco preocupados com o facto de os filhos serem muito tímidos ou introvertidos. Depois de uns tempos no Glee, dizem que estão mais confiantes, com melhor rendimento escolar e mais dinâmicos, receptivos a novas coisas.”

A escola tem 150 alunos, dos 4 aos 65 anos, com predomínio de estrangeiros a viver em Macau, tendo também em conta que o inglês é a língua usada. As turmas são organizadas em função da idade: dos 5 aos 6, dos 7 aos 12, dos 13 aos 16, e



A ESCOLA TEM 150 ALUNOS,
DOS 4 AOS 65 ANOS,
COM PREDOMÍNIO DE
ESTRANGEIROS A VIVER EM
MACAU, TENDO TAMBÉM EM
CONTA QUE O INGLÊS É A
LÍNGUA USADA



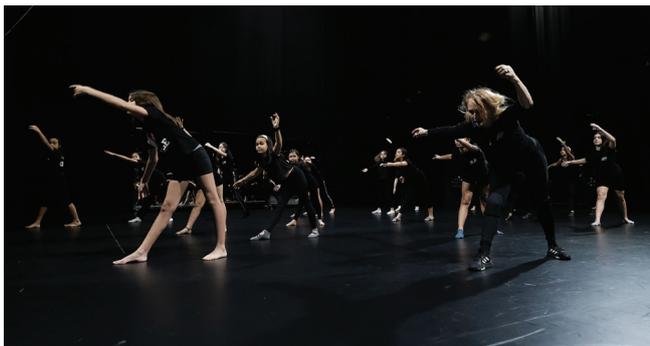
depois os mais velhos.

As aulas, leccionadas por nove professores, distribuem-se pelo dia durante a semana e sábados. Para as crianças e jovens há *break dance*, *jazz*, sapatado, tecidos verticais e balé, assim como representação, musical e canto, entre outras.

O objectivo, sublinha Tomos Griffiths, é crescer e criar mais oportunidades relacionadas com o mundo da música e da dança, também em parceria com entidades públicas e locais.

Procura sempre houve, realça, apesar de notar diferenças desde 2020. “Todos estamos a viver um período peculiar com a Covid-19 e creio que o contexto também contribuiu para uma certa predisposição. Há mais gente a querer experimentar, a procurar actividades criativas que não impliquem contacto com ecrãs e tecnologia. Os pais também querem que os filhos deixem de estar sistematicamente agarrados a um ecrã.”

Emma Seward, coreógrafa e bailarina com experiência internacional, acrescenta que a pluralidade tem sido uma das



mais-valias. Recorda que numa das suas aulas perguntou de onde eram os alunos e havia mais de 20 nacionalidades. “A diversidade que se vive na escola é fascinante”, sublinha a directora criativa, que começou a carreira na MTV Asia e trabalhou com grandes nomes do espectáculo como Katy Perry, Cher Lloyd, Kylie Minogue, Jacky Cheung, Zhang Yimou e Whitney Houston.

À semelhança da série televisiva, o Glee Macau também tem uma meta. Todos os anos há um espectáculo no qual participam todos os alunos do clube. O evento costuma ser no Natal, excepção feita a 2021 que se prevê que haja mais um no Verão. “O nosso enfoque é mesmo na actuação. Há aulas e há treinos a pensar num espectáculo. Haver uma meta é muito importante para as crianças. Obriga-os a dedicarem-se, a praticarem em casa e nas aulas, a confrontarem-se com uma audiência, e a dar tudo”, explica Tomos Griffiths.

“É assim que nos tornamos artistas do mais alto-nível. É exactamente como as competições no desporto. Haver um teste final leva-nos a outro patamar, obriga-nos a elevar as nossas capacidades ao máximo”, acrescenta Emma Seward.

Prova disso é “o elevado número de alunos” que acabou na indústria de entretenimento depois de ter passado pela Glee Macau, refere. “Tive muitos que depois integraram grandes espectáculos internacionais, e que estão a trabalhar com artistas conhecidos. Outros estão a dar aulas. Muitos acabam por fazer carreira.”

O casal sublinha que o espectáculo final é importante também porque estimula o espírito de equipa e é uma motivação acrescida. “Cada um tem a sua tarefa, mas depois há um todo. É o resultado de um esforço conjunto, o que acaba por criar um sentimento de comunidade”, assinala a britânica Emma Seward.

A coreógrafa realça que as crianças se superam no momento de subir ao palco e excedem as expectativas perante a audiência. “Levam tudo muito a sério. Há sempre dois ou três alunos que temos dúvidas porque são tímidos, introvertidos e receamos que se sintam intimidados pelo público, e depois, surpresa, são fabulosos. É mesmo muito gratificante”, afirma Griffiths, que produziu e promoveu espectáculos como os musicais “Cats” e “Música no Coração”. **M**

JELLY'S MUSIKGARTEN - MUSIC & ARTS FOR KIDS

No Jelly a música é o elemento-chave no desenvolvimento da criança nas suas mais variadas vertentes – física, psicológica, linguística. Apto a receber alunos desde os dois meses, o espaço faz questão de contar com a presença e participação dos pais. “Diferenciamos-nos de muitos centros de música que se focam no ensino de instrumentos musicais. Aqui utilizamos a música como um meio para cultivar habilidades como cantar, ouvir e sentir”, explica a fundadora Jelly Ying, de 39 anos.

A professora decidiu abrir o espaço depois de ser mãe, e após a formação em Artes Cénicas e Música, na Austrália e na Malásia. Já de volta a Macau, dedicou-se à docência, mas algum tempo depois decidiu mudar de rumo. “Casei-me e tive o meu primeiro filho. Não queria que aprendesse música de uma forma tradicional e procurei outras vias até que encontrei a ‘Musikgarten’ (programa reconhecido internacionalmente, fundado por Lorna Heyge e que usa a música como veículo primordial de ensino). Queria que tivesse convívio com outras crianças e foi assim que criei o centro”, recorda.

Doze anos passaram-se. Jelly já teve outro filho e consolidou a aposta. O centro conta hoje com mais de 200 alunos, de diferentes nacionalidades e etnias. A língua universal é a música, normalmente cantada em inglês. Já na interacção com as crianças, os professores

usam o idioma de acordo com a língua materna ou que são mais fluentes entre o inglês, o mandarim e o cantonês.

Entre outras actividades, há o que chama de “playgroup”, direccionado para os mais novos e que requer a presença dos pais. “Queremos que os pais possam aplicar o que ensinamos em casa e que entendam o que os filhos precisam nesta fase de desenvolvimento.”

Aos pais de crianças com atrasos no desenvolvimento – por exemplo da fala – são ensinados diferentes exercícios. “Somos um pouco diferentes de outros centros, incentivamos os pais a resolverem os problemas connosco. A música é uma linguagem, qualquer criança é bem-vinda. Não andamos atrás de objectivos, mas sim do desenvolvimento individual. Cada um tem o seu ritmo.”

Para o acompanhamento personalizado é feito um balanço no fim de quatro meses de aulas, que inclui uma reunião com os pais para se fazer um ponto de situação “de forma aberta”. “Discutimos por exemplo a origem dos problemas, para se perceber se é realmente dos filhos ou tem origem nos pais. Muitas vezes, o estado emocional e habilidades das crianças são afectados por problemas familiares.”

A transparência, vinca, é por isso determinante. “Têm de falar sobre a vida familiar para que possamos ajudar. Quanto mais transparência houver, mais podemos perceber os problemas por detrás do de-



envolvimento dos filhos.”

O envolvimento da família tem um peso de 50 por cento, afirma a professora. “Não basta deixá-los aprender no centro. Quando as crianças desistem é porque encontraram obstáculos que não conseguem resolver sozinhas. Queremos que os pais saibam ajudá-las a ultrapassar as dificuldades. É uma responsabilidade dos pais. O crescimento implica a interação entre a criança, os pais e o centro.”

Aprender música, continua, não se esgota na aprendizagem de um instrumento, e acaba por desenvolver capacidades como a de persistência e de trabalho em equipa. “É um *soft power* essencial quando crescidos e entram no mercado de trabalho”, assegura. “O nosso propósito não é o número de prémios que conseguem obter, mas a sabedoria. Não é com um exame que determinamos se a criança pode ou não continuar a aprender música, não é o que queremos. A música é uma lin-

guagem para se comunicarem.”

Todos os anos, normalmente nas férias de Verão, há um espectáculo com base em peças da Broadway como “The Matilda” e “The School of Rock”. “Actuam com os pais desde bebés. Não tem de se ser bom para se poder actuar, queremos que tenham a experiência. Já chegamos a levar os alunos a cantar na rua. É muito importante que tenham diferentes vivências.”

Para garantir a diversidade da oferta – com aulas no âmbito do desporto, como de Educação Física, música e teatro –, os sete professores do centro têm formação musical e desportiva, que adaptam à filosofia do centro com crianças até aos 12 anos. “Há miúdos pouco aceites nas escolas normais porque têm dificuldades de concentração, não se portam bem. Aqui sentem-se integrados. Este tipo de crianças tem um nível de sucesso considerável aqui. Por norma, são melhores em música e artes.” M

ARTES NAS ESCOLAS

Em resposta à MACAU, a DSEDJ realça que a literacia artística é um factor fundamental e que é uma das prioridades da Lei de Bases do Sistema Educativo Não Superior. Para isso, explicam os serviços, as artes passaram a ser uma das áreas de aprendizagem obrigatórias, desde o ensino infantil ao secundário complementar. “No ensino infantil, a educação artística é implementada de forma temática, enquanto do ensino primário ao ensino secundário complementar, as escolas podem criar a disciplina de artes ou as disciplinas de artes visuais e de música”, podendo incluir também as disciplinas de dança e teatro”, detalha a direcção.

No ano lectivo corrente (2020/2021), as disciplinas de “Artes Visuais” e de “Música” passaram a ser obrigatórias e independentes no primeiro ano dos ensinos Secundário Geral e Secundário Complementar, obrigatoriedade que se estenderá, gradualmente, ao ano de escolaridade seguinte nos dois anos escolares subsequentes.

A DSEDJ realça que desde a reforma curricular gradual, iniciada em 2014, a aprendizagem das artes passou a ter a duração mínima total de 33.280 minutos no ensino primário; de 8240 minutos no ensino secundário geral; e de 5600 minutos no ensino secundário complementar.

A par disso, refere o organismo, o Governo integrou as “actividades extracurriculares” nos ensinos primário e secundário da educação regular com o objectivo de que os alunos desenvolvam os vários interesses, nomeadamente na área artística.

O “Plano de generalização da educação artística para alunos” tem sido outra das apostas na afirmação das artes no ensino local, garantem os serviços. Neste caso, o objectivo é que os alunos do 6.º ano do ensino primário ao 3.º ano do ensino secundário complementar tenham, anualmente, a oportunidade de visitar museus e teatros, e conhecerem obras e diferentes vertentes artísticas, da música oriental à ocidental, da dança à ópera chinesa, do teatro de marionetas ao convencional, entre outras.

MY GALLERY PLAYSCHOOL

No My Gallery o mais importante é dar espaço à criança para descobrir e explorar o que gosta, do que é capaz e no que tem mais potencial sem metas, nem objectivos que não o do aprender. A música, as artes e os jogos interactivos são os meios usados para desenvolver o pensamento crítico, comunicação, entre outras aptidões.

“Cada pessoa é diferente. Há miúdos que são melhores a línguas, outros em desporto. Aqui tentamos orientar os alunos de acordo com as suas apetências e preferências”, refere Caleigh Cheang.

Depois de Macau, onde afirma haver demasiadas regras e restrições na educação, Caleigh

Cheang partiu para estudar nos Estados Unidos, Suíça e Austrália. “Tive contacto com diferentes formas de ensinar e quis trazê-las para Macau.”

Com formação em Kinder-musik (via na qual a música assume protagonismo na educação infantil) e Jolly Phonics (programa de literacia que usa a fonética), e com experiência como educadora num jardim-de-infância na Austrália, Cheang decidiu apostar num centro que privilegiasse a criatividade no ensino. Assim nasceu o My Gallery Playschool há 12 anos, localizado na Taipa.

“Especialmente na Austrália, há um enfoque no que as crianças querem aprender que contrasta com a tendência em

Macau, onde são obrigadas a estar sentadas e a cumprir regras, e onde não há muito espaço para a criatividade. Não se dá uma atenção ao que querem, ao que sentem no que respeita ao ensino e ao que aprendem”, aponta a professora.

Os cerca de 70 alunos – qua-

AS AULAS, TODAS EM INGLÊS COM EXCEÇÃO DAS DE MANDARIM, SÃO ASSEGURADAS PELA EQUIPA INTERNACIONAL DE CINCO PROFESSORES

se 100 antes do impacto da pandemia – distribuem-se pelos três departamentos da escola: a creche, que funciona de manhã e em que 99 por cento dos alunos são estrangeiros; as actividades de tempos livres em horário pós-escolar, frequentados maioritariamente por estudantes das escolas internacionais, e os cursos de inglês, que decorrem ao fim-de-semana e com predominância de alunos locais. Nas manhãs, há cerca de 18 alunos, de tarde rondam os 15 e, ao fim de semana, cada turma não excede os oito.

As aulas, todas em inglês com excepção das de mandarim, são asseguradas pela equipa internacional de cinco professores de Macau, Itália, Indonésia e Filipinas –

com qualificações em diversas áreas, como música. “Há uma consciência cada vez maior sobre estas vias que apostam na criatividade para ensinar. Quando começámos há 12 anos, era inconcebível. A ideia de aprender com prazer e alegria era impensável para os pais. Agora, há um interesse crescente que os filhos aprendam num ambiente mais relaxado e descontraído”, constata Caleigh Chegan.

“Temos alunos com limitações linguísticas e emocionais, e que conseguem expressar-se depois de algum tempo aqui e mediante o trabalho que fazemos com as artes. As vantagens na evolução dos miúdos são evidentes, especialmente nos que têm algum tipo de dificuldades e limitações. **M**”



AERIAL ARTS MACAU

A porta envidraçada desvende um pouco do estúdio de três andares onde têm lugar as diversas aulas do Aerial Arts Macau. O espaço arrancou com sedas, dança do varão, arco e telas, mas foi crescendo em alunos e cursos.

O estúdio, na Rua Central, nas costas do teatro D. Pedro V, já existia, mas foi recuperado em Outubro passado pela dupla Zoe Sou e Kam Tou Pang, com o intuito de garantir uma nova oferta de aulas de acrobacias aéreas – na tradução do inglês e que abrange as artes que impliquem levantar o corpo do chão. A base mantém-se, mas hoje o centro também oferece aulas de balé ou ioga.

No início a oferta limitava-se a adultos. “Com o tempo demo-nos conta que as crianças também gostavam deste tipo de actividades e consideramos a hipótese. Vinham com os pais e brincavam enquanto esperavam. Preocupava-nos o perigo que podia representar, mas depois percebemos como era importante para eles, como se divertiam e aprendiam. Iniciámos com os tecidos verticais e o arco, e fomos alargando a oferta”, explica Kam Tou Pang.

A estas, foram acrescentadas aulas de dança do varão e balé. Todas as acrobacias vão dos 3 aos 10 anos, com excepção do Arco, que exige a idade mínima de 4 anos. A partir dos 10, passam a integrar as turmas dos adultos. Dos cerca de 140 alunos, 30 são crianças.

“É uma mistura e essa é uma das partes fantásticas disto

tudo. Esta nova geração já nem dá para perceber bem. Tanto falam bem cantonês, como inglês”, realça a professora.

O inglês é a língua veicular, característica encarada como uma mais-valia em lugar de um impedimento para atrair alunos. “Os nossos instrutores falam inglês e é uma forma dos mais novos que não dominam o idioma aprenderem”, defende.

As consequências na saúde física é outro dos benefícios que Kam Tou Pang destaca. “Há muita ginástica envolvida. O facto de se moverem e erguerem o corpo, de fazerem diferentes acrobacias que treinam ossos, músculos e tendões ajuda ao desenvolvimento do corpo e à memória física, o que vai impedir lesões e outros problemas na idade adulta. É muito importante que se comece cedo porque maior e mais sólida será a memória muscular, menor é o risco de lesão e maior será a mobilidade até tarde.”

A par do corpo, a personalidade também se ressent, assegura a co-directora do estúdio. “Os resultados ao nível do comportamento são notórios: como interagem e brincam. Têm de partilhar, de aprender várias valências e isso ajuda na interacção com o outro.”

A ideia é crescer e na calha estão mais aulas para os mais novos, como as de hamac. A procura, garante, nunca foi problema, incluindo nas classes mais improváveis. “Quando criámos as aulas de dança do varão pensávamos que haveria



TODAS AS ACROBACIAS VÃO DOS 3 AOS 10 ANOS, COM EXCEÇÃO DO ARCO, QUE EXIGE A IDADE MÍNIMA DE 4 ANOS. A PARTIR DOS 10, PASSAM A INTEGRAR AS TURMAS DOS ADULTOS

preconceito, mas depois reparámos que não”, recorda Kam, referindo que vários miúdos mostraram curiosidade.

Entre os 10 professores do estúdio, todos são artistas profissionais e quatro estão qualificados para o ensino infantil: dois de arco, um da dança do varão e outro de tecidos verticais. “Queremos abrir mais aulas, o problema é a escassez de recursos, sobretudo nesta fase de pandemia. Há definitivamente mercado para mais.” M

ANDRÉ ANTUNES, LÍDER DA EQUIPA DE INVESTIGAÇÃO EM ASTROBIOLOGIA DA MUST

“A vida que exista noutros planetas pode ser bastante diferente”

Membro do Laboratório de Referência Estatal Chinês para as Ciências Lunares e Planetárias e líder da equipa de investigação em Astrobiologia da Universidade de Ciência e Tecnologia de Macau (MUST), André Antunes não tem dúvidas de que a humanidade está cada vez mais perto de encontrar vida fora da Terra. Para o investigador, cujo trabalho sobre a exploração dos oceanos das luas geladas do sistema solar foi distinguido pela revista *Nature*, tanto a equipa que lidera, como os laboratórios recentemente inaugurados na MUST têm características únicas em toda a China, e isso coloca Macau como ponto de referência para a área da Astrobiologia, não só no país, mas também a nível global

Texto | Pedro Arede
Fotos | Gonçalo Lobo Pinheiro

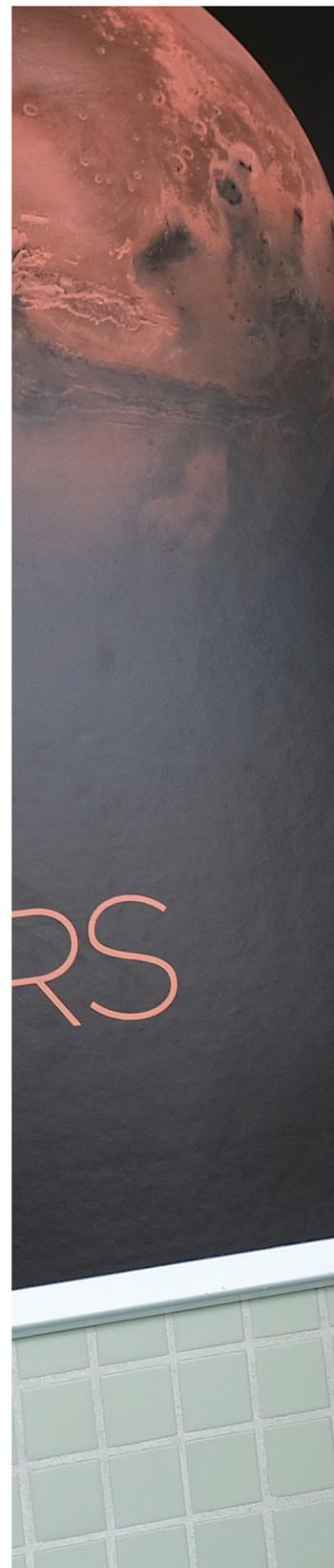
Qual o propósito da criação da unidade de Astrobiologia da MUST?

O grupo de investigação em Astrobiologia da MUST insere-se no Laboratório de Referência Estatal de Ciências Lunares e Planetárias e é considerado como uma das prioridades para o Laboratório de Referência Estatal. O grande propósito associado à criação deste grupo e área de investigação é apoiar a China e a Agência Espacial Chinesa no seu programa de exploração espacial. A Astrobiologia é uma ciência que é relativamente nova e transdisciplinar, ou seja, junta investigadores de várias áreas do saber, e tem como grande objectivo a procura de vida fora da Terra. Tendo em conta o grande interesse que há actualmente, por exemplo, na exploração de Marte (onde estão agora a decorrer missões da NASA, dos Emirados Árabes Unidos e da China), podemos ver que as atenções se estão a virar

para lá e que este tópico vai ser cada vez mais relevante. A investigação que nós vamos desenvolver em Macau, e o facto de cá termos criado esta linha de investigação, é essencial para informar e ajudar a planear e conseguir uma maior quantidade de dados e de informações úteis para a exploração de Marte e de outras partes do sistema solar.

Sente que a aposta nesta área de investigação tem sido forte?

Sim, tem sido uma aposta muito grande. Temos recebido muito apoio quer do próprio Laboratório de Referência Estatal Chinês para as Ciências Lunares e Planetárias quer da própria MUST, e tudo isto devidamente ancorado no apoio financeiro que é assegurado, acima de tudo, pelo FDCT [Fundo para o Desenvolvimento das Ciências e da Tecnologia].





Em que contexto acaba por vir para Macau? Alguma vez imaginou estar envolvido num projecto desta natureza?

Foi mais ou menos inesperado, até porque o meu objectivo não era necessariamente este desde o princípio. Estava a viver com a minha esposa no Reino Unido, onde estávamos os dois a trabalhar numa universidade nos arredores de Liverpool. A investigação que eu desenvolvia lá já tinha de facto ligação à área da Astrobiologia. Além disso, já tinha estado envolvido, e continuo, na colaboração de projectos ligados à Agência Espacial Europeia ou à NASA, que envolvem especialistas de várias agências espaciais de todo o mundo, incluindo nomeadamente, a Agência Espacial Alemã, por exemplo. Portanto, já tinha um grande contacto com a área e a investigação nesta linha. A vinda para Macau e o trabalho ligado à Agência Espacial Chinesa foi um feliz acaso. Enviámos alguns emails e a MUST e o Laboratório de Referência Estatal estavam a contratar professores e a expandir-se muito rapidamente, pois isto foi pouco depois da criação oficial do Laboratório. A área da Astrobiologia era vista como sendo interessante e um bom complemento para a investigação que se fazia aqui, pelo que prontamente nos contrataram.

Trabalhar em prol da exploração espacial da China era algo com que contava? O espaço sempre foi algo que o fascinou?

É curioso porque a minha formação base é na área da Biologia. Sou da área de biociências e sou microbiólogo. Desde criança que sempre gostei de tudo o que estivesse relacionado com o espaço. Por isso, apesar de ter enveredado por uma área de estudos aparentemente diferente, que é a microbiologia, acabei por me especializar em microbiologia de ambientes extremos, ou seja, ambientes exóticos que existem na Terra. Sempre vi esta área como uma ponte de ligação com a exploração do espaço e a procura de vida noutros planetas. Quando era criança, aquilo que me chamava a atenção eram os feitos da NASA e da Agência Espacial Soviética, ou seja, a grande corrida ao espaço que havia na altura. A Agência Espacial Chinesa não fazia parte dos meus planos, até porque na altura ainda não tinha sido estabelecida. O grande impulso de exploração espacial por parte da China é relativamente recente. A China entrou só recentemente nesta área da ciência e tecnologia e, de facto, tem dado um salto impressionante e tem tido avanços enormes e mui-

to rapidamente. Do ponto de vista de local para trabalhar actualmente nesta área, acho que estou no sítio ideal.

Como está a ser acompanhada a missão chinesa a Marte, a Tianwen-1, por parte da unidade de Astrobiologia da MUST?

Como comecei na MUST há relativamente pouco tempo, não estou envolvido directamente com a missão actual da Tianwen-1. Tenho vários colegas e investigadores aqui que colaboram directamente com a missão, nomeadamente a nível do estudo da geomorfologia da superfície do planeta, o estudo das dunas, as estruturas que se veem no solo, com o objectivo de tentar fazer algumas comparações com a Terra.

De que forma é que a unidade de Astrobiologia da MUST irá dar apoio a futuras missões da Agência Espacial Chinesa através da recolha e estudo de amostras?

Este apoio irá ser feito numa primeira fase a nível de planeamento e aconselhamento. Explicando um pouco melhor o alcance da Astrobiologia e o tipo de investigação que se faz, nós estamos cada vez mais próximos de uma situação em que vamos conseguir ter amostras de Marte e de outras partes do sistema solar onde possa existir vida. Ainda não chegámos lá, ainda não estamos nesse ponto. Até lá, um dos grandes pilares da Astrobiologia é o estudo de ambientes extremos no nosso planeta, que têm condições parecidas com estes outros locais do sistema solar onde é possível que a vida possa existir. Nomeadamente, para conseguirmos compreender um pouco melhor quais são os limites da vida, algo que começamos agora a entender um bocadinho melhor, mas onde, ainda assim, existe muito que não compreendemos bem. Por isso, esta é uma tarefa que passa por conseguir compreender quais são os limites da vida, onde é que a vida pode ou não existir, ressaltando sempre que os exemplos que nós temos são sempre baseados no nosso próprio planeta e que a vida que exista noutros planetas pode, de facto, ser bastante diferente. Nós não compreendemos ainda a vida microbiológica, ou seja, a diversidade e as capacidades dos micróbios do nosso planeta e, por isso, este passo é essencial para conseguirmos compreender quais são os seus limites, como se consegue adaptar e resistir a condições mais extremas e como a conseguimos detectar. As últimas décadas têm trazido avanços enor-

mes ao nível da quantidade de diferentes grupos de micróbios que existem no nosso planeta e que, até há poucos anos atrás, era impossível estudar, pois não sabíamos que lá estavam. Regularmente saem novas publicações científicas que apontam para a detecção de mais um grupo completamente novo de organismos, mais um ramo na árvore da vida. E, por isso, se nós ainda temos este tipo de limitações e ainda estamos a fazer estes avanços do ponto de vista tecnológico e de descobertas no nosso planeta, este tipo de investigação é essencial para nós quando, de facto, formos para outros planetas e onde, à partida, a vida será muito diferente do que é aqui, conseguirmos recolher uma amostra, analisá-la e dizer se, efectivamente, existe vida ou não existe vida. Além disso, este tipo de estudos serve também para compreender, caso não haja vida, porque é que não há vida. Nós sabemos que Marte actualmente tem condições menos hospitaleiras, pelo menos para a vida como nós a conhecemos na Terra, mas nem sempre foi assim. Marte já teve uma quantidade bastante considerável de água líquida à superfície e condições bastante diferentes daquelas que tem actualmente. Por isso, sabemos hoje que Marte teve teoricamente condições que permitiriam o aparecimento e desenvolvimento da vida e que essa vida pode eventualmente ter subsistido até aos dias de hoje.

Considera então que a probabilidade de en-

contrar vida em Marte é alta?

Creio que sim, porque a experiência que nós temos do estudo da vida no nosso planeta é que, depois da vida surgir e se adaptar às condições locais, consegue sempre subsistir e tem, de facto, uma enorme capacidade de se adaptar, resistir e de proliferar, independentemente de quão extremas as condições nos possam parecer à primeira vista, particularmente, tendo uma visão antropocêntrica das coisas, pois nós temos sempre uma tendência de centrar tudo na humanidade, que facilmente nos leva a dizer que “isto é muito quente ou muito frio” ou “este pH é muito extremo”, o que não se aplica necessariamente a micróbios.

Que semelhanças existem entre a Terra e Marte, que tornam o seu estudo tão importante?

É importante explorar Marte e acho que parte da ligação que temos com Marte é, por um lado, quase afectiva, olhando para o passado. Marte inspirou toda uma série de mitos, esteve na fonte de uma série de mitologias distintas. Temos,

“ESTAMOS CADA VEZ MAIS PRÓXIMOS DE UMA SITUAÇÃO EM QUE VAMOS CONSEGUIR TER AMOSTRAS DE MARTE E DE OUTRAS PARTES DO SISTEMA SOLAR ONDE POSSA EXISTIR VIDA”



por exemplo, Marte como Deus da Guerra na mitologia greco-romana, onde tinha um papel central. Mesmo na perspectiva da cultura popular teve um enorme impacto no nosso imaginário, com uma enorme diversidade de livros de ficção científica e filmes associados a Marte, e alusão a homenzinhos verdes que teoricamente viveriam lá. Do ponto de vista mais científico é muito importante estudar e compreender Marte porque é provavelmente o planeta do sistema solar mais parecido com o nosso e com as condições mais parecidas com as da Terra. Vénus também tem bastantes semelhanças com a Terra mas, de facto, as condições são muito mais opressivas. Marte tem a vantagem de ter condições relativamente semelhantes, apesar de ser um bocadinho mais frio e possuir uma atmosfera menos densa. Outra grande vantagem que tem é a questão da proximidade e, por isso, de uma perspectiva de exploração é natural que depois da Lua o passo seguinte seja Marte e até numa perspectiva de eventual colonização, através da criação de uma base e envio de

“ESTA É UMA TAREFA QUE PASSA POR
CONSEGUIR COMPREENDER QUAIS É QUE
SÃO OS LIMITES DA VIDA”



população humana para outras partes do Sistema Solar, o natural será haver, num futuro mais próximo ou distante, uma base lunar e, eventualmente depois, o passo seguinte será sempre Marte.

O que poderá acelerar a colonização de Marte?

É difícil responder a essa questão. Por um lado, penso que o tema terá de ser tratado como uma prioridade do ponto de vista político. A partir do momento em que, de facto, haja países interessados, isso acelera os esforços nesse sentido. Temos depois também prioridades do ponto de vista económico, ou seja, havendo algum ganho económico específico associado, isso será outro grande motivo pelo qual estes passos poderão ser eventualmente acelerados. Voltando à vontade política, vemos, por exemplo, aquilo que aconteceu com a exploração da Lua e a colocação do primeiro do homem na Lua que, de facto, foi tratado como uma prioridade política durante a altura da Guerra Fria e da corrida espacial e, efectivamente, trouxe uma grande aceleração e desenvolvimento da tecnologia espacial mas que, a partir do momento em que se atingiu aquele ponto, trouxe alguma estagnação e até um eventual declínio, desaparecendo dos olhos do grande público. É sempre preciso ter um pouco de cuidado com esta temática da exploração espacial, especificamente em relação à Astrobiologia, para não empolar demasiado as coisas. É muito fácil cair na tentação, e vê-se isso regularmente, de, sempre que há uma nova descoberta sobre Marte, Vénus ou a procura de vida fora do nosso planeta, ver esses temas a serem empolados pelos média. Por isso, é muito fácil cair nesse excesso e saturar o público ou de, inclusivamente, gerar algumas expectativas das pessoas, que podem estar a contar que a missão chinesa ou da NASA a Marte vão definitivamente conseguir responder à questão da existência ou não de vida. Não é assim que a ciência funciona, já que é feita de passos graduais. O potencial efeito negativo dessa má gestão de expectativas do grande público, pôde ser vista nas primeiras missões norte-americanas a Marte. Havia grandes expectativas e existia ainda a ideia dos homenzinhos verdes em Marte e, quando as primeiras missões lá chegaram, o tipo de ambiente que se encontrou era bastante diferente daquilo que se estava à espera. Acabou por ser um balde de água fria nas expectativas do público que, no geral, perdeu um pouco o interesse por Marte.

Mudando de tema e de coordenadas, que significado tem o destaque que foi dado pela revista *Nature* ao artigo para o qual contribuiu sobre a exploração dos oceanos das luas geladas do sistema solar?

Do ponto de vista pessoal é muito gratificante a investigação que fiz ser reconhecida pela revista *Nature*. Por um lado consegue trazer maior visibilidade à investigação que nós publicámos e inclusivamente, visibilidade adicional para o grupo e para a investigação que se faz aqui em Macau. Falámos há pouco de Marte como o passo natural a dar depois da Lua e do ponto de vista específico da Astrobiologia e da procura de vida fora da Terra. Marte é muito interessante, mas eventualmente até mais interessante e relevante é o estudo das luas geladas do sistema solar. O motivo pelo qual estas luas são tão interessantes é o facto de terem oceanos de água líquida. As características comuns destas luas geladas de Júpiter e Saturno é que têm, à superfície, uma crosta de gelo relativamente grande mas, debaixo desta camada de gelo, existe água em estado líquido, ou seja, há oceanos que têm um volume considerável. Os maiores oceanos do sistema solar não estão na Terra e isto foi uma grande surpresa. Do ponto de vista da investigação foi algo completamente inesperado. O facto destas luas possuírem grandes reservas de água líquida é muito importante do ponto de vista da potencial existência de vida, porque toda a vida como nós a conhecemos, precisa de água líquida. Sem haver água líquida, mesmo que não seja de forma permanente, não existe vida. Isto é a experiência que temos no nosso planeta. Por isso, o facto de encontrarmos um grande volume de água líquida noutras partes do sistema solar é incrivelmente relevante porque é um grande passo na direcção de uma possível existência de vida nestes sítios.

Qual a importância do estudo para materializar a futura exploração desses oceanos localizados nas luas geladas do sistema solar?

O artigo que foi agora reconhecido é particularmente importante porque juntou uma grande equipa de investigadores que trabalham em áreas e com abordagens muito diferentes, estudando aspectos distintos que são directamente relevantes para a exploração futura destes sítios. Há pessoas que trabalham com estudos de glaciologia e outras, por exemplo, que as plumas hidrotermais detecta-



“A IDEIA DA CRIAÇÃO DESTA LINHA DE INVESTIGAÇÃO E DAS PLATAFORMAS EXPERIMENTAIS QUE RECENTEMENTE INAUGURÁMOS CÁ É PRECISAMENTE PROMOVER MACAU COMO O CENTRO DE REFERÊNCIA NA CHINA PARA ESTA ÁREA”

das nalgumas destas luas. Estas são como géisers que projectam água do destes oceanos das luas para o espaço e que facilita o estudo daquilo que se passa, de facto debaixo das suas crostas de gelo. Um dos casos mais conhecidos onde ocorre este fenómeno é Encélado. Temos também pessoas que trabalham com modelação, outras que trabalham com ambientes com muito sal, pois estima-se que haja grandes depósitos de sal em várias destas luas e ainda investigadores que estudam fontes hidrotermais localizadas no fundo dos oceanos. Por

isso, o artigo acaba por combinar toda uma série de abordagens distintas, actualmente feitas ou a ser refinadas e que vêm de investigadores de áreas diferentes. Numa perspectiva futura, para estudarmos as luas geladas do sistema solar, estamos interessados na camada de gelo, nos oceanos, nas fontes hidrotermais e estas são as considerações que temos de ter e o tipo de abordagens que existem actualmente, ou que estão a ser desenvolvidas ou refinadas. Foi muito importante porque, por um lado, promoveu este tipo de diálogo cruzado o que nem sempre é fácil, pois as pessoas tendem a estar muito especializadas e, por outro, consegui combinar toda esta informação num só documento de referência para o futuro.

Qual a importância da distinção para colocar Macau e, neste caso, a MUST no mapa da Astrobiologia, não só ao nível da China, mas também a nível mundial?

É muito importante. A Astrobiologia é uma área relativamente nova, não tem propriamente grande tradição na China, apesar de haver alguns investigadores que fazem estudos relativamente isolados. A ideia da criação desta linha de investigação e das plataformas experimentais que recentemente inaugurámos é precisamente promover Macau como o centro de referência na China para esta área. O facto de termos recebido agora esta

distinção é muito importante para dar visibilidade. Sobretudo, tendo em conta que, tanto a criação do Laboratório de Referência Estatal Chinês para as Ciências Lunares e Planetárias da MUST, que tem cerca de dois anos, e a criação deste grupo de investigação em Astrobiologia, são muito recentes. É muito importante para dizer “estamos aqui e fazemos este tipo de investigação em Macau”.

Os laboratórios de Astrobiologia e Cosmoquímica da MUST foram inaugurados em Dezembro de 2020. Que características têm estas plataformas que as tornam únicas em toda a China?

O que torna distintas as plataformas experimentais que nós inaugurámos é o facto de, por um lado, serem as primeiras em toda a China dedicadas a este tópico, pois não existem outros dedicados à área da Astrobiologia. Por outro lado, alguns dos equipamentos que temos aqui instalados são, de facto, as últimas tecnologias disponíveis para, por exemplo, isolamento de novos tipos de micróbios, estudos de microbiologia de ambientes extremos ou detecção de bioassinaturas (vestígios moleculares, tais como proteínas ou lípidos, que nos permitem detectar a presença de vida). Temos também microscópios bastante avançados (incluindo um poderoso microscópio laser) mas, além disso, importa destacar a equipa de investigadores que temos. O objectivo das plataformas, é que a investigação que aí iremos desenvolver permita auxiliar a Agência Espacial Chinesa na exploração de várias partes do Sistema Solar e, do ponto de vista da Astrobiologia, ajudar a procurar vida fora da Terra. Do ponto de vista mais aplicado, trabalhamos também aqui na utilização de micróbios para facilitar a exploração espacial. Os micróbios estão associados a toda uma série de aspectos que são importantes para a exploração espacial e, por exemplo, um dos projectos que temos actualmente proposto para a Agência Espacial Chinesa é o estudo de amostras que foram recolhidas na Lua, no sentido de analisar as possibilidades de utilizar micróbios para consolidar poeira lunar e produzir materiais de construção. Esta é uma área muito interessante. Há micróbios que têm capacidade de produzir biominerais e, com isso, consolidar materiais soltos, ou seja, poeira, em materiais mais sólidos. Isto é tecnologia que já é utilizada na Terra com bastante sucesso e alguns investigadores têm proposto isto como maneira de baixar enormemente os custos de construção e instala-



ção de uma eventual base lunar e o que é certo é que, até agora, nunca ninguém estudou a viabilidade deste tipo de abordagem. Por isso, parte de investigação que fazemos aqui também tem esta componente mais aplicada de auxiliar a exploração espacial.

Ou seja, essa produção de materiais a partir de poeira permitiria construir os componentes *in loco*?

Sim, porque a grande dificuldade que há, e que eu, e se calhar muita gente, tínhamos dificuldade em compreender, está relacionada com custos. Lembro-me de ser criança e de se falar que, num fase seguinte da exploração espacial, iria haver uma base lunar e uma colónia em Marte, mas isso nunca se concretizou nos timings que se previa na altura. Se quisermos construir uma base na Lua, os custos associados a esta construção são muito elevados porque, actualmente, e usando as abordagens tradicionais, temos de levar todo o material necessário da Terra para a Lua. Estamos a falar de volumes, pesos e cargas enormes e de inúmeros lançamentos de foguetões. Por ser uma tarefa muito complexa, vejo com muito bom olhos que se torne cada vez mais relevante, centrar parte da discussão na utilização de recursos no próprio local, que acaba por ser algo muito mais sustentável e, ao nível do planeamento, se torna muito mais barato.

O material lunar para investigação já se encontra em Macau?

Ainda não, mas vamos receber. O Governo da China comprometeu-se a dar a Macau, pela celebração do retorno da região à administração chinesa, parte das amostras que foram recolhidas pela sonda Chang'e 5. Esta foi uma missão que teve um grande sucesso, as amostras foram recolhidas, já estão na China e estamos actualmente em fase de partição das amostras e discussão sobre os planos e forma de processamento. Será uma questão de mais algum tempo até chegarem a Macau. Convém notar que são as primeiras amostras recolhidas na Lua em mais de 40 anos!

Como tem sido a relação com a Agência Espacial Chinesa?

Não sendo chinês, não tenho uma comunicação tão directa com a Agência Espacial, mas temos tido um diálogo muito útil e que tem corrido muito bem. Há vários investigadores do laboratório



“O OBJECTIVO É QUE A INVESTIGAÇÃO QUE NÓS IREMOS DESENVOLVER AQUI PERMITA AUXILIAR A AGÊNCIA ESPACIAL CHINESA NA EXPLORAÇÃO DE VÁRIAS PARTES DO SISTEMA SOLAR E, DO PONTO DE VISTA DA ASTROBIOLOGIA, AJUDAR A PROCURAR VIDA FORA DA TERRA”

que estão envolvidos em projectos passados, presentes e futuros da Agência Espacial Chinesa e, inclusivamente, foi recentemente anunciado o estabelecimento de um Centro da Agência Espacial Chinesa em Macau associado ao nosso Laboratório de Referência Estatal. É de facto um sinal de que a Agência Espacial Chinesa tem um vínculo muito forte connosco e está fortemente envolvida na promoção desta ligação entre as duas instituições.

Que balanço faz desta experiência até agora?

Muito positivo. Gosto muito de estar em Macau e de trabalhar nesta área e neste centro. É uma grande honra ter a possibilidade de estar directamente envolvido com uma área de investigação tão importante e tão prioritária para os interesses da China e para os interesses da Humanidade. Do ponto de vista da descoberta de vida fora da Terra, de facto, é provavelmente a maior questão que a Humanidade se perguntou e que ainda está por responder. E estamos cada vez mais perto de lá chegar. Por isso, fico muito honrado e feliz que Macau tenha uma palavra a dizer e um contributo para chegarmos mais rapidamente a essa resposta. chegarmos mais rapidamente a essa resposta. M

TRADIÇÕES

Crença e Costumes de A-Má

A avó que olha por Macau

São das crenças locais mais populares, tendo-se tornado numa importante tradição da comunidade chinesa. As crenças e costumes de A-Má têm passado de geração em geração ao longo de séculos e são hoje um testemunho da divulgação e transmissão da cultura popular chinesa em Macau. Desde 2014, fazem parte da Lista de Património Imaterial da China

Texto | Catarina Brites Soares

Durante séculos, grande parte da população local dedicava-se à pesca e ao comércio externo, e era por isso compelida a desafiar o mar e as suas tempestades. Muitos dos aventureiros acreditavam que A-Má os salvara dos perigos, concedendo paz e sorte. Foi assim que se tornou a deusa protectora dos pescadores e de Macau. Templos e crenças foram desenvolvidos em honra da divindade, e foi assim que o culto a A-Má passou a fazer parte da vida quotidiana da cidade.

Localizado na margem ocidental do Delta do Rio das Pérolas, Macau foi há várias

centenas de anos um porto de pesca, conhecido na Dinastia Ming como “A-Ma-Gau”, ou seja, “Baía de A-Má”.

A descrição do missionário Matteo Ricci e a inscrição em pedra no interior do Templo de A-Má comprovam que este templo foi construído durante a mesma dinastia. É o templo mais antigo e mais importante de Macau, tendo passado a integrar a Lista do Património Mundial pela UNESCO em 2005.

Reza a História que Macau assim se chama por causa da Deusa A-Má. No século XVI, quando os portugueses desembarcaram no território, foi na costa, junto ao monumen-

to, que atracaram e baptizaram a região como Macau por causa da semelhança sonora com o nome da Baía. O nome e a história da cidade estão intimamente ligados a A-Má e às suas crenças e costumes, que passaram a integrar a lista de património imaterial da China em 2014.

“Conta-se que os portugueses desembarcaram na zona do templo e perguntaram às pessoas como é que se chamava o sítio onde estavam. As pessoas pensavam que se referiam ao local exacto e disseram ‘A-Ma-Gau’, que aos portugueses soava Macau e foi assim que lhe deram o mesmo nome”, explica o presidente



da Associação de Ópera Chinesa de Moradores Terrestres e Marítimos da Barra, Chan Kin Chun.

A-Má, que noutras zonas se designa de Mazu, foi Lin Moniang, uma jovem nascida na Ilha de Meizhou, em Putian, na província de Fujian. “Diz a lenda que havia uma senhora em Fujian que conseguia observar e prever o estado do tempo. Era ela quem aconselhava os pescadores, e lhes dizia se deviam ou não ir para o mar. Ajudou sempre muito enquanto foi viva. Quando morreu, os pescadores passaram a chamá-la de Deusa do Mar [Mazu] e construíram-lhe um templo, para a adorar e pedir que continuasse a protegê-los”, recorda Chan.

O culto à deusa acabou por ser transportado para a província de Guangdong pela mão dos pescadores de Fujian, onde também foi endeusada pela comunidade e lhe foram

concedidos títulos por vários imperadores de diferentes dinastias. A influência é predominante na costa sudeste da China e na ilha de Taiwan.

Em Macau, os costumes e crenças de Mazu ganharam vida própria e individualizaram-se, assim como o nome. Mazu, a divindade mais importante para os residentes, passou a ser referida aqui como “A-Ma” (avó). É por isso que o Templo de A-Má também é conhecido como Pavilhão de Mazu e Templo de Tin Hau (Templo da Deusa).

Chan Kin Chun realça que são várias as histórias sobre A-Má e conta uma das mais conhecidas. “Uma das lendas conta que havia uma jovem, que falava muito pouco, que viajava numa das embarcações de pescadores que vinham de Fujian para Macau. Houve uma tempestade e a rapariga começou a orar na proa do barco, o mar acalmou e a



A-MÁ, QUE NOUTRAS ZONAS SE DESIGNA DE MAZU, FOI LIN MONIANG, UMA JOVEM NASCIDA NA ILHA DE MEIZHOU, EM PUTIAN, NA PROVÍNCIA DE FUJIAN

embarcação conseguiu chegar sã e salva à cidade. Os pescadores ficaram para sempre gratos à jovem e acreditaram que a Deusa Mazu tinha encarnado na rapariga”, explica o presidente da associação. “Acredita-se que foi assim que A-Má chegou a Macau. Há muitas versões da lenda. Esta é apenas uma”, ressalva.

“Os residentes têm uma forma mais calorosa de tratar a deusa face a outras zonas onde também é importante. Para a cidade, A-Má é a deusa protectora dos residentes, tanto dos que estão em terra como dos que vão para o mar”, salienta.

As crenças e costumes de A-Má, continua, têm cerca de 500 anos. Têm passado de geração em geração, sobrevivendo à passagem e mudança dos tempos. “O facto de existir um monumento – o Templo de A-Má – também contribui para a preservação da





tradição e impede que caia no esquecimento. As crenças e os costumes de A-Má fazem parte da cultura dos residentes de Macau. Estão muito enraizados”, reforça. “Há sempre muitos devotos que vêm ao templo queimar incenso e fazer ofertas.”

TRADIÇÕES

Os rituais repetem-se ao longo do ano, mas há duas alturas mais concorridas. No Ano Novo Chinês e no 23.º dia do terceiro mês do calendário lunar. “É o aniversário da Deusa, e a altura em que mais devotos vêm prestar homenagem e implorar para que os ajude”, refere o presidente da Associação de Ópera Chinesa de Moradores Terrestres e Marítimos da Barra, Chan Kin Chun.

Para a celebração, há uma série de tradições que se cumprem ao longo de cinco dias – do 21.º ao 25.º do mesmo mês.



AS CRENÇAS E COSTUMES DE A-MÁ, CONTINUA, TÊM CERCA DE 500 ANOS. TÊM PASSADO DE GERAÇÃO EM GERAÇÃO, SOBREVIVENDO À PASSAGEM E MUDANÇA DOS TEMPOS

Uma das mais importantes é a construção de um teatro em bambu em frente ao templo onde têm lugar várias óperas chinesas como forma de mostrar respeito, prestar homenagem e entreter A-Má durante os dias da festividade. “Temos uma expressão que diz: ‘As pessoas fazem, a Deusa observa’. Há a crença de que A-Má vê o que fazemos de bem e de mal”, explica o líder associativo.

O Festival de A-Má (também conhecido como Festival de Tin Hau), cujo dia principal é o 23.º do terceiro mês do calendário lunar, é das manifestações culturais mais importantes em homenagem à deusa. Em frente do templo, os residentes decoram a zona com lanternas coloridas, veneram a deusa, fazem jogos e leilões. Durante a festa, pescadores e residentes prestam culto, fazem ofertas e anga-



riam fundos. “Começamos a angariar fundos dois meses antes do festival, que depois têm como fim as óperas. Durante esse período, temos uns livros vermelhos que circulam, e nos quais as pessoas escrevem o nome e o montante que querem doar. Os que doam valores mais elevados têm bilhetes para assistir às óperas”, detalha Chan, ao mesmo tempo que mostra os cadernos utilizados em anos anteriores.

No 21.º dia, queima-se incenso, presta-se culto à deusa e faz-se a contagem das doações, afirma. Quando conclui, traz para a mesa duas peças em madeira em forma de metades de lua. “Depois de contabilizarmos os montantes, temos outro ritual”, refere. “Não é bem um jogo, mas é parecido”, começa por dizer.

Chan diz que na zona do templo membros da associação reúnem-se para cumprir o “Qibeí”, ritual em que são lançadas peças de madeira ao ar com o objectivo que a face de uma fique para cima e a outra para baixo. Os dois participantes que ganharem a final levam duas estátuas maiores de A-Má – que estão no templo e na Associação – para casa durante um ano. Só podem inscrever-se no jogo membros da associação, que tem cerca de 90 integrantes. “Não é uma questão de sorte ou de azar ao jogo porque acreditamos que é a deusa que escolhe os que vencem”, realça o presidente da associação.

Finalizado o ritual, é tempo para o banquete também em frente ao templo, com 70 a 80 mesas, cada uma com 12

lugares. “É como se estivéssemos a fazer companhia à deusa”, acrescenta Chan. Antes, há ainda tempo para as danças do dragão e do leão.

A seguir ao jantar tem lugar a ópera chinesa num teatro construído em bambu propositadamente para o efeito, ritual que acabou por dar origem à Associação de Ópera Chinesa de Moradores Terrestres e Marítimos da Barra.

Entre os sons de gongos e tambores, a Deusa é convidada a assistir à ópera – facto conhecido como “A-Má assistindo às óperas” – encarada como uma forma de entretenimento para as pessoas e para a deusa. “O teatro está virado para o templo para que a deusa possa ver as óperas, que começam às 7h30”, detalha Chan.

Após o espectáculo, a imagem da deusa é escoltada de volta ao templo, onde crentes mostram respeito e honra, e pedem por segurança no mar e na terra, por prosperidade dos negócios e protecção dos filhos.

O Ano Novo Chinês é outra data importante para os devotos de A-Má, quando se voltam a cumprir rituais como queimar incenso e fazer ofertas. Na véspera do dia de Ano Novo, a afluência ao templo abunda uma hora antes da passagem de ano, quando residentes e turistas dirigem-se à zona. “Começam a aglomerar-se às 23h00 porque querem ser os primeiros a queimarem o incenso e a pedirem riqueza, sorte e prosperidade”, explica.

HISTÓRIAS

Chan faz questão de publi-



nhar que as crenças e costumes de A-Má são parte fundamental da história de Macau, mas também do futuro. “Macau tornou-se uma cidade turística internacional, conhecida pela fusão entre as culturas oriental e ocidental. Todos os anos, milhares de turistas vêm a Macau. O Templo de A-Má é um dos primeiros locais que visitam. É o mais antigo da cidade. Estas crenças e costumes são conhecidos mundialmente”, afirma o líder associativo.

No 16.º ano do reinado do Imperador Qianlong da Dinastia Qing (1751), a primeira monografia sistemática sobre Macau em toda a história chinesa – *Breve Monografia de Macau*, da autoria de Yin

Guangren e Zhang Rulin – descreve a lenda de A-Má.

O livro *História Antiga de Macau*, do historiador sueco Anders Ljungstedt, bem como numerosas obras literárias e documentos ocidentais fornecem também descrições detalhadas sobre a deusa.

As descrições estendem-se à pintura, de que é exemplo um quadro de 1863, do pintor alemão Eduard Hildebrandt, de uma ópera chinesa representada sob telheiros de bambu, em frente ao Templo de A-Má, por ocasião do festival dedicado à deusa.

A cultura da deusa A-Má está enraizada em Macau há centenas de anos. Os paus de incenso sempre a arder no interior do Templo de A-Má

A CULTURA DA DEUSA A-MÁ ESTÁ ENRAIZADA EM MACAU HÁ CENTENAS DE ANOS. OS PAUS DE INCENSO SEMPRE A ARDER NO INTERIOR DO TEMPLO DE A-MÁ PROVAM QUE A TRADIÇÃO E O RESPEITO SE MANTÊM, ASSIM COMO AS ENCHENTES NO TEMPLO NA VÉSPERA DO ANO NOVO LUNAR E DURANTE O FESTIVAL DE A-MÁ

provam que a tradição e o respeito se mantêm, assim como as enchentes no templo na véspera do Ano Novo Lunar e durante o Festival de A-Má, quando se intensifica o cheiro do incenso e a afluência de gente.

O Instituto Cultural, na página sobre a manifestação cultural, refere que os costumes e crenças de A-Má de Macau constituem uma importante parte do culto de Mazu em território chinês, caracterizando-se pela longa história, raízes na comunidade, continuidade e imutabilidade ao longo das épocas, assim como pelas suas influências tanto no país como no estrangeiro. “É um festival popular crucial em Macau e de grande impacto.”

JOAQUIM FRANCO

“A arte é o que dá sentido à minha vida”

É dos pintores locais vivos com mais trabalho feito e de forma contínua. Já teve várias fases nas décadas de dedicação à arte, mas o abstraccionismo é o que domina a obra do artista português radicado na região há mais de 30 anos. À MACAU conta como a pintura lhe mudou e se tornou a sua vida.

Texto | Catarina Brites Soares

Foto | Gonçalo Lobo Pinheiro

É no pequeno estúdio que divide com uma amiga artista sul-coreana que Joaquim Franco passa grande parte do dia e dos dias. Do tempo que nunca é suficiente para as muitas telas e tintas espalhadas pelo espaço do Art Garden, o pintor arranja um intervalo para contar como a pintura acabou por se tornar forma de vida. “Agora, estou só a trabalhar na pintura e cada vez mais sinto que não me devo dispersar. A vida não é para sempre e sinto que me devo focar mais no trabalho artístico, apesar de ser mais complicado em termos de sobrevivência. Não vendemos quadros todos os dias, nem todos os meses, nem todos os anos. Estou sempre aberto a outras possibilidades, mas tenho tentado nos últimos anos dedicar-me muito mais à pintura”, afirma. “A arte é o que dá sentido à minha vida.”

A arte está presente desde que se lembra. O avô, médico, partilhava da mesma paixão. Não o conheceu porque morreu quando Joaquim tinha apenas

sete anos, mas deixou a semente. “Conheci-o mal, mas ficaram as histórias, as aguarelas e os óleos dele. Era um pintor naturalista, fazia paisagens.”

O pai não pintava, mas era igualmente um amante e colecionador de arte. Joaquim Franco lembra as paredes da casa da Ericeira, vila portuguesa onde nasceu em 1959 e viveu até aos 17 anos, decoradas pelos quadros do avô e outros. “Cresci sempre rodeado de livros de arte. Na casa do meu pai era difícil encontrar um centímetro de parede sem uma pintura. Tínhamos a casa forrada de quadros.”

É aos 12 anos que traça os primeiros riscos com a ajuda de uma prima designer que lhe dava aulas de desenho nas férias de Verão. Aos 17 anos decide que é o que quer seguir.

PRIMEIROS PASSOS

Em 1976, ingressa na Sociedade Nacional de Belas Artes, a associação artística mais antiga e representativa de Portugal, fundada em 1901 e encerrada



pelo Estado Novo em 1952. Joaquim Franco entra no curso de Iniciação à Pintura nos anos de 1970, já findada a ditadura salazarista e com a escola reaberta, à procura das bases e escolaridade mínima, que lhe permitiriam prosseguir os estudos na Escola Superior de Belas Artes. O plano era esse, mas não foi assim que aconteceu.

Nos três anos de formação na Sociedade de Belas Artes, que terminou em 1979, recorda ter tido aulas com “professores marcantes”, como os artistas e críticos de arte Sílvia Chicó, Rui Mário Gonçalves, João Vieira e Sá Nogueira.

A Revolução do 25 de Abril em 1974, a Matemática por concluir e as alterações no sistema de ensino com a mudança de regime político face ao culminar da ditadura salazarista acabaram por lhe trocar as voltas. “Também contribuiu a ideia romântica de que o artista não precisa de andar na escola para ser artista e de que a academia vem estragar tudo, e acabei por não fazer o curso.”

Apesar da escolha, não descartou a formação. Em 1980, começa outro curso de dois anos, desta feita de gravura, na Galeria Quadrum, em Lisboa, com David de Almeida. A aposta acabaria por dar frutos mais tarde, já em Macau. Antes disso, e ainda em Portugal, chega a altura “de ganhar a vida”.

Faz do jeito para o desenho ferramenta de trabalho e inicia-se como freelancer em vários ateliês de arquitectura como desenhador. “Um artista nunca consegue viver só da arte”, lamenta. E por isso, foi quase sempre obrigado a conciliar trabalhos. No teatro, foi pintor, escultor e o responsável pelo desenho do cenário para vários espectáculos entre 1979 e 2015. E a partir de 1983, também se torna designer de interiores de restaurantes, lojas, apartamentos e feiras internacionais, ofício que, além de outros, também acabaria por desempenhar no território. “Nunca pensei em termos económicos, nem no valor do meu trabalho e nunca lutei por isso. Conheço artistas que a primeira coisa que pensam é

no preço e depois é que fazem a pintura. Fui andando até que me dei conta que tinham passado 40 anos e que os meus preços se mantinham. Quando olho para trás só tenho pena de ter perdido tanto tempo e de não ter pintado mais. Mas, na realidade, há alturas em que é complicado.”

PARTIDA SEM VOLTA

Ainda em Portugal, casa-se com uma historiadora, amor que acabaria por lhe mudar o rumo e traçar o destino onde ainda hoje permanece – Macau. Atra-



vés da companheira, começa a integrar equipas para trabalhos na área da arqueologia, para fazer os levantamentos das estações e desenhar as peças, especializando-se no desenho científico.

Trabalhou com várias equipas nacionais e internacionais. As universidades dos Açores, Texas e de Edmonton, além do Instituto Arqueológico Alemão, foram algumas das entidades com as quais colaborou em solo nacional, além dos projectos fora, como três meses no Canadá.

“Era um trabalho que gostava, mas era muito minucioso. Havia pouca margem para a criatividade e tempo para me dedicar à pintura. Depois de oito horas de régua e esquadro, lupas e afins para desenhar tudo ao milímetro, a mão fica bloqueada e destreinada para outras linhas mais livres, além do cansaço visual.”

A arqueologia deixou mazelas, mas também lhe mudou a vida. Em 1988, recebe o convite para integrar a equipa responsável pelas escavações arqueológicas das Ruínas de São Paulo. Chega a Macau dois anos depois. “Aqui desenhava peças, fiz o levantamento da estação e dirigi os trabalhos de campo. O arqueólogo, chefe da missão, estava em Portugal e só vinha de vez em quando, e era eu quem dirigia a equipa, dada a experiência que tinha.”

Vinha por 10 meses. Ficou e cá está há mais de 30 anos. Entusiasmado com a cidade, a China, a Ásia, decide que é em Macau que quer viver e investir de forma mais séria no que até então tinha ficado para segundo plano. Abre um ateliê e começa a dedicar-se a sério à arte.

Comprou uma prensa em Espanha que traz para a região e aposta na gravura, ao mesmo tempo que dava aulas na Academia de Artes Visuais, entretanto extinta, e sem nunca deixar a pintura de parte. “Ainda tentei a escultura, mas requer mais materiais e acabei por desistir”, diz. “A democratização da arte associada à gravura é muito interessante. Numa pintura só a pessoa que a compra tem acesso a ela. Se essa pessoa tiver cinco amigos que leva a casa, são seis pessoas que usufruem da obra. Se fizer uma gravura com uma edição de 30 provas, que é relativamente pequena, e se cada pessoa tiver cinco amigos, muito mais pessoas podem usufruir do trabalho artístico.”

Não é raro os custos determinarem as escolhas dos artistas e acabarem por lhe moldar a obra. Joaquim Franco não é excepção. Foi também pelos gastos que a gravura acabou por se sobrepor à pintura nos primeiros tempos. “É um processo muito

mais dispendioso, porque implica mais material em relação à pintura, que só requer uma tela e tintas. Mas, depois, tem a vantagem dessas despesas serem diluídas pelo número de provas que se podem fazer e serem vendidas”, explica.

A par, são vários os *workshops* e mini-cursos que vai fazendo como o da Slade School of Fine Arts, no Reino Unido, entre 1991 e 1994, liderados pelo professor Bartolomeu Cid dos Santos; e de gravura tradicional japonesa, com a professora Tetsuia Noda.

A FAVORITA

O cansaço com a gravura acabaria por vencê-lo e desviá-lo para a expressão artística que sempre mais gostou. “A gravura tem uma parte interessante que é a da criação, mas depois há a outra: das edições, um trabalho de repetição, mecânico e que demora. A pintura não. É muito mais criativa”, vinca. “O meu trabalho neste momento é completamente abstracto. Trabalho em abstracção há quase 20 anos. Na gravura era mais figurativo, na pintura comecei a mudar.”

Começa por desenvolver uma técnica em que mistura pintura, gravura, desenho, colagens e intervém sobre as provas sempre com a abstracção como norte. A expressão foi uma decisão, mas também uma necessidade face aos tempos. “Somos bombardeados com imagens”, afirma, para introduzir porque prefere uma expressão para lá do óbvio que obrigue a parar e pensar. Ou melhor, a sentir.

“Podia pintar as Ruínas de São Paulo, fazer umas vistas de Macau, uns templos... Provavelmente, ganhava muito mais dinheiro assim. Mas considero que hoje o trabalho figurativo tem pouco interesse”, aponta. “Toda gente tem um telemóvel, tira fotografias. Há um excesso de imagens. A arte abstracta baseia-se nos sentimentos e considero essa dimensão muito mais importante. Uma pintura figurativa pode estar muito bonita, mas é aquilo, não há mais a dizer. Na arte abstracta, já não é assim.”

Suspende o discurso, pára para articular em palavras o que diariamente tenta dizer na tela e aponta: “As pessoas perderam esse lado humano. Não sabem transmitir, não trabalham as emoções. É

tudo muito mais superficial, mais efémero e isso vê-se nas relações, voláteis. Fazem-se amizades na Internet...”, observa. “A arte abstracta é como um livro. É para ser lida.”

É esse processo constante, mutável e sem fim que cativa Joaquim Franco na arte não figurativa. “Há uma primeira impressão que nos toca pela cor, pela forma, pela composição e depois há a leitura que se vai fazendo ao longo do tempo e sempre reveladora. Cada dia é diferente.”

Indigna-o a rejeição ainda generalizada da arte abstracta, nascida no século XX. Não percebe como, depois de mais de um século desde a primeira obra totalmente abstracta pintada pelo alemão Kandinsky, ainda se repete o chavão de que não é perceptível. “É preciso perceber como é que ainda hoje continuamos sem a conseguir ler. Este é outro dos aspectos que me leva a continuar a trabalhar e insistir na arte abstracta.”

A explicação está na educação – ou falta dela – e na forma como a arte em geral é negligenciada nas escolas, defende. “Há uma enorme falta de formação artística. A arte abstracta não se vê só com os olhos. Requer um treino. O diálogo entre a pessoa e a obra é completamente independente do artista e é também por isso que não gosto muito de explicar os meus quadros.”

O desconforto é confirmado logo a seguir quando hesita para falar sobre o processo criativo. Antes de verbalizar o que lhe parece da ordem do transcendente, cita Henri Matisse. “A cor só é eloquente quando está organizada”, diz. Não era um pintor abstracto, mas percebe-se porque foi o nome que lhe veio à mente quando mais tarde fala de referências e o pintor francês do pós-impressionismo está no topo da lista.

De volta ao processo criativo, Joaquim Franco retrata o seu como um caminho “complicado”. Lembra que começou com muita cor, muita composição e que se foi tornando cada vez mais minimalista. A exclusão “do que não era importante” volta a ser uma consequência da era marcada pela abundância de informação visual. “Sinto que quanto mais reduzido for o discurso, melhor é entendido.”

“O MEU TRABALHO É UMA OBSERVAÇÃO DO QUE SE PASSA LÁ FORA. PROCURO QUE SEJA UMA PORTA ABERTA ONDE PROJECTO AS MINHAS EMOÇÕES, QUE ESPERO QUE LEVEM A QUE OS OUTROS SINTAM NOS SEUS TERMOS. É LIBERDADE PARA OS QUE ESTÃO DE MENTE ABERTA”

Antes de explicar como começa, cita outra dos nomes que admira. “Como Braque dizia: ‘A tela é um risco que é preciso correr’. Nunca se sabe o que vai acontecer.”

É-lhe difícil enumerar passo a passo como transforma o espaço em branco noutra cor com um significado, mas sabe que há momentos incontornáveis até conseguir chegar à obra. Parar é um deles. “Não sei bem porquê, mas paro. Deixo a tela inacabada e às vezes fica assim meses, um ano.”

Levanta-se, procura entre a fileira de quadros que tem entre o sofá e a parede, e aponta: “Esta está aqui há 20 anos. Não a sinto finalizada, mas não sei como acabá-la. Perdi o momento. Não consigo ir até lá, voltar aquele estúdio para continuar.”

As marcas da formação na Sociedade Nacional



de Belas Artes, diz, ficaram. “Tinha professores muito exigentes e insistiam bastante na importância do sentido crítico. Sem isso, faço uma pintura e não consigo analisar e ver o que está bem e mal, o que deve ser mudado e mantido. É por isso que preciso de parar, de me sentar e olhar para o que estou a fazer com distância.”

São várias as vezes que deixa as “pinturas encostadas”, verbo que usa para representar a suspensão do trabalho. Há as que consegue retomar, e as que não. Mas mesmo as que finaliza, ressalva que nunca ficam terminadas. “Um quadro nunca está acabado. Passados uns anos, sentes que já não o farias assim. Olhamos e sentimos que falta alguma coisa. Se formos honestos com o nosso trabalho, raramente voltamos atrás. Há muitos anos, descobri uma pintura que estava perdida no ateliê. Limpei-a e resolvi retocá-la. Não fui capaz. Tive de a deitar fora. Já não estava naquele ponto, já nem parecia minha.”

A ORIENTE ALGO DE NOVO

Um olho mais treinado nota que a obra de Joaquim Franco é também um reflexo do local onde escolheu viver nas últimas décadas. Assume que não o surpreenderia que lhe identificassem traços orientais tendo em conta o tempo que leva nesta parte do mundo. A vivência, as viagens e o estudo contínuo da história e da pintura chinesa e de outros territórios asiáticos deixaram vestígios. Deu-se conta que eram muito mais evidentes numa das residências artísticas que fez na Colômbia, em 2015. “Havia vários encontros com outros artistas, mostrávamos e discutíamos os trabalhos de cada um e dei-me conta disso quando mencionaram que a minha composição era completamente diferente. Foi quando percebi que a pintura chinesa me influenciou bastante.”

Apesar das influências, períodos, altos e baixos na carreira, a assinatura mantém-se. Influenciado por muitos dos pintores que admira – Picasso, Pollock, Maxwell e Pierre Soulages só para dar alguns exemplos –, a cor é monopolista na obra de Joaquim Franco, na qual o abstraccionismo já teve diferentes nomes.

A última fase, na qual está a trabalhar desde 2019, e que é uma evolução do que começou em 2018 sobre o mar, chama-se Oceanos. A forte ligação à água desde a infância faz do tema natural e transversal à sua arte. A ameaça ambiental fez dele urgente. “O interesse neste tema aparece quase quando nasci pela ligação ao mar e às causas do mar.”

Parte da série Oceanos esteve exposta em Hong

Kong, em 2018, na Galeria Nido, numa mostra individual com 20 trabalhos. Além das pinturas, Oceanos pressupõe ainda uma instalação feita a partir de plástico. “The Wave” (A Onda, em português) quer chamar a atenção para a sustentabilidade. “A poluição causada pelo desperdício do plástico é um problema grave. A sociedade tem de o resolver. As grandes cidades são a principal origem do lixo, e onde o consumo tem de diminuir.”

A ideia subjacente à instalação é que seja construída com o plástico que cada cidadão consome em média diariamente. “É com esse lixo que pretendo erguer a instalação. Imaginemos que seria em Hong Kong. Se cada residente trouxer uma garrafa de água, são sete milhões de garrafas. Dava uma onda gigante”, ilustra.

O objectivo, acrescenta o artista, é que seja um trabalho de comunidade que inclua artistas locais, escolas, ambientalistas na missão de alertar para a urgência de reduzir o consumo e produção de lixo. “Acredito nos resultados do envolvimento e contribuição da população. Associar a imagem da cidade à redução do uso do plástico e, simultaneamente com a arte, é uma obrigação”, defende, alertando para a importância da obra ganhar forma e ficar exposta.

Franco estreou-se ao público em 1976, no museu da Ericeira e a partir de então nunca mais parou. São mais de 100 as exposições, individuais e colectivas, que conta. Além de Macau e Portugal, o trabalho do artista foi exibido ou está em exposição no Interior do País, Inglaterra, Estados Unidos, Brasil, Colômbia, Espanha, Japão, Holanda, França, México, entre outros destinos.

Na região, além das muitas exposições, a sua obra também está à vista no espaço público. Os quatro painéis no MGM e a frente do espaço Art Garden, no centro da cidade, são alguns dos trabalhos que assinou.

Desde 2019, colabora também com a Galeria de Arte Zhouzhou, em Zhuhai, como consultor de arte e professor. A docência foi aliás uma componente sempre presente. Localmente, a par de outras entidades, colaborou com a Universidade de Macau, de 1998 a 2014; com o Instituto Politécnico de Macau, de 1991 a 1994; com o Museu de Arte de Macau e com associação AFA – Art for All.

Em 1986, ainda em Portugal, começa a dar aulas de arte terapia, área na qual acumula experiência em Macau, Brasil, Tailândia, Colômbia e Filipinas, este último onde teve das experiências profissionais e pessoais mais duras.

“A VIDA NÃO É PARA SEMPRE E SINTO QUE ME DEVO FOCAR MAIS NO TRABALHO ARTÍSTICO, APESAR DE SER MAIS COMPLICADO EM TERMOS DE SOBREVIVÊNCIA”



No arquipélago levou a cabo dois projectos com outros artistas: o primeiro em Tacloban, quando atingida por um super tufão em 2013, que, só na zona, fez mais de 6200 mortes e 2000 desaparecidos, num trabalho com cerca de 130 crianças, totalmente financiado pelo artista. O segundo, na cidade de Zamboanga, depois de um ataque perpetrado por guerrilhas que deixaram um rasto de morte e de destruição. “Tínhamos 350 crianças. Batíamos palmas e eles assustavam-se traumatizadas”, conta. “Acredito no poder da arte.”

E como se sentasse no sofá no momento em que pára para observar a obra e fazer o balanço com sentido crítico, diz: “Vivemos num mundo em que a raça humana atravessa um tempo de crise, em que o conhecimento sobre o próprio e a humanidade é superficial. Emoções como a incerteza, o medo e a vulnerabilidade não são realmente entendidas”.

Há um medo colectivo, continua, que é fomentado pelas redes sociais que se aproveitam através da manipulação da informação, aproveitamento de informação pessoal, e que degeneram em problemas como a violação de género, crise de refugiados e emigração, terrorismo, crises climáticas e outros dramas. “O meu trabalho é uma observação do que se passa lá fora. É um espelho no qual o trabalho criativo, a intuição e emoções se fundem numa reflexão desse mundo. Não há julgamentos, nem respostas. Procuo que seja uma porta aberta onde projecto as minhas emoções, que espero que levem a que os outros sintam nos seus termos. É liberdade para os que estão de mente aberta.” M

EVENTOS

Explorando os limites da luz

A exposição fotográfica “Um Quarto com Vista”, do artista contemporâneo francês Baptiste Rabichon, está patente na Galeria do Tap Seac até dia 27 de Junho. Por entre deambulações em Paris ou na Índia, o artista apresenta um ensaio de 41 obras que exploram os limites do digital e do analógico numa mistura poética, bizarra e, a tempos, alucinatória

Texto | Pedro Arede

Entre a confusão desordenada, de certa forma, familiar do interior de uma divisão e a vista para um sonho do lado de lá da janela, Baptiste Rabichon parte em busca de explorar os limites da fotografia, num jogo de luz e sombra, de positivos e negativos, sobreposições, contornos e perspectivas desconexas.

Integrada na programação do 31.º Festival de Artes de Macau (FAM), a exposição “Um Quarto com Vista”, da autoria do fotógrafo contemporâneo francês Baptiste Rabichon, pode ser visitada até 27 de Junho na Galeria do Tap Seac.

Na busca de explorar a utilização de novas e velhas técnicas fotográficas na criação do seu trabalho, em “Um Quarto com Vista” Baptiste Rabichon propõe-se a apresentar “um contexto realista, alucinatório e incrível” que pretende abrir portas para os visitantes procurarem, também eles, novas possibilidades no universo da criação artística e que algumas barreiras da fotografia sejam quebradas.

A exposição divide-se em cinco séries: “Álbuns”, “Camisas do Pai”, “Árvores dos Jardins de Lodhi”, “Varandas” e “Desenhos de Manhattan”, apresentando 41 trabalhos fotográficos contemporâneos.

Na sua mensagem dedicada à exposição, a presidente do Instituto Cultural (IC), Mok Ian Ian, ressalva que cada peça patente na mostra recombina fotografia analógica, imagens digitais e projecção de objectos do quotidiano “numa mescla bizarra de charme clássico e texturas contemporâneas, como uma janela que se abre para um lindo sonho”.

Na série “Álbuns”, por exemplo, o artista assume o formato quadrado, tal como na capa de um CD ou vinil, para sobrepor



centenas de imagens de Paris, onde joga com o positivo e o negativo, com contrastes e brinca com imagens originais. O resultado parece estar algures entre o imaginário e o real, onde objectos do dia a dia convivem com motivos florais e uma profundidade de dimensão curiosa.

Já na série “Árvores dos Jardins de Lodhi”, Baptiste Rabichon apresenta uma abordagem totalmente diferente, inspirada no tempo que passou na Índia. O resultado são 10 árvores imaginárias, peçadas de detalhe e onde, segundo o artista Wong Ho Sang, “as plantas e objectos são movidos e interlaçados para formar uma composição que é precisa e complexa, criando uma peça que lembra as técnicas de colagem e fotomontagens e os vivos detalhes da arte islâmica”.

Nascido em Paris no ano de 1987, Baptiste Rabichon tem vindo a ganhar destaque através da participação em inúmeras exposições, não só em França, mas também na China. Estudou em várias escolas de arte francesas e formou-se no Le Fresnoy – Studio National des Arts Contemporains em 2017, tendo ganho a Residência BMW e o prémio Moly-Sabata/Salon de Montrouge em 2017 e 2018, respectivamente, e foi seleccionado como artista residente da Cité internationale des arts em 2019 e 2020.

Um Quarto com Vista - Exposição de Fotografia de Baptiste Rabichon

Até 27 de Junho
Galeria do Tap Seac
Entrada livre

Regatas Internacionais de Barcos-Dragão • As Regatas Internacionais de Barcos-Dragão de Macau 2021 terão lugar entre 12 e 14 de Junho no Centro Náutico da Praia Grande. As regatas internacionais propriamente ditas serão realizadas no dia 13 de Junho, sendo que no dia seguinte, por ocasião do Festival dos Barcos-Dragão, serão realizadas as provas para Pequenas Embarcações e Grandes Embarcações. Além disso, a 12 de Junho, no primeiro dia do evento, será realizado o Festival em Família, que contará com diferentes tendas de jogos e actividades experimentais, para que os visitantes possam sentir a atmosfera alegre da Festividade de Tung Ng.

Entre 12 e 14 de Junho | Centro Náutico da Praia Grande
Entrada livre



Yang Xuefei regressa a Macau para concerto único •

Reconhecida como uma das melhores guitarristas clássicas a nível global, Yang Xuefei regressa a Macau no dia 30 de Junho para apresentar o espectáculo “Esboços da China”. Prometendo proporcionar aos espectadores uma viagem improvável entre a música chinesa e europeia, a artista subirá ao palco do Grande Auditório do Centro Cultural de Macau (CCM) acompanhada pela mestre do erhu Lu Yiwen e pela tocadora de pipa Sun Ying. Ao longo de “Esboços da China”, Xuefei propõe-se, simultaneamente, a levar o público de volta à dinastia Han e até à era moderna, com interpretações de temas do folclore chinês e composições latinas. Para além de peças mais conhecidas como Nuvens de Prata Perseguindo a Lua e Três Variações de Cerejeiras em Flor, através do dedilhar inconfundível de Yang Xuefei, o público viajará também pela inspiração flamenca, incluindo trabalhos de Paco Peña e Juan Martín.



30 de Junho | 20h00 | Grande Auditório do Centro Cultural de Macau | Bilhetes entre 100 e 250 patacas



Descobrir as profundezas dos oceanos com a chancela do Museu de História Natural •

Até 26 de Setembro de 2021, o Átrio e a Galeria 02 do Centro de Ciência de Macau acolhem a exposição “Unseen Oceans”. A mostra, idealizada e produzida pelo Museu Americano de História Natural, em colaboração com cientistas norte-americanos e britânicos, pretende apresentar ao público as mais recentes descobertas e métodos de investigação relacionados com o tema das “criaturas estranhas”, desde as águas costeiras pouco profundas até às profundezas do mar. Através de meios interactivos e multimédia, a exposição permite aos visitantes explorar as profundezas dos oceanos em nove áreas distintas, tais como “Viajantes Fantásticos”, “Criaturas Misteriosas”, “Encontrar Criaturas Gigantes”, “Profundezas do Mar”, “Fronteiras Invisíveis”, “Oceanos Abundantes” e “Macau de Hoje e do Passado”, onde serão exibidos mais de 30 itens.

Até 26 de Setembro | Encerra à quinta-feira | Átrio e Galeria 02 do Centro de Ciência de Macau | Bilhetes entre 25 e 60 patacas

Hush! Concertos de Verão • A edição de 2021 do “Hush!

Concertos de Verão” acontece de 26 de Junho a 11 de Julho em vários palcos situados junto às zonas costeiras da cidade, como a Praça do Centro de Ciência, as Oficinas Navais n.º 2 e o Terraço da Ponte Cais n.º 9, no Porto Interior. Além de concertos, actuações temáticas, tendas de profissionais locais, instalações artísticas e concursos de música online, o evento irá contar, pela primeira vez, com o palco “hush! Kids”, destinado à participação de bandas formadas por membros com idade média de 12 anos ou menos. As restantes bandas participantes estarão divididas pelas categorias “Hot Wave”, “Upbeat Power” e “Summer Chill”. Haverá também lugar para o “Workshop de Música” e para a actividade “Desenvolvimento Musical Temático”, que inclui bandas locais convidadas com o propósito de “promover o desenvolvimento da música pop em Macau”.



De 26 de Junho a 11 de Julho | Vários locais | Entrada livre

A contar é que a gente se entende

(Re)contos do Oriente: Um olhar dos estudantes chineses é uma antologia de 28 contos orientais redigidos em português por alunos do curso de Tradução e Interpretação Chinês-Português/ Português-Chinês do Instituto Politécnico de Macau. Paula Cristina Ferreira e Fausto Caels são os docentes do Instituto Politécnico de Leiria responsáveis pelo projecto de escrita que se propõe a “fazer a ponte entre duas margens do mesmo rio”



Texto | Pedro Arede

Quem conta um conto, acrescenta um ponto, mas, neste caso, pode muito bem ter acrescentado mais do que isso. Fruto da parceria entre a Escola Superior de Educação e Ciências Sociais do Instituto Politécnico de Leiria (ESECS-IPLeia) e a Escola Superior de Línguas e Tradução do Instituto Politécnico de Macau (ESLT-IPM), que todos os anos leva os alunos do segundo ano do curso de Tradução e Interpretação Chinês-Português/ Português-Chinês do IPM a Portugal, nasceu o livro *(Re)contos do Oriente: Um olhar dos estudantes chineses*.

A obra, editada no início de 2021, contou com a coordenação dos docentes Paula Cristina Ferreira e Fausto Caels e resultou numa antologia de 28 contos do Oriente escritos em língua portuguesa por alunos do IPM oriundos de Macau e do Interior do País que aceitaram o duplo desafio, de aplicar as competências de escrita adquiridas na unidade curricular de Géneros Textuais e divulgar a cultura oriental.

“Enquanto docentes, considerámos fundamental criar um projecto de escrita em torno deste género textual. Um projecto que permitisse, aos estudantes, aplicar as competências de escrita adquiridas na disciplina, por um lado, e contribuir para a divulgação de elementos da cultura oriental a falantes da língua portuguesa, por outro”, explicam Paula Cristina Ferreira e Fausto Caels na nota de apresentação da obra.

Os 28 contos foram elaborados individualmente ou em grupo, segundo o cri-



tério dos estudantes, fazendo-se acompanhar, na maior parte das vezes, por ilustrações concebidas também pelos próprios alunos de forma “autodidata, humilde e corajosa”. Além disso, “celebrando a diversidade linguística”, os títulos de todos os contos são apresentados em formato trilingue, ou seja, português, mandarim (escrito com caracteres) e pinyin.

ENSINAMENTOS MILENARES

Os textos incluídos no livro inserem-se na classe dos contos tradicionais, geralmente de autor desconhecido e transmitidos de geração em geração. Vincando que a cultura oriental, e a China, em particular, dispõe de uma longa e rica tradição no que diz respeito a contos tradicionais, os docentes sublinham que é possível identificar na obra alguns traços literários e culturais, como “a questão

do tempo”, que transporta o leitor para tempos mitológicos, de forma a explicar a origem do mundo, ou “a exploração de traços de carácter fundamentalmente humanos”, como o espírito de entreajuda, a inteligência e o amor.

Ao longo dos textos é ainda possível apontar uma enorme diversidade de protagonistas, com destaque para a participação de animais, fantásticos ou não, e a presença de “finalidades sociais” e “ensinamentos morais”.

“Assim sucede, por exemplo, em ‘Os três monges’, ‘A ave contra o mexilhão’ ou ‘À espera do coelho’. Alguns valores – universais e, ao mesmo tempo, tipicamente orientais – que emanam destes textos são a importância atribuída ao trabalho, à perseverança, à humildade e à capacidade de agir em função de um bem comum maior”, apontam os docentes responsáveis pela coordenação da obra.

PARA LER



Desvelo • 關愛 • Zeal

Gonçalo Lobo Pinheiro | Ipsis Verbis | 2021

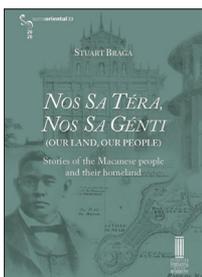
Desvelo • 關愛 • Zeal é fruto dos registos visuais de Gonçalo Lobo Pinheiro em dois lares de idosos localizados em Macau, que foram parcialmente confinados, durante a pandemia de covid-19. O livro, lançado no dia 29 de Abril de 2021, exactamente um ano depois da realização da primeira reportagem fotográfica, apresenta um total de 30 fotografias a cores. O prefácio ficou a cargo de Carlos Morais José. Com uma tiragem de 300 exemplares, a edição da Ipsis Verbis é limitada, numerada e assinada.



O Comedor de Sonhos

Carlos Morais José e Ana Jacinto Nunes | COD | 2021

Lançado em Abril, *O Comedor de Nuvens* é uma obra como mais de 130 páginas que inclui textos de Carlos Morais José, ilustrados com fotografias de azulejos de Ana Jacinto Nunes. A obra, que tem a chancela da COD, propõe-se, através de textos materializados sob diversas formas, a explorar a questão da impermanência e do próprio simbolismo das nuvens a nível civilizacional, enquanto objecto de projecção da imaginação de cada um, mas também como fronteira em relação ao céu. As fotografias dos azulejos criados por Ana Jacinto Nunes foram captadas pelo fotógrafo José Manuel Costa Alves.



Nos Sa Téra, Nos Sa Génti (Our Land, Our People) – Stories of the Macanese people and their homeland

Stuart Braga | IIM | 2020

O novo livro do académico Stuart Braga é uma publicação em língua inglesa que relata histórias desconhecidas do grande público, relacionadas com acontecimentos ocorridos em Macau e Hong Kong. *Nos Sa Téra, Nos Sa Génti (Our Land, Our People) – Stories of the Macanese people and their homeland* descreve episódios sobre Macau e as suas gentes, mas também sobre instituições, edifícios, sucessos alcançados e momentos difíceis que marcaram o território. A obra conta com mais de 40 capítulos, divididos em seis partes.



Macaense Cuisine – Origins and Evolution

António Pacheco Jorge da Silva | 2021 | Macao Daily News

Publicado inicialmente em inglês no ano de 2016 pelo Instituto Internacional de Macau (IIM), *Macaense Cuisine – Origins and Evolution*, de António Pacheco Jorge da Silva foi agora editado em língua chinesa pelo Macao Daily News (澳門日報). O livro, distinguido em 2019 com o prémio “Gourmand World Cookbook”, descreve, não só as origens e a história da cozinha macaense, mas também o legado das receitas e memórias das famílias macaenses antes e após a Segunda Guerra Mundial, momento que marcou a emigração de macaenses pelo mundo fora, hoje considerada a diáspora macaense. O livro é totalmente ilustrado e inclui o conteúdo original das edições anteriores.



The Beginning of The Modern Chinese Press History/Macau Press History 1557-1840

Agnes Lam | 2016 | UM

A monografia *The Beginning of The Modern Chinese Press History/Macau Press History 1557-1840* da professora associada do Departamento de Comunicação da Faculdade de Ciências Sociais e directora do Centro de Estudos de Macau da Universidade de Macau (UM), Agnes Lam, recebeu o segundo prémio, a nível nacional, nos “Oitavos Prémios de Investigação Científica de Destaque no Ensino Superior (Ciências Humanas e Sociais)”. Lançado em 2016, o livro percorre quase 300 anos da história da imprensa e da indústria editorial de Macau, desde a abertura do território como porto franco, até à Primeira Guerra do Ópio.



Monumento à vitória

Foto | Álbum Macau 1844-1974, Fundação Oriente, 1989

O Monumento da Vitória ergue-se no meio do Jardim da Vitória, na Avenida de Sidónio Pais, celebrando a vitória dos portugueses sobre os invasores holandeses. Entre meados do século XVI e inícios do século XVII, os Países Baixos tornaram-se uma potência dominante na Europa e iniciaram a sua expansão para Oriente, seguindo as rotas pioneiras dos portugueses. Macau era um território bastante cobiçado, o que levou a uma série de incursões armadas por parte dos holandeses, antes da tentativa real de capturar a cidade. Em 1622, os holandeses enviaram uma esquadra com mil soldados para tentar conquistar Macau. Durante a invasão, diz a história que um padre jesuíta disparou um tiro de canhão da Fortaleza do Monte – na altura apenas um simples aquartelamento – que acertou no paiol dos holandeses, causando uma tremenda explosão que desmontou as suas forças. Os solda-

dos bateram em retirada, salvando-se assim a cidade.

De acordo com os registos históricos, foi aqui que os cidadãos de Macau e alguns soldados presentes em Macau derrotaram a invasão dos soldados holandeses no dia 24 de Junho de 1622. O governo português de Macau da altura inaugurou este jardim em 1871 para celebrar a vitória de Macau contra a tentativa de ocupação holandesa. O jardim era outrora conhecido como “Campo dos Arrependidos”, passando depois a chamar-se “Campo da Vitória” e mais tarde “Praça da Vitória”. O monumento octogonal que se encontra no centro do jardim, da autoria do famoso escultor e decorador português Rafael Bordalo Pinheiro, tem gravado, no topo, o escudo português, folhas de loureiro e uma cruz, e ainda uma inscrição com um excerto da famosa obra *Os Lusíadas* de Luís de Camões, no pedestal. **M**

2021 MIECF

Macao International Environmental
Co-operation Forum & Exhibition
2021年澳門國際環保合作發展論壇及展覽

主辦單位



中華人民共和國澳門特別行政區政府



共創綠色低碳新時代

Towards a Green and Low Carbon New Era

05 - 07 / 08 / 2021 · 澳門 MACAO

www.macaomiecf.com

關注環保 · 親近自然 · 分享樂活

Thinking Green · Going Clean · Living Cool

2021 MIECF 官方承辦單位



澳門貿易投資促進局
Instituto de Promoção do Comércio e do Investimento de Macau
Macao Trade and Investment Promotion Institute

電郵 Email : miecf@ipim.gov.mo



環境保護局
Bureau des Services
de Protection Ambientale
Environmental Protection Bureau

電郵 Email : miecf@dspa.gov.mo



MIECF 官方網站
MIECF Official Website

澳人'食住'遊

Passeios, gastronomia e estadia para residentes de Macau



A fim de acelerar a revitalização da indústria do turismo e dos sectores relacionados, bem como estimular o consumo nos bairros comunitários

de Abril a Dezembro

Experiência de hotel

A cada residente de Macau será atribuído um subsídio

Subsídio de estadia

MOP200

Subsídio máximo por quarto é de MOP400, ou seja para 2 hóspedes

23 de Abril

Data de início de estadia

Excursões locais

A cada residente de Macau será atribuído um subsídio

Subsídio de excursões

MOP280

Programa dos 6 roteiros

De Abril a Junho

De Setembro a Dezembro

Aos fins de semanas e feriados

De Julho a Agosto

Diariamente

Ponto de partida:

Terminal Marítimo do Porto Exterior

25 de Abril

Data de início de excursões locais



Linha de consulta

8396 3052 , 2838 9153

Horário de atendimento

de Segunda a Domingo
das 9h00 às 19h00

Para se inscrever e obter informações mais detalhadas, é favor contactar as agências de viagens participantes no programa

15 de Abril

Inscrição



DIRECÇÃO DOS SERVIÇOS DE TURISMO